

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**O HOMEM E SEU LUGAR:
DIÁLOGOS ENTRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E AS DEMANDAS DE
CONSUMO NA CIDADE DA BARRA DE SÃO MIGUEL – AL**

Luciano Lima Ferreira

**MACEIÓ
2012**

Luciano Lima Ferreira

**O HOMEM E SEU LUGAR:
DIÁLOGOS ENTRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E AS DEMANDAS DE
CONSUMO NA CIDADE DA BARRA DE SÃO MIGUEL – AL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Emília de Gusmão Couto

**MACEIÓ
2012**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Fabiana Camargo dos Santos

F383h Ferreira, Luciano Lima.

O homem e seu lugar: diálogos entre as práticas cotidianas e as demandas de consumo na cidade da Barra de São Miguel - AL / Luciano Lima Ferreira. – 2012.

138 f. : il.

Orientador: Maria Emília de Gusmão Couto.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

Bibliografia: f. 131-133.

Apêndices: f. 134-138.

1. Lugar identitário. 2. Lugar não-identitário. 3. Supermodernidade. 4. Cotidiano urbano. 5. Crescimento urbano- Consumo. I. Título.

CDU: 711.4:316.47

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO**

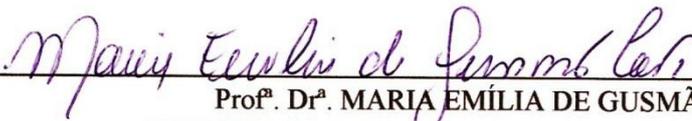
Luciano Lima Ferreira

**O HOMEM E SEU LUGAR:
DIÁLOGOS ENTRE AS PRÁTICAS COTIDIANAS E AS DEMANDAS
DE CONSUMO NA CIDADE DA BARRA DE SÃO MIGUEL – AL**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em 15/06/2012.

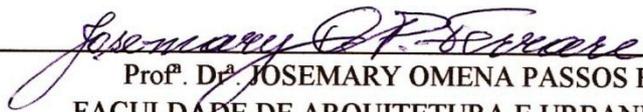
BANCA EXAMINADORA



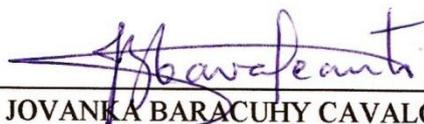
Prof^ª. Dr^ª. MARIA EMÍLIA DE GUSMÃO COUTO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – UFAL



Prof^ª. Dr^ª. GIANNA MELO BARBIRATO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – UFAL



Prof^ª. Dr^ª. JOSEMARY OMENA PASSOS FERRARE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO – UFAL



Prof^ª. Dr^ª. JOVANKA BARACUHY CAVALCANTI SCOCUGLIA
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO – UFPE

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. A investigação teve por objetivo conhecer o *lugar do acontecer da vida* do homem e suas trocas relacionais: como o homem – através de seus hábitos cotidianos – interage, percebe, usa e atribui significados aos espaços urbanos e, ao mesmo, tempo sofre influência do meio. Neste estudo, priorizou-se as relações habitante/cidade e habitante/habitante, portanto o lugar e a vida cotidiana aparecem tanto como conceitos principais quanto elementos componentes da vida praticada pelo homem. Assim, foi necessário construir um arcabouço teórico sobre a noção de *lugar* e de *cotidiano* e de outros conceitos correlatos para problematizar toda a investigação e encontrar a perspectiva de análise que melhor explicasse a realidade. Como recorte geográfico, para os estudos empíricos, foi escolhida a cidade da Barra de São Miguel, que é uma pequena cidade do litoral Sul de Alagoas, distante 33 km da capital. Seu território tem sofrido grandes transformações nos últimos anos devido à combinação de dois agentes do sistema capitalista moderno: atividade turística/empreendimento imobiliário. Os espaços transformados em espetáculo, a ser consumido, têm mudado não só as feições espaciais, mas interferido nas relações sociais e cotidianas, gerando novas formas relacionais (homem/espaço). Esta dinamização do território se reflete significativamente no dia a dia vivido pelo morador da cidade e, na forma como ele percebe, entende, conhece, vê e atribui significado aos lugares do cotidiano. Para chegar ao entendimento da realidade em estudo, foi elaborado instrumental metodológico – *Teoria das Classificações Múltiplas, Representações Sociais e Itinerários Cotidianos* –, com o qual se busca extrair, por meio de entrevistas, os elementos para compreender as representações e relações do homem com seu lugar, diante das insurgências dos agentes do consumo, produtores de lugares *não-identitários* e de pseudoconcepção do real. E como resultado obteve-se: As representações da Barra de São Miguel (e de qualquer cidade), na consciência do habitante, não são compostas apenas por meio do diálogo puro e simples entre o morador e o território da cidade. Os objetos (equipamentos urbanos) trazem consigo registros de forças exógenas àquele espaço, modelando-os e dando-lhe funcionalidades condizentes aos ditames mundiais. Estas forças – no caso da Barra de São Miguel – são exercidas pelo turismo, pelo mercado imobiliário e pelas políticas públicas adotadas no intuito de garantir o desenvolvimento destas atividades econômicas. Com este foco, as relações de consumo que se expressam e são identificadas nesta cidade têm como ênfase a apropriação exaustiva dos aspectos naturais, paisagísticos e culturais para fins turísticos e imobiliários. Trata-se da constituição de uma imagem midiática da cidade, supervalorizando os diferenciais e potenciais naturais, no intuito de agregar valor aos empreendimentos turísticos, e incutir, no visitante, o desejo de consumo do prazer e da diversão.

Palavras-chave: Lugar identitário. Lugar não-identitário. Supermodernidade. Cotidiano urbano. Crescimento urbano- Consumo.

ABSTRACT

This paper presents the results of the research dissertation submitted to the Graduate Program in Architecture and Urbanism, Federal University of Alagoas. The research aimed to know the place of the *happening of human life* and its relational exchanges, like the man - through their daily habits - interacts, perceives, uses and meanings attributed to urban spaces, and the same, time is influenced by the way . In this study, priority was given relations inhabitant/city and inhabitant/inhabitant, so the *place* and *everyday life* as both concepts appear as main component elements of life practiced by man. Thus, it was necessary to build a theoretical framework on the notion of place and daily life and other related concepts to discuss all the research and find the analytical perspective that best explain reality. As geographical cutout, to empirical studies, we chose the town of Barra de São Miguel, which is a small town in the southern coast of Alagoas, distant 33 km from the capital. Its territory has undergone major changes in recent years due to a combination of two agents of the modern capitalist system: tourism / farm estate. The spaces transformed into a spectacle to be consumed, have changed not only the spatial features, but interfered with the social relations and everyday life, creating new relational forms (man/space). This dynamism is reflected significantly in the territory on a daily basis by experienced city dweller, and the way he perceives, understands, knows, sees and gives meaning to everyday places. To come to an understanding of the reality under study was prepared methodological tools – *Theory of Multiple Classifications, Social Representations and Everyday Itineraries* – with which one seeks to extract, through interviews, the elements to understand the representations and relations of man with his place before the insurgencies of the agents of consumption, producers places *no identity* and false conception of reality. And as a result was obtained: Representations of Barra de São Miguel (and any city), in the consciousness of the inhabitants, are not composed only by pure and simple dialogue between the resident and the territory of the city. The objects (urban infrastructure) bring records of exogenous forces that space, shaping them and giving you features consistent with the dictates world. These forces – in the case of Barra de São Miguel – are pursued by tourism, the housing market and public policies adopted in order to ensure the development of these economic activities. With this focus, consumer relations that are expressed and are identified in this town have an emphasis on a comprehensive settlement of the natural, scenic and cultural tourism and real estate purposes. It is the creation of a media image of the city, overestimating the differences and potential natural in order to add value to tourism developments, and to instill in the visitor, consumer desire for pleasure and fun.

Key words: Place identity. Place non-identity. Supermodernity. Urban everyday life. Urban-consumption.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Fotos antiga da cidade (1920).....	16
FIGURA 02	Mapa de Alagoas.....	18
FIGURA 03	Recorte do mapa rodoviário de Alagoas	19
FIGURA 04	Dados climatológicos da Barra de São Miguel/AL	20
FIGURA 05	Estabelecimento de Ensino localizado no município de BSM	22
FIGURA 06	Visão da área externa do empreendimento turístico <i>Villa Niquin</i> (BSM).....	25
FIGURA 07	Imóveis fechados disponíveis para aluguel ou venda espalhados pela cidade (BSM). 26	
FIGURA 08	Divisão administrativa (em bairros) da área urbana da BSM	27
FIGURA 09	Favela no bairro de Saquarema/BSM.....	28
FIGURA 10	Estrutura urbana do Centro/BSM.....	29
FIGURA 11	Imagens da ONG Pense Brasil e do CRAS/BSM	29
FIGURA 12	Imagens do bairro Praia das Conchas/BSM	30
FIGURA 13	Tipologia das construções no Bairro Alto de São Marcos/BSM	30
FIGURA 14	Andamento de obra de um condomínio no Bairro Barra Mar/BSM (jan. a jun./2011) 31	
FIGURA 15	Vista aérea da localização e estrutura interna do condomínio/BSM.....	33
FIGURA 16	Vista da entrada e do acesso à praia do condomínio em construção/BSM	34
FIGURA 17	Projeção ilustrativa do empreendimento acabado/BSM.....	34
FIGURA 18	Implantação ilustrada do condomínio/BSM	35
FIGURA 19	Contraste social entre as casas e mansão - BSM.....	35
FIGURA 20	Imposto sobre Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) – AL.....	36
FIGURA 21	Esquema da construção da imagem ambiental	52
FIGURA 22	Elementos que compõem a imagem.....	52
FIGURA 23	Havái (EUA), <i>Disney</i> (EUA) e Dubai (Emirados Árabes Unidos) – expressões singulares de simulacros existentes no mundo contemporâneo	60

FIGURA 24	Ficha com as questões da pesquisa piloto	67
FIGURA 25	Áreas da aplicação do questionário – Barra de São Miguel/AL.....	72
FIGURA 26	Tríplice fundamentação analítica	76
FIGURA 27	Esquema explicativo do Instrumental Metodológico	79
FIGURA 28	Cartões de palavras utilizados no questionário	80
FIGURA 29	Apresentação e descrição do cartão 01 utilizado no instrumental metodológico	81
FIGURA 30	Apresentação e descrição do cartão 02 utilizado no instrumental metodológico	81
FIGURA 31	Apresentação e descrição do cartão 03 utilizado no instrumental metodológico	82
FIGURA 32	Apresentação e descrição do cartão 04 utilizado no instrumental metodológico	82
FIGURA 33	Apresentação e descrição do cartão 05 utilizado no instrumental metodológico	83
FIGURA 34	Apresentação e descrição do cartão 06 utilizado no instrumental metodológico	83
FIGURA 35	Apresentação e descrição do cartão 07 utilizado no instrumental metodológico	84
FIGURA 36	Apresentação e descrição do cartão 08 utilizado no instrumental metodológico	84
FIGURA 37	Apresentação e descrição do cartão 09 utilizado no instrumental metodológico	85
FIGURA 38	Apresentação e descrição do cartão 10 utilizado no instrumental metodológico	85
FIGURA 39	Apresentação e descrição do cartão 11 utilizado no instrumental metodológico	86
FIGURA 40	Apresentação e descrição do cartão 12 utilizado no instrumental metodológico	86
FIGURA 41	Apresentação e descrição do cartão 13 utilizado no instrumental metodológico	87
FIGURA 42	Apresentação e descrição do cartão 14 utilizado no instrumental metodológico	87
FIGURA 43	Apresentação e descrição do cartão 15 utilizado no instrumental metodológico	88
FIGURA 44	Apresentação e descrição do cartão 16 utilizado no instrumental metodológico	88
FIGURA 45	Apresentação e descrição do cartão 17 utilizado no instrumental metodológico	89
FIGURA 46	Apresentação e descrição do cartão 18 utilizado no instrumental metodológico	89
FIGURA 47	Apresentação e descrição do cartão 19 utilizado no instrumental metodológico	90
FIGURA 48	Apresentação e descrição do cartão 20 utilizado no instrumental metodológico	90
FIGURA 49	Apresentação e descrição do cartão 21 utilizado no instrumental metodológico	91

FIGURA 50	Apresentação e descrição do cartão 22 utilizado no instrumental metodológico	91
FIGURA 51	Apresentação e descrição do cartão 23 utilizado no instrumental metodológico	92
FIGURA 52	Apresentação e descrição do cartão 24 utilizado no instrumental metodológico	92
FIGURA 53	Apresentação e descrição do cartão 25 utilizado no instrumental metodológico	93
FIGURA 54	Compilação de imagens que representam a Barra de São Miguel.....	107
FIGURA 55	Mapa perímetro da vida cotidiana – Barra de São Miguel/AL	115
FIGURA 56	Duas cidades percebidas – Barra de São Miguel/AL.	118

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Percentual de escolas por oferta de nível de escolaridade municipal	22
GRÁFICO 02	Resumo da condição de uso dos domicílios – BSM (AL).....	24
GRÁFICO 03	Pirâmide etária da Barra de São Miguel.....	73
GRÁFICO 04	Distribuição dos entrevistados por faixa etária	94
GRÁFICO 05	Nível de escolaridade dos entrevistados.....	95
GRÁFICO 06	Renda familiar dos entrevistados	96
GRÁFICO 07	Profissão dos entrevistados.....	96
GRÁFICO 08	Meio de transporte próprio	97
GRÁFICO 09	Opinião sobre a BARRA DE SÃO MIGUEL	99
GRÁFICO 10	Opinião sobre a palavra CIDADE.....	100
GRÁFICO 11	Opinião sobre a palavra BAIRRO.....	101
GRÁFICO 12	Opinião sobre a palavra RUA	101
GRÁFICO 13	Aspectos positivos relacionados a Barra de São Miguel.....	102
GRÁFICO 14	Opinião sobre a palavra RIO	103
GRÁFICO 15	Opinião sobre a palavra PRAIA.....	104
GRÁFICO 16	Aspectos negativos relacionados à Barra de São Miguel	104
GRÁFICO 17	Fotos por percentual de escolha	106
GRÁFICO 18	Lista dos dez lugares mais frequentados pelos entrevistados	111
GRÁFICO 19	Opinião sobre a palavra TURISMO.....	120
GRÁFICO 20	Lugar de destino quando aluga a residência	121
GRÁFICO 21	Aspectos NEGATIVOS do turismo	122
GRÁFICO 22	Aspectos POSITIVOS do turismo	123
GRÁFICO 23	Significado do turismo para a cidade	124
GRÁFICO 24	O que é viver na Barra de São Miguel	124

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Descriminação da população do município da BSM - AL	21
TABELA 02	População Urbana/Rural da BSM - AL	21
TABELA 03	Percentual de incidência de pobreza/AL	21
TABELA 04	Número de estabelecimentos de saúde do município	23
TABELA 05	Estado civil dos entrevistados	95
TABELA 06	Situação da moradia dos entrevistados	97
TABELA 07	Diferenças verificadas pelo morador na cidade	117

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 APRESENTANDO A BARRA DE SÃO MIGUEL – AL	15
1.1 Breve histórico	15
1.2 Parafraseando a geografia do lugar	18
1.2.1 Localização	18
1.2.2 Aspectos geoambientais	19
1.2.3 Aspectos demográficos.....	20
1.2.4 Serviços essenciais	22
1.2.5 Economia	23
1.3 A barra e seus parcelamentos	27
1.3.1 A Barra de São Miguel e os grandes condomínios	32
2 LUGAR: BASE DA VIDA COTIDIANA	37
2.1 O lugar: identitário, não-identitário	38
2.2 Por uma definição do lugar	42
2.3 Lugar: cidade, mundo	48
2.4 O lugar como mercadoria e a produção de simulacros	56
3 CONSTRUÍDO OS INSTRUMENTOS ANALÍTICOS	66
3.1 A pesquisa piloto	66
3.1.1 Objetivos e contribuições da pesquisa piloto.....	68
3.1.2 Resultados: entendendo a relação habitante/cidade	68
3.2 A pesquisa final	72
3.2.1 População e amostra.....	72
3.2.2 Especificidades metodológicas	74
3.2.2.1 Procedimentos.....	76

3.2.2.2 O instrumental metodológico.....	78
4 A BARRA DE SÃO MIGUEL E O <i>LUGAR DO ACONTECER DA VIDA</i>	94
4.1 Apresentação da amostra.....	94
4.2 Descrevendo e discutindo os resultados.....	97
4.2.1 A cidade vista, vivida, falada.....	98
4.2.2 Itinerários cotidianos: o homem, seu cotidiano e seus lugares	111
4.2.3 Demandas de consumo e a fragmentação do lugar	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICES	134

INTRODUÇÃO

O *lugar*, fruto da ativa e constante interação do homem com o espaço e dos homens entre si, é revelador não apenas das determinações espaciais e do espraiamento da técnica, mas descortina uma complexa e diversificada rede de relações entre seres e coisas, entre indivíduos e objetos, entre homens e espaço.

Cada ato, decisão e escolha feita pelo homem (particular e socialmente), contribui para moldar as especificidades dos lugares. Deste modo, o homem ao realizar suas atividades cotidianas (caminhar, trabalhar, fazer compras, divertir-se, passear, etc.) no contato direto com os espaços e equipamentos urbanos está, ao mesmo tempo, construindo sua personalidade criativa, seus referenciais simbólicos, suas percepções visuais e cognitivas do mundo.

Destarte, o homem, ser temporal, ao se relacionar com o espaço – por meio do uso – deixa suas marcas, e confere, ao mesmo, *história* e significados. Concomitantemente, absorve do ambiente suas estruturas formais e é influenciado pela condensação de forças políticas, econômicas e sociais atuantes no território vivido. Trata-se de um vínculo através do tempo e implica em reciprocidade de influências, e como tal tem o *cotidiano* como instrumento destas trocas.

Conjunturalmente, a contemporaneidade é, nitidamente, composta por diversos *paradoxos* e *excessos* próprios que causam a aceleração dos acontecimentos, fatos e relações, culminando na superabundância factual, espacial e da individualização das relações.

Estas *figuras do excesso* – que permeiam o presente e são originárias do processo de [re]produção capitalista – terminam por interferir nas redes de relações mundiais e locais, reconfigurando, reorganizando e redefinindo os laços dos indivíduos com o lugar de convívio diário, surgindo novos e complexos elementos que dinamizam a realidade, além de causar efeitos inéditos.

Em linhas gerais, sendo este o *status quo* da atualidade, a maior dificuldade é conseguir entender e explicar acontecimentos múltiplos que se interconectam e têm por causa uma rede de relações não apenas físicas, mas, principalmente, sociais. Por isso, se o tempo presente é de difícil compreensão para aqueles que nele estão imersos, ainda mais difícil e desafiador torna-se compreendê-lo diante do processo de mundialização em curso.

Milton Santos foi um dos pensadores que levou em consideração a ligação indissolúvel entre espaço e tempo como princípio para entender o mundo, dando, destarte, pistas de qual caminho seguir. Santos (2004) reflete substancialmente sobre a dificuldade de entender o presente ao afirmar que “o passado [...] pode ser definido mais facilmente. Quanto ao presente, antes se especula sobre ele” (SANTOS, 2004, p. 13).

Assim, estudar o *lugar* significa priorizar o presente e empreender um diálogo entre distintas teorias a respeito da realidade à qual se pretende debruçar. E, sua análise, deve ser costurada por instrumento metodológico adequado e eficaz que permita o revisitar a teoria no intuito de melhor entender esta categoria geográfica tão dinâmica. Para tanto, é necessário uma tríplice fundamentação analítica composta por teoria-metodologia-prática.

Entender as interações dos indivíduos com o espaço permite uma perene releitura dos conceitos e dos instrumentos interpretativos da realidade, além de atentar para os diversos elementos atuantes na constituição e configuração dos territórios. Por conseguinte, este trabalho, tenta evidenciar, por meio de comunicações, as relações do homem com a cidade (as representações geradas) com enfoque particular para a Barra de São Miguel (AL) que tem o turismo de praia (segunda residência) e a especulação imobiliária como forças motrizes da economia e como agentes modeladores do território.

E, ainda, busca verificar – através do modo de pensar do morador – a imagem da cidade, seus significados, os *lugares identitários*, os laços de familiaridade e de reconhecimento e, ainda, seus opostos, os espaços indiferenciados, os pseudolugares, os *lugares não identitários*, *não-familiares* e estranhos existentes, oriundos da singular dinamização da vida (socioeconômica e espacial) do homem contemporâneo.

Logo, esta investigação foi estruturada em quatro capítulos e considerações finais, que mantém uma interligação hierárquica entre si e, ainda, proporcionam uma dissecação da temática expondo o recorte espacial (primeiro capítulo), a perspectiva de análise da realidade proposta (segundo capítulo), a metodologia percorrida para extrair do empírico os resultados (terceiro capítulo) e, por último, o exame dos produtos à luz da teoria (quarto capítulo), formando um elo entre os elementos textuais.

Neste sentido, a escolha do recorte espacial – exposto no primeiro capítulo – não poderia ser aleatória: optou-se pelo perímetro urbano do município da Barra de São Miguel por reunir características de uma pequena cidade (onde as relações morador/lugar estreitam-se) e por ser palco de diversas intervenções de forças capitalistas exógenas representadas,

predominantemente, pelo turismo e pelo mercado imobiliário. Nesta seção são apresentados os aspectos históricos, geográficos, econômicas e sociais mais relevantes.

A perspectiva de análise da realidade é formulada e apresentada no segundo capítulo. Conforme sobredito, a problematização da temática e a exposição dos conceitos tentam interconectar algumas abordagens no intuito de construir uma definição de lugar e de espaço adequada à realidade, e de outros conceitos pertinentes à interação do homem com o espaço, tais como: cotidiano, supermodernidade, simulacro, sociedade do espetáculo.

O terceiro capítulo apresenta os procedimentos confeccionados para a pesquisa e que tiveram como ponto de partida uma pesquisa piloto para montagem do instrumental metodológico e suas teorias basilares. Após, na pesquisa final foi extraído do recorte espacial uma amostra populacional (100 moradores da cidade) para compor a pesquisa empírica e aplicação do instrumental supracitado, que é esmiuçado em blocos de perguntas de acordo com o método próprio.

No quarto capítulo, são apresentados os resultados obtidos com o instrumental metodológico por meio de tabelas, gráficos e figuras, seguidas das devidas análises e interpretações. Nesta seção discorre-se, a princípio, sobre o perfil socioeconômico do grupo de indivíduos que compuseram a amostra. E, consecutivamente, faz-se as reflexões pertinentes para entender e espacializar a relação dialética entre morador/morador e morador/lugar produzida por meio da realização dos itinerários cotidianos, no intuito de manter e reproduzir a vida, sem, contudo, deixar de levar em consideração as inserções do sistema econômico capitalismo – materializado pelo turismo e exploração imobiliária.

Nas considerações finais, são revisitados os resultados obtidos na seção anterior, fazendo-se o elo com a perspectiva de análise da realidade, trazendo à tona elementos e ponderações verificadas nas comunicações dos moradores-entrevistados, tais como: as percepções, as apreensões, as representações, as imagens criadas e os significados atribuídos à cidade; os laços de familiaridade, de reconhecimento com o lugar, e os simulacros, os espaços estranhos, não-familiares, não relacionais e anistóricos confrontados.

1 APRESENTANDO A BARRA DE SÃO MIGUEL – AL

O primeiro momento desta pesquisa foi dedicado à escolha de um recorte espacial que correspondesse aos seus pressupostos e que melhor respondesse aos objetivos propostos. A cidade da Barra de São Miguel (Alagoas) foi escolhida, sobretudo pela sua relação com a problemática a ser pesquisada.

O estudo do lugar e da vida cotidiana torna-se importante quando o recorte espacial é nitidamente solicitado a atender às demandas do capital, que exige novos espaços para sua produção/reprodução. Os agentes exógenos atuantes na cidade parecem provocar transformações aceleradas no espaço urbano para atender a necessidades externas aos interesses do morador, causando uma reorganização na vida e nos lugares do dia a dia.

No caso da Barra de São Miguel (BSM), por ser uma cidade litorânea, a explosão e exploração imobiliária atrelada à atividade turística têm sido agentes importantes na celeridade da modificação da configuração espacial da cidade. Entender como se dão as relações sociais cotidianas nesse contexto parece desafiador, além de oferecer ao pesquisador a oportunidade de verificar teórica e empiricamente os resultados do *modus vivendi* de um lugar.

1.1 Breve histórico

No início do século XVI, o território da atual Barra de São Miguel abrigava comunidades indígenas de Caetés que, logo, foram exterminadas e expulsas quando a ocupação portuguesa atingiu a costa Sul alagoana atracando, com suas caravelas, na desembocadura do rio São Miguel que segue navegável até onde hoje é o município de São Miguel dos Campos (BARROS, 2005, p. 245).

Segundo Barros (2005) o primeiro povoamento, ali instalado, era um movimentado núcleo de pescadores e marisqueiros que logo – movido pela excelente localização geográfica e pelo intenso transporte lacustre de pessoas e mercadorias – tornou-se propício a construção de pequenas embarcações e, posteriormente, grandes navios¹ que eram exportados para outras capitânicas e, inclusive, para a metrópole (Portugal). A figura 01 mostra como era o povoado em 1920. É possível ver, inclusive, uma antiga ponte de transporte de mercadorias para as embarcações sobre a área de alagamento do rio Niquim.

¹ Nos dias atuais, percebe-se, ainda, uma referência nostálgica à região dos estaleiros, atual marina, e ao período em que a indústria naval atuava no município.

FIGURA 01 – Foto antiga da cidade (1920)

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal da Barra de São Miguel, 2011.

A indústria naval teve grande papel econômico durante muitas décadas para o até então distrito² subordinado à São Miguel dos Campos, no entanto, no início da década de 1930 sobreveio seu declínio decorrente do advento do transporte rodoviário de cargas e da consolidação de estaleiros mais modernos e melhores localizados em outras áreas litorâneas do Brasil República. Conforme fragmento a seguir,

[...] Manoel Gonçalves Ferreira montou um estaleiro de construção naval, onde se construía patachos, sumacas e outras embarcações. Daí saiu o maior navio nordestino da época, bem como o maior iate. Este tipo de indústria foi praticamente extinto, em todo o Estado, ao final do século XIX. No caso de Barra de São Miguel, com o início do transporte rodoviário, por volta de 1930, o povoado entrou em declínio, o que levou carpinteiros e calafates ao êxodo para novas indústrias (BARROS, 2005, p. 246).

Destarte, a crise dos transportes fluviais – motivada por fatores vinculados à dinâmica da conjuntura nacional, associada à industrialização, direcionamento econômico do estado e urbanização de outras cidades – resultou na reorganização do território, gerando novas hierarquizações municipais e fortalecendo novos pólos comerciais em detrimentos dos antigos. Isso provocou um longo período de estagnação econômica e enfraquecimento do

² Pelo decreto estadual nº 100, de 24 de março de 1891 (IBGE – www.ibge.gov.br. Acesso em 02/09/2011).

poder político não apenas para a Barra de São Miguel, mas a vários municípios abrangidos pela região das lagoas³, compreendida pelos municípios, Marechal Deodoro, Pilar, Santa Luzia do Norte, Coqueiro Seco e Maceió (a capital) – Maceió não sofreu com a crise econômica por centralizar a administração estadual e ter uma economia diversificada.

Mesmo com o enfraquecimento econômico, a Barra de São Miguel, distrito de São Miguel dos Campos até meados de 1963, foi elevada, por forças políticas, a categoria de município através da Lei 2612 de 02 de agosto de 1963, e sua implantação em 18 de fevereiro de 1964 (BARROS, 2005) – pouco tempo antes do golpe militar no Brasil (31/03/1964) – o que indica formação territorial recente, e organização política e econômica ainda insipientes.

Segundo o Almanaque das Alagoas publicado em 1974, o governo do estado de Alagoas cria em 1971, através da Lei 3148/71, a Empresa Alagoana de Turismo (EMATUR). Na época, o entendimento do governo era que a atividade turística representava fator alternativo para a aceleração do processo de desenvolvimento econômico-social. A EMATUR representava uma proposta política inovadora (porém, ainda, cética e pontual) para a elaboração de uma sistemática de trabalhos voltada para este novo setor econômico.

Os investimentos em infraestrutura turística e promoção das potencialidades de cada unidade municipal fizeram parte do cronograma inicial da Empresa. Dentre as áreas prioritárias para o desenvolvimento do programa de políticas do turismo, tiveram destaque os municípios de Penedo, Marechal Deodoro, Porto Calvo, Maceió, Barra de São Miguel e Barra de Santo Antônio.

Em 1973, além dos investimentos infraestruturais e de projeção hoteleira, o turismo começa a ser tratado como indústria, recebendo incentivos fiscais próprios do setor secundário por meio da Lei 3278/73.

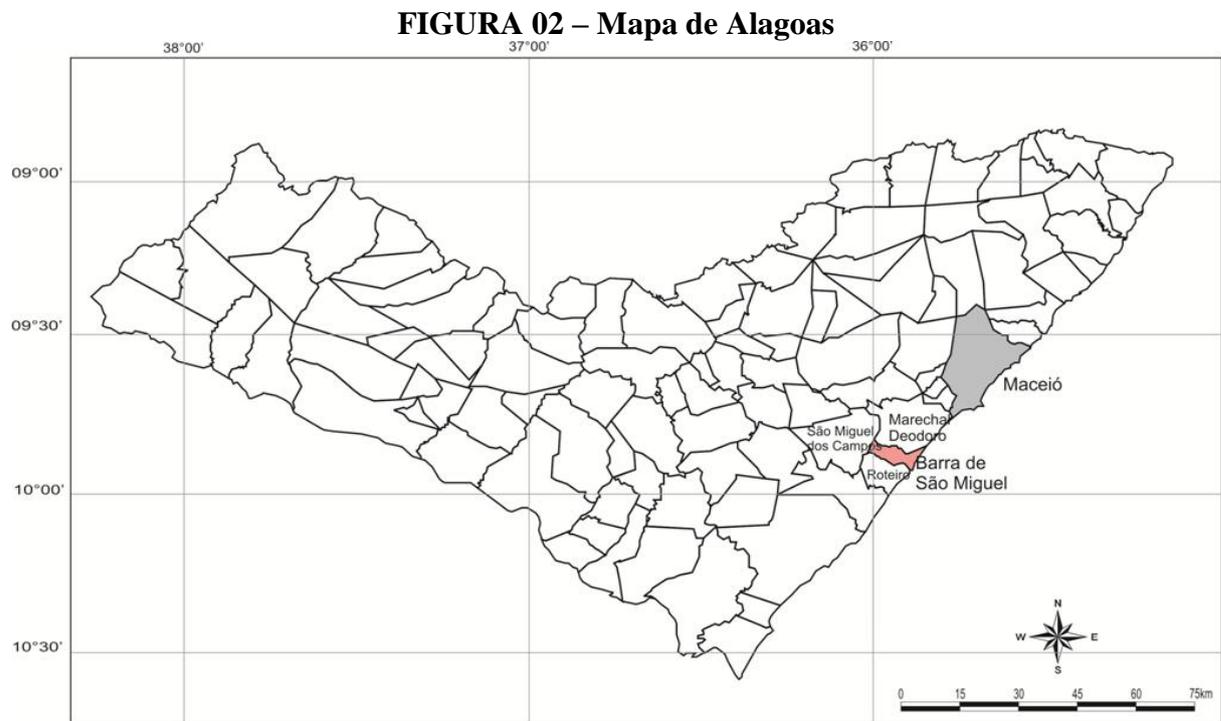
No entanto, apenas na década de 1980 o turismo, sob o segmento de sol e mar, desponta como alternativa econômica viável e promissora para o município da Barra de São Miguel.

³ Nomenclatura adotada no Projeto Casos de Sucesso, elaborado pelo SEBRAE e UFAL, em 2006, para o desenvolvimento dos Arranjos e territórios Produtivos Locais (APL's) do estado de Alagoas (DUARTE, 2006).

1.2 Parafraseando a geografia do lugar

1.2.1 Localização

O município tem uma área territorial de 77 km² (0,28% do território alagoano). A Barra localiza-se na região Sudeste do estado de Alagoas e inserida na mesorregião do Leste Alagoana e na microrregião de Maceió, a 33 km da capital – Maceió – e faz divisa com o Oceano Atlântico (ao Leste) e os municípios de Marechal Deodoro (ao Norte), Roteiro (ao Sul) e São Miguel dos Campos (ao Oeste). Conferir figura 02.

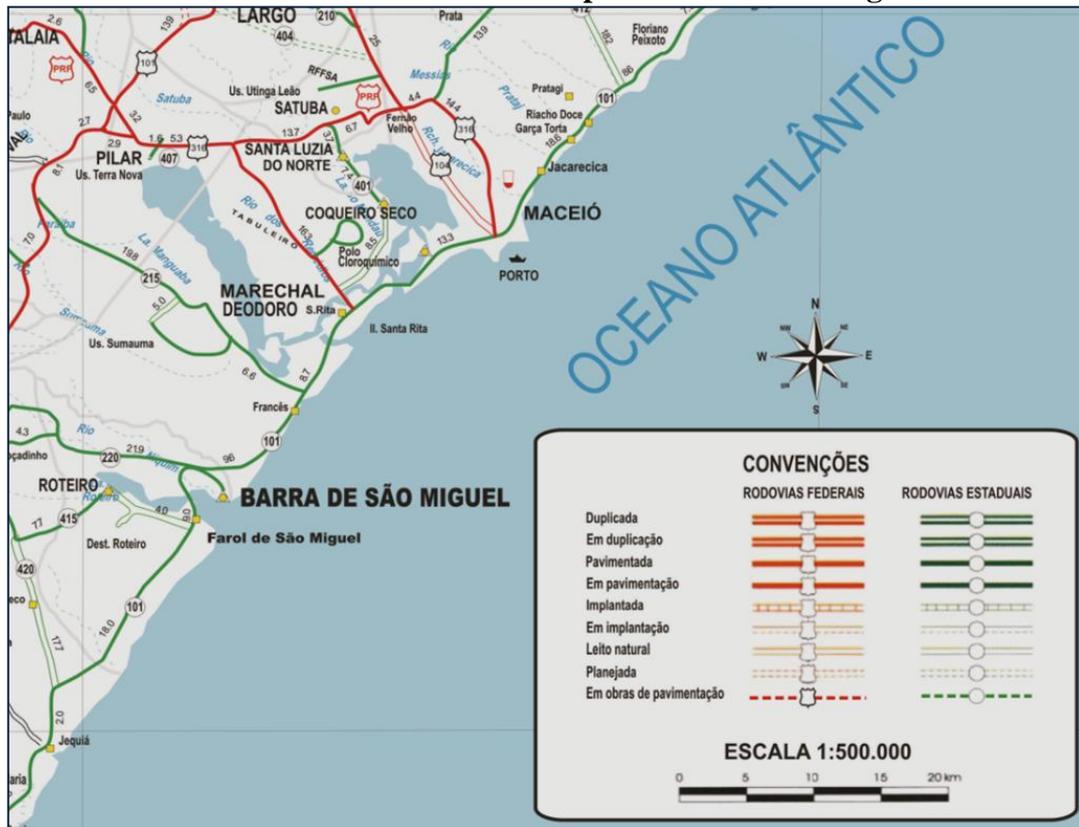


Fonte: *Wikipédia* (www.wikipedia.org – acessado em 13/08/2011), adaptado pelo autor.

A sede municipal tem uma altitude de 2 metros e por coordenadas geográficas tem 09°50'24'' de latitude Sul e 35°54'28'' de longitude Oeste.

O acesso à cidade, partindo de Maceió, dá-se por meia da rodovia pavimentada AL-101 Sul (figura 03), atualmente esta rodovia encontra-se em processo de duplicação, fazendo parte do projeto de fortalecimento do turismo do litoral Sul com investimento total de R\$ 138 milhões, entre verbas estaduais, federais (via Ministério do Turismo) e emendas da bancada parlamentar do estado.

FIGURA 03 – Recorte do mapa rodoviário de Alagoas



Fonte: www.der.al.gov.br. Acesso em 09 de setembro de 2011, adaptado pelo autor.

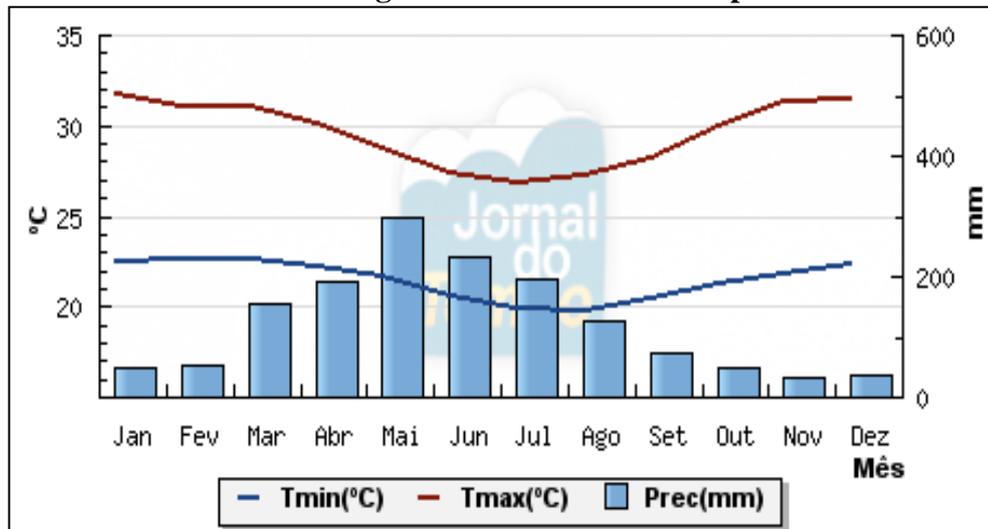
1.2.2 Aspectos geoambientais

Por situar-se na região Nordeste do Brasil, o município apresenta clima tropical quente-úmido, o que significa baixa amplitude térmica⁴, oscilando, as temperaturas, entre 24°C e 28°C (figura 04), e precipitação de chuvas concentrada nas estações do outono e inverno (março a setembro) e dois meses (novembro e dezembro) relativamente secos na primavera/verão⁵. A BSM está inserida na faixa geoambiental dos Tabuleiros Costeiros⁶, e o solo predominante é o argiloso vermelho-amarelo, tendo baixa relevância para agricultura. Sua área pertence ao bioma Mata Atlântica apresentando focos de manguezais, porém sua vegetação sofreu grande processo de antropização – transformação das condições naturais provocada pela ação humana.

⁴ Diferença entre a média da máxima e a média da mínima temperatura (em °C) registrada num dado período de tempo (dia, mês, ano, década).

⁵ Dados disponíveis no site www.cptec.inpe.br. Acesso em out./2011.

⁶ São platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variante entre vales estreitos e encostas abruptas, e vales abertos com encostas suaves e fundos com amplas várzeas. Genericamente, os solos são profundos e de baixa fertilidade natural.

FIGURA 04 – Dados climatológicos da BSM – média do período entre 1961 e 1990

Fonte: www.cptec.inpe.br. Acesso em out./2011, adaptado pelo autor.

Hidrograficamente, o município encontra-se entre as bacias hidrográficas dos rios São Miguel e Niquim. O rio principal, que dá nome ao município, atravessa-o, no sentido Nordeste-Sudeste, constitui o limite a Sul, com o município de Roteiro, desaguando no Oceano Atlântico. Dentro do território municipal, não existe rios tributários significantes. O Rio Niquim, que banha a porção Norte e constitui o limite com o município de Marechal Deodoro, também não apresenta tributários relevantes dentro dos limites do município. O padrão de drenagem predominante é o dendrítico (padrão de forma arborescente, ou que se assemelha aos galhos de árvore).

A sede do município está inserida na baixada litorânea, fruto da transgressão marinha – avanço do mar sobre o continente, terras emersas, ocasionando as planícies litorâneas – ocorrida a milhares de anos e sua altitude gira em torno dos 2 metros acima do nível do mar.

1.2.3 Aspectos demográficos

Segundo dados preliminares do Censo 2010/IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – a população da Barra de São Miguel é de 7573 habitantes, destes 86% vive no perímetro urbano, densidade demográfica⁷ em torno de 99 hab./km², e população urbana em torno de 6521 habitantes (ver tabelas 01 e 02). Como dado social, o município possui 0,639 no Índice de Desenvolvimento Humano⁸ (IDH), índice considerado médio-baixo na escala

⁷ É a medida expressa pela relação entre a população e a superfície do território. É geralmente expressa em habitantes por quilômetro quadrado (hab./km²).

⁸ www.pnud.org.br/2000. Acesso em Jun./2011.

que vai de 0 (o mais baixo) a 1 (o mais alto) e próximo da média do *ranking* estadual que é (IDH 0,677).

TABELA 01 – Descrição da população do município da BSM - AL

População	Frequência	%
Urbana	6521	86,1
Homens	3763	50,3
Mulheres	3811	49,7
Total	7573	100,0

Fonte: IBGE, Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico 2010.

TABELA 02 – População Urbana/Rural da BSM - AL

População	Frequência	%
Urbana	6521	86,1
Rural	1052	13,9
Total	7573	100,0

Fonte: IBGE, Resultados Preliminares do Censo Demográfico 2010.

O IDH, desenvolvido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), leva em consideração não só a dimensão econômica, mas também características sociais, culturais e políticas que influenciam a qualidade da vida humana na sua constituição e tem por referência os subíndices longevidade, educação e renda como critério de avaliação nos relatórios produzidos até 2009.

A incidência de pobreza do município é de 56,44% segundo dados do IBGE, ano base 2003, índice abaixo da média estadual e de alguns municípios próximos incluindo a capital, porém indica elevando número de pobres. Conforme tabela a seguir que trata do percentual de pobreza e desigualdade social com base nos orçamentos familiares de cada unidade administrativa. (ver tabela 03).

TABELA 03 – Percentual de incidência de pobreza/AL

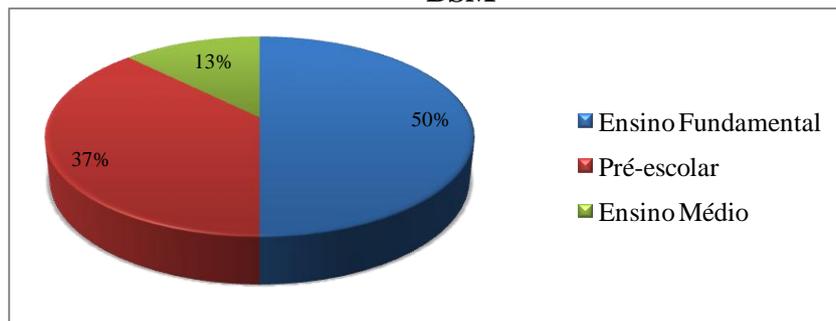
Incidência de pobreza	%
Alagoas	59,54
Maceió	58,37
Barra de São Miguel	56,44
Marechal Deodoro	64,32
Roteiro	62,08
São Miguel dos Campos	59,15

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2003 e Pesquisa de Orçamentos Familiares

1.2.4 Serviços essenciais

Dentre os serviços essenciais, o sistema educacional do município conta com sete escolas do Ensino Básico (87% do total das matrículas ofertadas), destas três são creches (37% das matrículas), e uma escola ofertando Ensino Médio (13% das matrículas) (ver gráfico 01) segundo cadastro das escolas, ano referência 2010, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)⁹. Do total, sete são da rede municipal de ensino e uma sob a administração do governo do estado, quanto à localização seis estão na área urbana e duas na área rural, totalizando 2495 vagas escolares disponibilizadas à comunidade. Corresponde a 0,3% do total das vagas ofertadas no estado pela rede pública de ensino. A figura 05 mostra uma das Unidades de Ensino do município.

GRÁFICO 01 – Percentual de escolas por oferta de nível de escolaridade municipal – BSM



Fonte: www.inep.gov.br. Acesso em agosto/2011.

FIGURA 05 – Estabelecimento de Ensino localizado no município de BSM



Fonte: Autor/2011.

⁹ Disponível em: www.portal.inep.gov.br. Acesso em: 15/11/2011.

Em relação à caracterização do sistema de saúde da Barra de São Miguel, pode-se inferir que os estabelecimentos de saúde existentes são todos da rede municipal de saúde (tabela 04) segundo cadastro, ano base 2011, do Ministério da Saúde, e não possui hospitais ou unidade de urgência/emergência. Não há, ainda, registro de serviços odontológicos ou clínicas/consultórios particulares.

TABELA 04 – Número de estabelecimentos de saúde do município

Descrição dos Estabelecimentos de saúde	Frequência
Posto de saúde	2
Centro de saúde/Unidade básica	1
Policlínica	1
Total	4

Fonte: Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES). www.cnes.datasus.gov.br. Acesso em set./2011.

1.2.5 Economia

A rede econômica da Barra de São Miguel é simplificada e pouco dinâmica: em sua área agricultável, o município, possui lavouras permanentes de Banana (cerca de 1 hectare), coco da baía (cerca de 60 hectares), manga (cerca de 4 hectares), e lavoura temporária de cana-de-açúcar (com 1330 hectares) e mandioca (com 15 hectares). Já a pecuária no município não corresponde a uma atividade comercial, resumindo-se a criação de poucos animais para o consumo próprio. Ambas – agricultura e pecuária – são pouco significativas em comparação com outros municípios do estado em condições geográficas semelhantes de acordo com dados referentes ao ano de 2009 – IBGE.

Pela agricultura e pecuária incipientes e por tratar-se de uma cidade litorânea, sua economia gira em torno do turismo que tem como atrativo sua beleza natural – composto por praias, com formação de arrecifes de arenito que suavizam as ondas do mar e pelos rios Niquim e São Miguel – sendo um notório balneário alagoano.

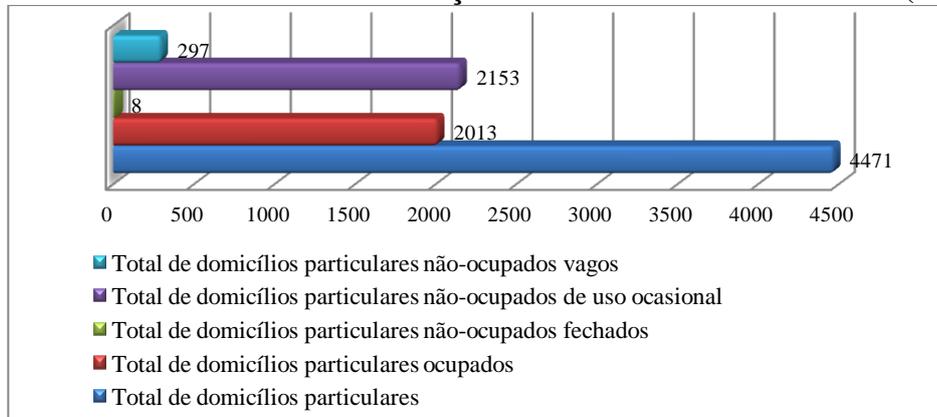
Assim, a estação do verão é o período do ano de maior circulação de pessoas, de dinheiro e de mercadorias. Acontecem nesse período, em decorrência do turismo, diversos eventos como shows musicais e humorísticos, além das comemorações do carnaval com trios elétricos e blocos carnavalescos dinamizando não só a economia local como o dia a dia dos moradores.

Durante o verão a cidade fica repleta de turistas de outras partes do Estado e do país, lotando os hotéis e pousadas existentes e pelas famílias de classe média alta de Maceió que

possuem casa de veraneio que, além de aquecer a economia local, mudam a dinâmica do lugar, demandando atenção particular dos órgãos municipais. É comum a falta de água potável e energia elétrica devido ao aumento vertiginoso do consumo.

O turismo de segunda residência¹⁰ é uma das modalidades da indústria do turismo que se consolidou do município. Os dados estatísticos (IBGE) a seguir ajudam a compreender a importância e solidez deste segmento da atividade turística¹¹: a cidade possui 4471 domicílios particulares, desse total, 2458 estão em situação definida, pelo instituto, como *não-ocupados/de uso ocasional ou fechados* (ver gráfico 02).

GRÁFICO 02 – Resumo da condição de uso dos domicílios – BSM (AL)



Fonte: IBGE, Primeiros Resultados do Censo 2010.

Isso quer dizer que do total de residências da cidade, 55% são de veraneio – turismo de segunda residência – ficando fechadas boa parte do ano, e no período de férias, feriados prolongados e verão tem sua ocupação máxima, provocando um crescimento instantâneo da população e, conseqüentemente, mudanças no dia a dia da cidade¹². Segundo dados informados pela prefeitura da cidade, para o carnaval de 2012, a segurança pública, por exemplo, contou com um acréscimo de 3300% no efetivo policial: do ordinário de seis soldados, a cidade obteve duzentos policiais militares durante os quatro dias de carnaval para garantir a tranquilidade dos festejos.

A iniciativa privada, comerciantes locais e/ou regionais, também realizam suas ações, no período do carnaval surgem diversos postos de trabalho temporário: o único supermercado da cidade funciona 24 horas por dia, no período de carnaval, segunda assessoria de imprensa,

¹⁰ Segundo Tulik, o turismo de segunda residência é conceituado como “[...] um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente, nos momentos de lazer, por pessoas que têm seu domicílio permanente num outro lugar” (1995, p. 21).

¹¹ Acidade é um balneário turístico com ênfase para o turismo de segunda residência que desde a década de 90 tem se intensificado.

¹² Durante os quatro dias de Carnaval o município recebe uma população flutuante estimada em mais de 60000 (sessenta mil) pessoas segundo projeções da prefeitura da BSM para o carnaval/2012.

e eleva o quadro de empregados de 66 para 210 funcionários, retornando ao número original após o feriado de Cinzas.

Juntamente com a estação quente, surgem estabelecimentos comerciais não comuns no resto do ano: são filiais de redes conhecidas de lanchonetes, de salões de beleza, de academias de ginástica, de lojas de roupas, de pizzarias, de óticas, e inclusive, de laboratórios de análises clínicas (entre outros) que funcionam na cidade atendendo, prioritariamente, aos turistas e veranistas.

O empreendimento turístico conhecido como *Villa Niquin*, é um exemplo singular de estabelecimento, que funciona sazonalmente. Este empreendimento reúne uma estrutura de *mini-shopping* e de casa de espetáculos, permanecendo aberto o dia inteiro, inclusive à noite. O turista, que pode pagar pelos serviços, aí encontra, durante o dia, lugar para fazer as refeições, acessar a *internet*, cuidar do corpo; e durante as noites pode entreter-se com os *shows* de cantores, bandas e humoristas famosos que todos os anos têm presença confirmada. Ver figura 06.

FIGURA 06 – Visão da área externa do empreendimento turístico *Villa Niquin* (BSM)



Fonte: Autor/2011.

Estas mudanças pontuais ocorrem para atender a demanda de visitantes que se instalam na cidade. Nos meses que antecedem o verão, basta uma breve caminhada pela cidade para ver dezenas de casas fechadas com faixas e placas indicando que estão disponíveis para aluguel por temporada e, inclusive, para venda. É possível encontrar desde casas de dois cômodos até verdadeiras mansões com piscinas e outras comodidades. Muitas casas são alugadas para grande número de pessoas (famílias numerosas, grupos de amigos,

etc.) que dividem o alto valor do aluguel pelo número de ocupantes. De acordo com a figura 07.

FIGURA 07 – Imóveis fechados disponíveis para aluguel ou venda espalhados pela cidade (BSM).



Fonte: Autor/2011.

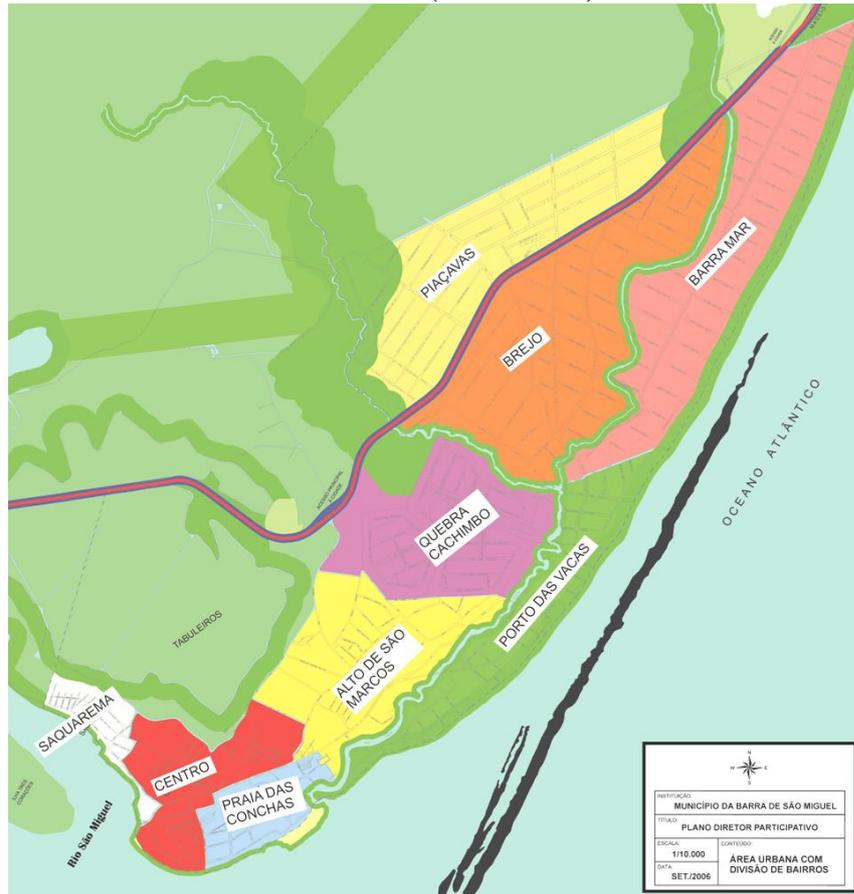
Além do turismo de segunda residência, o qual gera poucos postos de trabalho formal, a cidade é dotada de diversos estabelecimentos de hospedagem que, ao longo dos anos, foram se tornando sofisticados e oferecendo diversos serviços para atrair mais visitantes. Atualmente, segundo dados da Secretaria Estadual de Turismo de Alagoas, o município da Barra de São Miguel conta com um hotel de médio porte¹³, cinco hotéis de pequeno porte e doze pousadas. O número total de leitos disponibilizados por estes meios de hospedagem totaliza 964 leitos distribuídos por 366 unidades habitacionais (UH's). Estes dados são referentes a levantamentos realizados em 2011, não constam, no entanto, nos arquivos da secretaria, informações relativas à progressão histórica do número de hotéis, de pousadas e de visitantes.

¹³ Os *hotéis de médio porte* são caracterizados por disponibilizar um número de unidades habitacionais (UH's) entre 51 e 100 UH's; os *hotéis de pequeno porte* são os que possuem até 50 unidades habitacionais (UH'S).

1.3 A Barra e seus parcelamentos

A área urbana do município da Barra de São Miguel está dividida, administrativamente, em nove bairros, segundo arquivos da prefeitura e Plano Diretor da cidade, ano de referência 2006. Conforme figura 08.

FIGURA 08 – Divisão administrativa (em bairros) da área urbana da BSM



Fonte: Prefeitura Municipal da Barra de São Miguel, adaptado pelo autor.

Esta divisão administrativa, segundo a prefeitura da cidade, visa direcionar ações específicas, de planejamento urbano, para cada segmento mapeado e determinar as áreas prioritárias e/ou carentes da atuação efetiva do poder público em organizar e legislar sobre as condições de uso e ocupação do solo. Assim, ao analisar o zoneamento da cidade, é possível perceber algumas singularidades e características dos bairros e relacioná-los objetivamente.

Os bairros Saquarema, Centro, Praia das Conchas, Alto São Marcos, Quebra Cachimbo – ao Sul do município – compreendem a área da cidade onde as construções são mais antigas, os lotes são pequenos e totalmente construídos; a porta da casa, geralmente, separa a área privativa da pública – rua – e muitos moradores utilizam a área externa – as

calçadas – para estender roupas em varais improvisados; as ruas são estreitas e várias estão sem calçamento, nesta área se localiza a maior parte dos prédios da administração pública, pequenas mercearias, mercado público e há grande circulação de moradores.

O bairro de Saquarema é banhado pelo rio São Miguel e localiza-se junto à curva de nível¹⁴ que separa a planície da região dos tabuleiros. Os moradores do local têm relação estreita com o rio, do qual retiram o sustento para a família por meio da pesca, da mariscagem e, por vezes, extraem madeira do mangue para cozinhar os alimentos. Para muitas famílias o rio representa o quintal de casa. O bairro é uma das áreas de maior concentração de pobreza da cidade. A maioria das ruas não tem pavimentação e as águas servidas são lançadas a céu aberto e despejadas no rio São Miguel. A figura 09 demonstra a ocupação do mangue por uma favela.

FIGURA 09 – Favela no bairro de Saquarema/BSM



Fonte: www.gazetaweb.com.br. Acesso em fev./2012.

O povoamento que deu origem à cidade teve como ponto de partida o bairro Centro, por isto, as construções mais antigas aí se encontram. Localizam-se no Centro da cidade as unidades de saúde, a igreja matriz, a agência dos Correios, a Casa Lotérica, o mercado público, a prefeitura, a biblioteca pública, praça com quadra poliesportiva e, inclusive, um aparelho de televisão e bancos. Ver figura 10.

¹⁴ São linhas imaginárias usadas em mapas topográficos para determinar diferenças de altitudes (em metros) encontradas em áreas de relevo acidentado, como a Região dos Tabuleiros.

FIGURA 10 – Estrutura urbana do Centro/BSM.



Fonte: Autor/2011.

No Centro – definido no Plano Diretor como Zona Comercial e de Serviços –, ainda, encontra-se o campo de futebol, conhecido como “Andradão”, a sede da ONG Pense Brasil (promove atividades profissionalizantes, educacionais, esportivas, artístico-culturais voltadas para moradores de diversas faixas etárias) e o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). Figura 11.

FIGURA 11 – Imagens da ONG Pense Brasil e do CRAS/BSM



Fonte: Autor/2011.

O bairro Praia das Conchas, para o morador, muitas vezes, confunde-se com o Centro, devido sua proximidade geográfica. Muitas ruas não possuem pavimentação e são pouco iluminadas. Existem, no bairro, vários terrenos baldios que acumulam lixo e entulhos. Como o bairro tem acesso ao mar, algumas pousadas e casas de veraneio aí são encontradas em meio à infraestrutura deficitária. Ver figura 12.

FIGURA 12 – Imagens do bairro Praia das Conchas/BSM



Fonte: Autor/2011.

Os bairros Alto de São Marcos e Quebra Cachimbo fazem parte da Zona Residencial. Concentra-se na rua principal – José Vieira de Andrade – que corta os dois bairros, a Câmara Municipal, a única agência bancária e supermercado da cidade, depósitos de bebidas, além de outros empreendimentos comerciais diversos (desde borracharias a corretoras de imóveis). Saindo do perímetro de abrangência da rua comercial, a área é prioritariamente residencial, com casas pequenas, não lajeadas, compartilhando parede com a casa vizinha e, por isso, sem janelas laterais. Geralmente a porta da casa separa a calçada da parte interna dos imóveis. Figura 13.

FIGURA 13 – Tipologia das construções no bairro Alto de São Marcos/BSM



Fonte: Autor/2011.

Ao Norte da cidade, os bairros Porto das Vacas, Brejo, Piaçavas e Barra Mar possuem casas grandes e de alto padrão arquitetônico, com jardins e áreas de lazer; a zona é definida no Plano Diretor como de Expansão Urbana recente e apresenta grande número de lotes para futuras construções e para atuação especulativa imobiliária. Verifica-se, também, numerosas construções em andamento – casas, hotéis, prédios e condomínios residenciais – comandadas por construtoras especializadas atuantes regional e nacionalmente.

Um exemplo verificado da dinâmica acelerada da construção civil nesta porção da cidade é demonstrado nas imagens abaixo (figura 14), as quais exibem a evolução da edificação de um condomínio num período de 6 meses no bairro Barra Mar. É surpreendente a apropriação deste bairro pela especulação imobiliária: cada vez mais terrenos são incorporados por construtoras e imobiliárias que lançam no mercado empreendimentos residenciais voltados para não moradores, pessoas que desejam uma segunda ou terceira residência.

FIGURA 14 – Andamento de obra de um condomínio no Bairro Barra Mar/BSM (jan. a jun./2011)



Fonte: Autor/2011.

O bairro – juntamente com Porto das Vacas, Brejo e Piaçavas – apresenta melhor infraestrutura urbana: ruas pavimentadas e conservadas, amplas, limpas, sinalizadas e silenciosas. O bairro Barra Mar assemelha-se a um bairro de classe média alta de qualquer cidade grande. Na maior parte do ano – de março a outubro –, as ruas permanecem desertas e as casas fechadas ou sob o cuidado de caseiros em meio a pousadas com baixa ocupação de suas suítes. Situação bem diferente da área mais central da cidade onde se concentram casas precárias, ruas esburacadas e elevada circulação de moradores.

No período do verão, no entanto, verifica-se acentuado número de turistas e veranistas que vêm passar as férias conciliando recesso escolar e de trabalho. Outras datas significativas para o turismo são os festejos de carnaval e o feriado da Semana Santa. Nestes períodos do ano são registrados altos índices de lotação dos hotéis, das pousadas e das casas de veraneio.

1.3.1 A Barra de São Miguel e os grandes condomínios

Na Barra de São Miguel atuam algumas empresas do ramo imobiliário e turístico que exploram suas potencialidades e belezas naturais. Buscam atrair compradores para seus empreendimentos através da tranquilidade e das belas praias encontradas no município. O público alvo destes empreendimentos imobiliários, no geral, são pessoas com grande poder aquisitivo, de outras regiões do estado (principalmente da capital Maceió) e do país, que, almejam as belezas de um balneário, comodidade, lazer, conforto e sofisticação num só lugar.

Em um *site* voltado para a divulgação de um desses empreendimentos é possível perceber quais características da cidade desejam explorar e salientar, conforme texto contido em meio virtual:

A Barra de São Miguel é o maior balneário turístico de Alagoas, localizado a 20 minutos de Maceió. Durante o verão a Barra é o grande ponto de encontro de gente bonita e importante, e parada obrigatória de todos os turistas que visitam Alagoas (www.iloa.com.br. Acesso em fev./2012).

Atualmente, são três empreendimentos imobiliários de grande porte construídos ou em fase de construção na Barra de São Miguel – somando-se a outros já concluídos – e que têm notoriedade na mídia impressa, eletrônica (*sites*) e televisiva: o *Iloa* – vida em família, o *Barra Bali* – *Beach Service* e o *Altavista*.

Localizado numa área de expansão residencial, no bairro Piaçavas, o condomínio *Iloa* (empreendimento imobiliário e turístico) ocupa uma área superior a 90 mil m², e com o slogan

“*seu único trabalho é ser feliz*” reúne os serviços de um clube (*Iloa Family Club*), a estrutura e segurança de um condomínio fechado (*Iloa Residence I e II*) e os benefícios de um Resort (*Iloa Condo Resort*) num único empreendimento¹⁵, a impressão que se tem é a de não ser necessário sair do condomínio para fazer absolutamente nada. Ver figura 15.

FIGURA 15 – Vista aérea da localização e estrutura interna do condomínio/BSM



Fonte: www.iloa.com.br. Acesso em fev./2012.

O *Barra Bali – Beach Service*, é um condomínio *resort* que ocupa uma área de 3000m² no bairro Porto das Vacas. Do mesmo modo que o *Iloa*, os apartamentos, depois de comprados, podem ser alugados por períodos sazonais e predeterminados, pelos proprietários, como um hotel a beira mar. Dentre os serviços oferecidos nas áreas comuns, tem-se lojas, bares e restaurante permanentes¹⁶. Ver figuras 16 e 17.

¹⁵ Informações contidas no site www.iloa.com.br. Acesso em fev./2012.

¹⁶ Características do empreendimento divulgadas no site www.viverinc.com.br. Acesso em fev./2012.

FIGURA 16 – Vista da entrada e do acesso à praia do condomínio em construção/BSM



Fonte: Autor/2011.

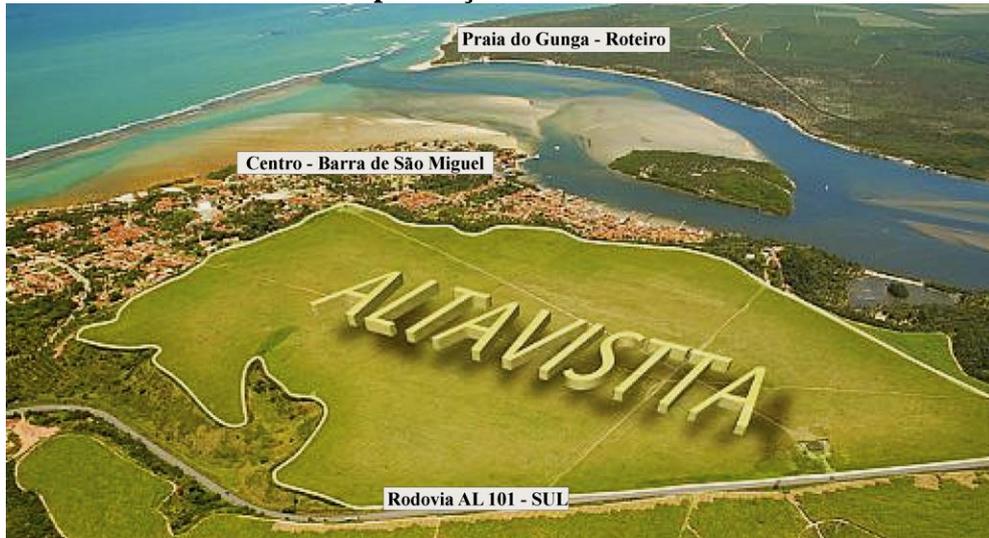
FIGURA 17 – Projeção ilustrativa do empreendimento acabado/BSM



Fonte: www.viverinc.com.br. Acesso em fev./2012.

O *Altavistta* (figura 18) é o único estruturado como loteamento residencial (920 lotes com 450m² cada). É o maior condomínio do município com área total 1 milhão m² (sendo 250 mil m² de área de preservação ambiental) e área líquida entorno de 807.030,39m², equivalente a 135 campos de futebol, contando, também, com clube recreativo completo, segundo dados da construtora Gafisa responsável pelo empreendimento, localizado às margens da Rodovia AL 101 – Sul na região dos tabuleiros, a 1200 metros da entrada da Barra de São Miguel. Explorando a beleza da paisagem, seu diferencial é a vista panorâmica do oceano, do rio São Miguel e da cidade.

FIGURA 18 – Área de implantação do condomínio *Altavistta/BSM*



Fonte: www.gafisa.com.br. Acesso em fev./2012. (adaptado pelo autor).

Na figura 19, é possível visualizar, no alto do tabuleiro, uma das casas construídas neste condomínio e, logo abaixo, uma rua do bairro Alto de São Marcos.

FIGURA 19 – Contraste social entre as casas do bairro Alto de São Marcos e mansão no condomínio *Altavistta/BSM*

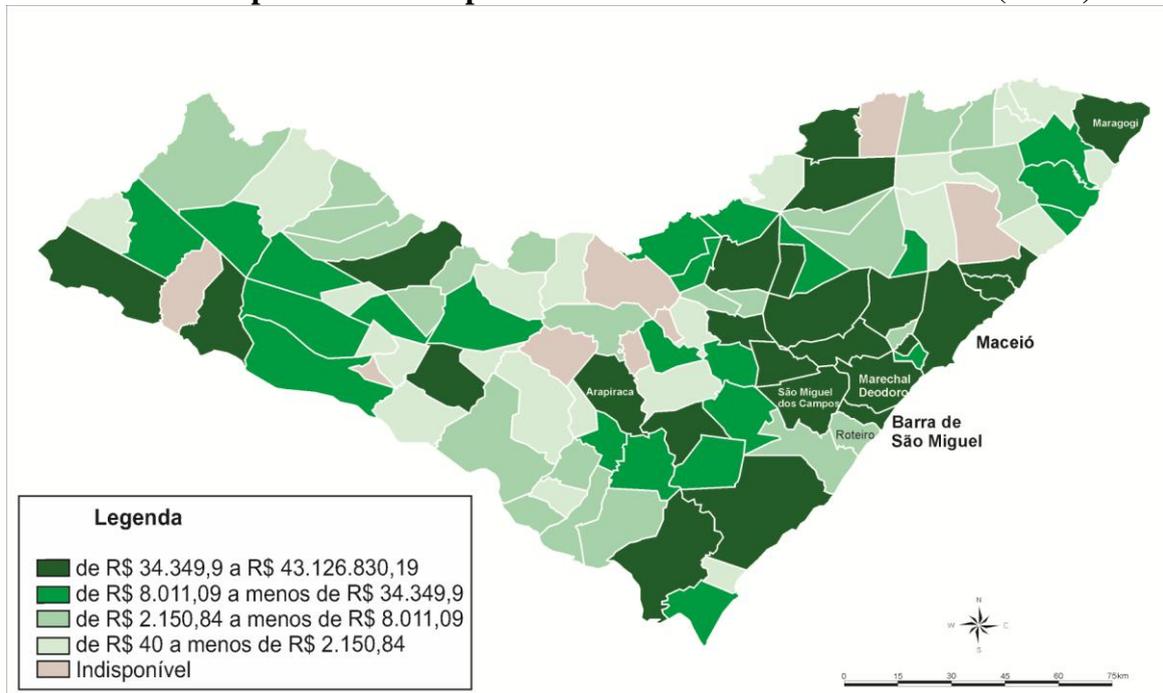


Fonte: Autor/2011.

Para ter ideia da atuação imobiliária, e do volume de dinheiro gerado, ao longo dos anos, pelo somatório destes condomínios, juntamente com as casas de veraneio, o IBGE

apresenta os valores da receita orçamentária, em impostos, do município¹⁷: No ano de 2009¹⁸, a Barra de São Miguel teve uma arrecadação referente ao Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) no montante de R\$ 1.039.520,23 (um milhão, trinta e nove mil, quinhentos e vinte reais e vinte e três centavos), sendo a terceira maior em recolhimento do imposto no estado, atrás apenas da capital (R\$ 43.126.830,19) e do município de Marechal Deodoro (R\$ 1.296.454,62). O município arrecadou um valor superior, inclusive, ao da segunda maior economia do estado – Arapiraca (R\$ 855.682,14). Ver figura 20.

FIGURA 20 – Imposto sobre Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) – AL



Todos estes dados e exemplos elencados demonstram o modo como o ramo imobiliário, com apelos turísticos, e o próprio turismo estão presentes singularmente na cidade, dinamizando a economia, e modificando, não apenas a paisagem e a estrutura territorial, mas o cotidiano dos moradores da Barra de São Miguel.

No capítulo subsequente, serão apresentadas as abordagens teóricas basilares da pesquisa, no intuito de compor a perspectiva de análise da realidade socioespacial contemporânea. Será feito o diálogo entre alguns autores importantes, na tentativa de aludir a conjuntura do tempo presente, que se revela cada vez mais complexo e multifacetado.

¹⁷ IBGE – www.ibge.gov.br. Acesso em 20/02/2012.

¹⁸ Os dados mais recentes disponibilizados, pelo IBGE, são referentes ao ano de 2009.

2 LUGAR: “BASE DA VIDA COTIDIANA”

Ao longo da história, o mundo foi marcado por diversas transformações tanto no campo das ciências e das tecnologias quanto no das relações humanas e cotidianas, numa relação dialética bilateral – devido, principalmente, à forma como o capitalismo se desenvolveu e se expandiu. E atualmente, percebe-se, na civilização humana, uma intensa aceleração dos tempos e acontecimentos; uma abreviação, redução dos espaços e lugares; e uma intensificação dos hábitos individualizados e desconectados de relações familiares e identitárias.

Este contexto admite diversas perspectivas de interpretação da realidade e das redes de relações humanas processadas no espaço habitado. E no presente capítulo, serão abordados os conceitos basilares para compreensão e explicitação do estado socioespacial da contemporaneidade, tais como: *lugar identitário*, *não-identitário*, *cotidiano* e *simulacro*.

O conceito de “lugar” para Michel de Certeau (1999) e Milton Santos (2008) converge para uma análise espacial formal e marxista, Ana Fani Alessandri Carlos (2007) e Yi-Fu Tuan (1983) tratam o espaço numa perspectiva humanista. O diálogo com estes autores na tentativa de revelar a conjuntura do tempo presente que não permite interpretações estanques, ora sob uma ótica marxista, ora humanista. O mundo real está repleto de contradições – novos paradigmas surgem – e o estudo da realidade atual deve observar as imbricações das bipolaridades.

Como supracitado, a contemporaneidade é marcada por excessos e transformações aceleradas no espaço e na vida do homem, e como fruto da supermodernidade¹⁹ surgem espaços vazios de significados, não-identitários, anistóricos definidos como não-lugares por Marc Augé (1994) em seus estudos sobre o tema. A vida do indivíduo, em seu dia a dia, é impactada com o advento destas novas realidades, por isso, a definição proposta por Agnes Heller (1994) sobre o “cotidiano” será adotada no intuito de entender os efeitos da dinâmica socioeconômica e espacial na vida e hábitos do habitante das cidades.

Outro conceito importante a ser discutido será o de *simulacro*²⁰ proposto por Jean Baudrillard (1991) que surge da necessidade do capital de adequar a realidade e expandir o mercado consumidor, de modo fictício, para que sua reprodução seja máxima. Um último

¹⁹ Termo adotado por Marc Augé (1994) para interpretar o mundo e que tem por característica três figuras do excesso: a superabundância factual, a superabundância espacial e a individualização das referências.

²⁰ Constituem-se em signos que tentam dissimular a realidade gerando uma pseudoconcepção do real, e tem por intuito atender as necessidades do capital que transforma tudo em mercadoria, as mídias são seu principal agente disseminador. Um simulacro pode ser desde um pequeno objeto à uma cidade inteira, ou ainda, uma ideia, uma imagem, uma informação (BAUDRILLARD, 1991).

aspecto a ser considerado é a espetacularização da sociedade sugerida por Guy Debord (1997) que, juntamente com a noção de supermodernidade de Marc Augé (1994), ajudará a entender o papel do mercado na transmutação de valores, significados e identidades dos lugares e das relações humanas.

2.1 O lugar: identitário, não-identitário

Segundo Augé (1994) o mundo contemporâneo está marcado por excessos – excessos de tempo, de espaços, de individualização referencial – e por isso, é definido pelo autor como *supermodernidade* no qual o espaço, os indivíduos e as relações entre ambos – através de tempos cada vez mais efêmeros – estão passando por um processo de perda dos referenciais e por ressignificações aceleradas.

A reflexão sobre essas figuras do excesso é relevante para o entendimento da abordagem adotada neste trabalho. A superabundância espacial é reveladora das mudanças operadas no espaço em escala global, mas que tem efeitos locais. O mundo tornou-se menor – com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transportes que encurtaram temporalmente a distância entre notícia-sociedade e entre cidades – e está cada vez mais palpável pelo homem, tanto pelo acesso aos acontecimentos no planeta, por meio da mídia, quanto pela presença de elementos mundializados no lugar vivido, tendo efeitos significativos nas relações sócio-espaciais, como esclarece Augé (1994),

Esta [superabundância espacial] se expressa [...] nas mudanças de escala, na multiplicação das referências energéticas e imaginárias, e nas espetaculares acelerações dos meios de transporte. Ela resulta, concretamente, em consideráveis modificações físicas: concentrações urbanas, transferências de população e multiplicação daquilo que chamaremos de ‘não-lugares’, por oposição à noção sociológica de lugar [...] Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou os grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta (AUGÉ, 1994, p. 36-37).

O autor verifica, na supermodernidade, a junção de elementos que tornaram possível o despontar de uma categoria espacial que tem por características a não identidade, a não relação e anistórico.

O *não-lugar* surge em oposição ao *lugar antropológico*, e é um dos efeitos da supermodernidade verificado em todas as partes do globo como fenômeno homogeneizante

permanente e intrínseco aos centros urbanos, como esclarece o autor no trecho a seguir ao mesmo tempo em que define o conceito,

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que [...] não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994, p. 73).

É importante ressaltar que o conceito de não-lugar – espaço vazio de significados, de relações cotidianas e de sentimentos identitários; um espaço estranho para o habitante (CARLOS, 2007b, p. 61) – não se opõe ou nega o conceito de lugar. As duas noções coexistem, pois a realidade é fundamentalmente contraditória e repleta de paradoxos. No mundo real é possível encontrar elementos próprios do lugar e do não-lugar convivendo juntos, e ao misturarem-se dinamizam as relações espaciais significantes,

[...] Acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura; lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele [...]. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação (AUGÉ, 1994, p. 74).

Assim, compreende-se que o não-lugar e o lugar estão se contrapondo e se mesclando no processo de transformação dos espaços urbanizados, não sendo encontrados sob a forma pura na realidade concreta nem na consciência dos habitantes da cidade. Apenas enquanto conceitos e por motivos metodológicos que podem ser tratados separadamente de forma estanque.

Nos termos usados por Carlos (2007b), o advento do não-lugar, enquanto objeto de pesquisa, dá-se ainda principalmente em função do processo assíncrono entre o tempo de reprodução da vida humana e o tempo de evolução da técnica, no qual o tempo que a vida humana necessita para desenrolar-se não acompanha o rápido desenvolvimento da técnica impressa nos espaços da cidade – ou é deixado para trás devido a celeridade das mudanças –, como nos comenta a autora,

[...] esse fenômeno [não-lugar], a nosso, ver (*sic*) diz respeito a um movimento específico do processo de reprodução espacial, no momento em que o processo de acumulação, para continuar se realizando, exige a existência de outros ramos da atividade produtiva, capazes de produzir para além de objetos, novas relações, comportamentos, valores, e um novo espaço assentado em novas estratégias. Mas é,

no entanto, um espaço completamente diferente daquele, gerado pelo “estranhamento” que só se cria como consequência do processo de transformação muito rápida por que passam as grandes cidades, em função de novas relações espaço-temporais que fazem do espaço construído algo fluido e efêmero, destruindo os referenciais urbanos que dão sustentação à vida e, com isso, dissipando a consciência urbana. Este fenômeno é produto direto da contradição entre tempo da vida humana (com delimitação biológica/cultural) e o tempo da técnica (cada vez mais veloz) (CARLOS, 2007b, p.61).

Através da abordagem acima transcrita, enfatiza-se aqueles lugares que, pela dinâmica do processo de produção/reprodução dos espaços da/na cidade, são expropriados de seus antigos significados – pela ação do Estado ou pela ação de setores dinâmicos da economia – passando a vazios de sentidos e significados ou a espaços normatizados regidos por sinais e códigos da modernidade – *outdoors*, placas de trânsito, vitrines, etiquetas – na consciência do morador.

Como exemplo tem-se a rua que perdeu seu caráter de encontro nos fins de tarde com os vizinhos para tornar-se avenida, espaço de passagem de grande fluxo de veículos empurrando os moradores para o espaço privado das casas, forçando-os a se retirar das calçadas onde ocorria o convívio amigável e o desenvolvimento das relações sócio-espaciais mais íntimas.

A rápida transformação por que passam os espaços urbanos parece desencadear as sensações de estranhamento e de alienação – quando o homem é alheio e passivo às mudanças ocorridas no espaço – no morador que tem um tempo diferente de acontecer da vida (a ser confirmado nos resultados finais da pesquisa). Essa dissonância entre tempo vivido, e tempo da transformação dos espaços, provoca vazios na memória do morador que necessita de um intervalo maior de tempo para assimilar a nova configuração espacial. Muitas vezes esse processo demora uma vida toda, perdendo seus antigos significados para sempre, não voltando a fazer parte do cotidiano daqueles que um dia consideraram como lugar de convívio e de reprodução da vida, restando como opção adaptarem-se à nova condição (atribuindo novos usos e novos significados quando possível).

Esse processo de rápida transformação dos espaços urbanos surgem como resposta às necessidades do mercado, e às urgências de reprodução do capital que exigem mais espaços adequados para seu livre desenvolvimento. O Estado desempenha papel fundamental nesse processo, pois é o principal agente modificador dos espaços habitados, ou seria o legítimo agente modelador do espaço independente dos interesses ocultos na sua ação.

Mas, se o Estado é considerado o legítimo agente responsável pelo planejamento dos espaços habitados, o morador é, sem dúvida, o agente responsável pelos significados e usos atribuídos aos mesmos, ou seja, é o agente qualificador dos espaços urbanos, adequando esses espaços aos interesses e necessidades individuais e coletivos.

No entanto, quando os espaços são modificados (requalificação, revitalização, etc) – pelas forças do capital – o morador pode apresentar dificuldades em acompanhar a dinâmica espacial, surgindo, num instante mais crítico, os sentimentos de estranhamento, não-identidade, de alienação e de vazios subjetivos que caracterizam o *lugar não-identitário*. Como diz Santos (1987) ao falar do homem que se depara com espaços novos: “Quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação” (1987, p. 61). Aqui é quando o não-lugar – por meio de forças exógenas – invade, por assim dizer, o lugar da vida do morador da cidade – o seu querer e a sua vontade.

Ressaltando, ainda, as limitações biológicas humanas no processo de apropriação dos espaços, considera-se que o não-lugar desponta também quando o morador sente-se alheio aos espaços urbanos, isso explicado pelo caráter próprio das cidades, onde encontram-se elementos de várias cidades contidos numa só, e o morador ao entrar em contato com esses elementos diferenciados e diferenciadores dos espaços citadinos – por serem distintos dos lugares de convívio – geram sentimentos de estranhamento e solidão, mas, nesse caso, esses sentimentos fazem parte da vida nas cidades, pois os espaços urbanos são modelados pela lógica da reprodução do capital atuante em escala não apenas local mas global gerando indivíduos socialmente isolados, como expõe Oliveira (2002),

Nesse *estar* das pessoas que habitam as médias e grandes cidades, sobretudo as metrópoles, não somente as brasileiras, mas as espalhadas em escala planetária, os seres humanos, no seu cotidiano de vida, vistos situados nos espaços de moradia, de trabalho, de estudo, de lazer, etc., ou, por instantes, em circulação entre pontos do espaço urbano, por mais diverso que seja o motivo desse *estar*, se sentem em parte solitários, desenraizados culturalmente, *fisicamente juntos, todavia, socialmente isolados* (OLIVEIRA, 2002, p. 39, grifo do autor).

Voltando a citar Augé (1994), a supermodernidade (fruto da condensação de forças atuantes no globo) – demandando de espaços próprios para sua consolidação no mundo – introduz no dia a dia dos que vivem nas cidades seus símbolos mais característicos no intuito

de assimilar mais territórios²¹ e subvertê-los à lógica do consumo. Isso claro, desconsiderando as relações existentes entre morador e lugar.

Esses não-lugares, objetivamente falando, tão representativos da sociedade pós-moderna são: os aeroportos, os hipermercados, rede de hotéis, parques temáticos, os *shoppings center* e similares de pequenas proporções, as autoestradas e rodovias.

Todos estes espaços têm por características comuns o fato de não envelhecerem nem revelarem os efeitos/ranhuras do tempo, por não resguardarem as reminiscências do passado, por atenderem às necessidades de reprodução do capital e serem próprios para o consumo de serviços, de mercadorias e de pessoas (o cidadão se converte em consumidor e em utente).

Após explanação, verifica-se que o não-lugar pode ser entendido como um espaço onde os hábitos, costumes, comportamentos e significados foram padronizados nos moldes do mercado mundial, para atender expectativas consumistas globais. Portanto, dada a alienação intrínseca a este espaço, será usado neste trabalho o termo *lugar não-identitário* para designá-lo.

2.2 Por uma definição do lugar

Entender o conceito de “lugar” requer uma busca em vários campos disciplinares, uma vez que se tratar de um conceito complexo que passou, ao longo do desenvolvimento das ciências, por diversas releituras e interpretações. Sua análise necessita de um olhar atento não apenas em relação ao adensamento da técnica, da informação, da comunicação e da normatização no território, como afirma Milton Santos (1996), mas também levar em consideração fatores subjetivos, e as relações dos homens entre si e com o espaço habitado implicando, sobretudo, em processos de identidade como é proposto por Rogério Haesbaert (2006).

Neste trabalho entende-se que o conceito de “lugar” perpassa pela análise das definições propostas e formuladas pelos grandes teóricos clássicos, mencionados anteriormente, e necessitam ser constantemente revistas na confrontação com a realidade, para comprovação de sua validade em relação ao contexto em análise ou para possíveis ajustamentos do seu conteúdo.

²¹ O território, indo além de definições políticas e fronteiriças, é uma categoria espacial de cunho simbólico e de referência para a construção de identidades (HAESBAERT, 2004, p.35).

Desta forma, algumas abordagens são elencadas por alguns autores enquanto reflexões sobre o conceito de lugar antes de caracterizar a que será adotada e, conseqüentemente, orientará toda a dissertação.

Michel de Certeau (1999) propõe, para efeito de estudos, o lugar enquanto a ordem que os elementos físicos (objetos e equipamentos urbanos) estão distribuídos no espaço e cada um ocupando uma localização específica num dado instante de tempo. Por esta característica estão constantemente mudando suas localizações e se constituindo noutros lugares à medida que o tempo transcorre, em conformidade com fragmento da obra do autor,

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 1999, p. 201).

Milton Santos (2008) define o lugar corroborando com a noção proposta por Certeau (1999) além de salientar que o conjunto de objetos que compõem um lugar possuem funções que cambiam, assumindo novas funções na configuração urbana determinadas por fatores internos e/ou externos da conjuntura política, social e econômica,

O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam (ruas, edifícios etc.) mas não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem (SANTOS, 2008, p. 59).

Se por um lado, a noção apresentada por Certeau (1999) define o lugar como sendo a ordem da distribuição dos objetos de modo a relacionarem-se pelo princípio da coexistência e cada corpo ocupando um único lugar no espaço, por outro lado, Santos (2008) – além de condicionar o lugar à forma como os objetos (fixos) estão distribuídos territorialmente num tempo específico – prevê a influência da realização de determinadas ações submetidas a normas, a um regime de regulação e à feição tomada pela materialização espacial da técnica.

Isso quer dizer que um mesmo lugar pode ser utilizado para a realização de diversas ações e ter inúmeras funções ao longo do tempo, a depender do modo como os objetos (novos e velhos) estão dispostos e das forças regulatórias e coercitivas atuantes, daí o lugar como *extensão do acontecer solidário*,

Defina-se o lugar como a *extensão* do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário e que se caracteriza por dois gêneros de constituição: uma é a própria configuração territorial, outra é a norma, a organização, os regimes de regulação. O lugar, a região não mais o fruto de uma solidariedade orgânica, mas de uma solidariedade regulada ou organizacional (SANTOS, 1996, p. 16, grifo do autor).

As visões apontam para um pensamento sobre o lugar no qual o indivíduo – dotado de subjetividades e de capacidade de atribuir uso, significado (prático ou emocional) e identidade aos espaços urbanos – torna-se imprescindível na compreensão do mesmo.

Vale ressaltar que, realmente, os lugares são diferenciados entre si pelo modo como a técnica se instala e se espalha em cada território através da *coabitação solidária* de diversos tempos arquitetônicos (construções com padrões arquitetônicos antigos convivendo com as novas técnicas, materiais e tendências construtivas). E, esta diferenciação dos lugares encontra-se, também, atrelada às funções socioeconômicas desempenhadas, permitindo que cada localidade resguarde suas particularidades definidoras.

No entanto, entendendo-se que o lugar é a menor dentre as categorias geográficas existentes, e como tal, é a primeira à qual o homem tem contato enquanto ser corpóreo dotado de sentidos, o lugar é, então, onde se instala o plano do vivido e se produz o conhecido-reconhecido, de acordo com Ana Fani Alessandri Carlos (2007b).

E, nesse intuito, concorda-se, ainda, com o pensamento de Carlos (2007b) que assim caracteriza o lugar:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente a produção da vida (CARLOS, 2007b, p. 22).

Ressalta-se, neste momento, a importância da distinção de duas noções: espaço não é sinônimo de lugar, espaço é uma categoria geográfica totalitária e abstrata (SANTOS, 2008, p. 85) e sua forma, entendimento e interpretação dependem da configuração territorial e do movimento da sociedade no lugar. E na perspectiva do indivíduo, o espaço (estranho e indiferenciado) se transforma à medida que é dotado de significado ganhando outro *status*, o de lugar, conforme afirma Yi-Fu Tuan (1983),

[...] Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. ‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 1983, p. 6).

Infere-se, então, que o homem constrói toda a sua vida, seu cotidiano – os hábitos diários, os laços de vizinhança, o deslocar-se para o trabalho, as práticas de lazer, fazer compras, etc. – no diálogo contínuo com uma parcela do território, à qual é denominada lugar. E é a partir da concepção de território singular, e único, repleto de significações e processos identitários, onde se realizam as relações sociais, que essa dimensão do espaço ganha pleno significado.

Através das abordagens expostas, pode-se considerar duas dimensões da concepção de lugar (uma marxista e a outra humanista), que não são contraditórias, mas complementares – apesar de seu estudo apontar para a adoção de uma das duas dimensões como princípio norteador nos trabalhos acadêmicos:

- Primeiramente, o lugar é resultado da técnica (dentro do processo produtivo) materializada e acumulada (edifícios, ruas, avenidas, parques, monumentos, casas, fábricas, lojas, praças, objetos e equipamentos urbanos) através do tempo, de modo distinto, em cada parcela do território, conferindo, aos espaços habitados, uma morfologia urbana única que é reafirmada, em suas funcionalidades, pelo processo de mundialização do capital – é o *lugar funcional*;
- E, na segunda abordagem, o lugar só ganha caráter diferencial definitivo através do uso dado por aqueles que estão em constante diálogo com essa configuração material de objetos e equipamentos urbanos. Só o homem (enquanto ser social e cultural), ao realizar sua vida, dá significado ao conjunto formado pela técnica acumulada, e conseqüentemente, sentido único. É a ação do homem, em sociedade, que confere às parcelas do território a marca da identidade. É o *lugar* no sentido *antropológico* que, segundo Marc Augé, tem por características comuns, além de ser identitário, ser também relacional e histórico (AUGÉ, 1994, p. 52).

Portanto, o conceito de lugar, neste trabalho será focalizado por meio de uma acepção humanista, mas, contudo, sem a pretensão de negar a perspectiva marxista e sim fazer possíveis conexões, visto que as duas dimensões estão intrinsecamente vinculadas no mundo real, ou seja, cada lugar tem uma funcionalidade (lugar funcional) definida pelo capital reproduzido e um sentido dado pelo indivíduo (lugar antropológico).

Logo, a vida do homem urbano está permeada pela relação dialética e dicotômica do lugar: uma sendo obra do próprio homem por meio do uso dos espaços urbanos, a outra produzindo nos indivíduos sua força regulatória, normativa, coercitiva e funcional. No lugar é

possível, ainda, verificar todo tipo de bipolaridade e contradição convivendo mutuamente e se mesclando – o belo e o feio, o novo e o velho, o público e o privado, a simplicidade e a complexidade, a liberdade e a coerção, a ordem e a desordem, o estático e o dinâmico, o labor e o lúdico, a riqueza e a pobreza, o conhecido e o desconhecido, entre outros.

Outro aspecto relevante na análise, é que o lugar é produto das relações cotidianas operadas pelo homem, morador das cidades, no intuito de garantir a manutenção de sua vida, de seus traços socioculturais e de sua identidade. E, desse modo, o entendimento do cotidiano é fundamental para a construção do lugar. O lugar e o cotidiano estão ligados intrinsecamente e só a partir desta noção que se pode refletir sobre a dinâmica da sociedade no mundo e em seus pedaços, com suas contradições e dicotomias, como diz Amélia Damiani (2007),

Relacionar cotidiano e lugar é envolver as relações próximas, ordinárias, singulares à mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo, situa seu lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global (DAMIANI, 2007, p. 164).

Destarte, o cotidiano não é sinônimo, puro e simples, de uma rotina nem pode ser resumido, apenas, a uma repetição mecânica e diária de ações. É representado por meio dos usos dos lugares, dos hábitos e dos costumes dos indivíduos. Nessa perspectiva, concorda-se com o pensamento de Agnes Heller (1992),

A VIDA COTIDIANA é a vida de *todo* homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais ‘insubstancial’ que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. [...] A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 1992, p. 17, grifo do autor).

O estudo do cotidiano – indo além da simples descrição das práticas diárias do indivíduo – compreende a própria vida do homem – em seus momentos – com suas escolhas individuais, influenciadas ou não pela estrutura social e econômica vigente, revelando sua compreensão de mundo e o modo como o indivíduo vive e interage com o espaço urbano e com os outros indivíduos. Portanto, o cotidiano é essencialmente um estudo da dinâmica contemporânea do homem em sociedade e os seus resultados dependerá do modo como a

sociedade se organiza e como o indivíduo interage social e espacialmente, conforme retrata o fragmento a seguir,

O estudo do cotidiano compreende a análise do indivíduo de modo geral, envolvido em relações com outros indivíduos. Sendo que o espaço [lugar] é o meio que possibilita a conexão entre as coisas. Sua compreensão já está submetida à compreensão imediata do mundo vivido, que é a soma de todas as ações e intervenções junto ao meio onde o indivíduo vive, criando dessa forma uma experiência de vida, cada qual com a sua experiência (GIL; GIL FILHO, 2008, p. 106-107).

Por isso, os estudos do cotidiano deve, primeiramente, caracterizar os momentos da vida atrelando-os aos seus respectivos lugares – momentos que já não são alheios, ingênuos à reprodução do capitalismo e as coerções implícitas (DAMIANI, 2007, p. 161). No outro instante, entender as suas objetivações e significações, no intuito de revelar e entender os traços e valores socioculturais definidores da comunidade à qual os indivíduos envolvidos estão inseridos e as experiências adquiridas no decorrer da vida. Pode-se dizer que essas experiências são adquiridas no dia a dia por meio da observação ativa, do contato sensorial direto, e da percepção dos elementos constituintes do espaço habitado (GREUEL, 1998, p. 76).

As relações do dia a dia – com o outro e com os equipamentos e espaços urbanos através do tempo – implicam, como exposto, na produção de identidade, familiaridade e significado. E neste sentido as relações sócio-espaciais se realizam no decorrer do tempo, o lugar é tecido historicamente. Essa construção do lugar pelo homem é definida por Augé (1994),

[...] o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima. Por isso é que aqueles que nele vivem podem aí reconhecer marcos que não têm que ser objetos de conhecimento. O lugar antropológico, para eles, é histórico na exata proporção em que escapa à história como ciência. [...] O habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história (AUGÉ, 1994, p. 53).

Portando, na história que se constrói agora, através da atuação do homem realizando sua vida, que os estudos do lugar são delimitados temporalmente, ou seja, a análise do lugar busca evidenciar as relações sócio-espaciais essencialmente contemporâneas, que acontecem no dado momento da história em que se realiza a pesquisa. É um estudo das relações coetâneas do homem com o espaço e com o outro.

Neste enfoque, algumas premissas merecem ser destacadas: 1º) estudar o lugar é voltar o olhar para o momento presente da história humana; 2º) o estudo está na escala do indivíduo, do morador das cidades; 3º) o indivíduo vive em sociedade e, portanto, está sujeito às coerções, normas e padrões próprios dessa sociedade que devem ser consideradas na análise; 4º) a observação das relações cotidianas homem-homem e homem-espaco são importantes na compreensão da categoria espacial lugar.

2.3 Lugar: cidade, mundo

Nos estudos realizados por Carlos (2007), ela aponta diversos elementos que contribuem para o debate e construção de um pensamento a respeito das grandes metrópoles da atualidade, dentre esses elementos destaca-se o seguinte: “As relações do cidadão, do homem comum, se realizam, concretamente no lugar, no plano da vida cotidiana. Neste sentido o homem não habita a metrópole, mas lugares da metrópole onde se desenrola a sua vida, marcada pelos trajetos cotidianos” (CARLOS, 2007a, p.14).

Aqui, a autora, esclarece que a metrópole, dada suas dimensões, não pode ser, em nenhuma hipótese, considerada – em sua totalidade – como o lugar da reprodução da vida do homem, mas aquelas parcelas da metrópole às quais o homem está em contato imediato e permanente. E segundo Lynch (1997), outro condicionante age restringindo as relações cidadinas: são as limitações perceptivas humanas que contribuem para uma visão fragmentária e parcial da cidade,

Na maioria das vezes, nossa percepção da cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles (LYNCH, 1997, p. 2).

Assim, partindo dessa imagem parcial e fragmentária da cidade, o indivíduo se reconhece e se identifica como morador de uma grande cidade participando e tendo contato apenas com fragmentos da metrópole. Ele vive a partir das frações do solo urbano às quais está em contato direto e diário.

Embora a tendência natural seja associar a cidade a uma gama de aparatos arquitetônicos e urbanísticos, ao desenvolvimento e adensamento espacial da técnica e as atividades relativas à reprodução do capital, deve-se entender a cidade sobre outra ótica, na qual aspectos subjetivos sejam relevados – não desconsiderando os elementos construídos.

Ela, a cidade, é um todo complexo, formado por contradições que se interconectam – entre elas objetividades e subjetividades –, implica modos sócio-espaciais de acontecer da vida associados aos intensos processos capitalistas (comerciais e/ou industriais). É nesse ponto que concorda-se com Carlos (2007a):

[...] a reflexão sobre *a cidade* é, fundamentalmente, uma reflexão sobre a prática sócio-espacial que diz respeito ao modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação do espaço como elemento constitutivo da realização da existência humana. Assim, o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela condição, meio e produto da ação humana – pelo uso – ao longo do tempo. Esse sentido diz respeito à superação da ideia de cidade reduzida à simples localização dos fenômenos (da indústria, por exemplo), para revelá-la como sentido da vida humana em todas as suas dimensões (CARLOS, 2007a, p. 11, grifo nosso).

Já quando se fala da pequena cidade essa relação homem-lugar pode se confundir com a relação homem-cidade dada as dimensões da própria urbi que, por seu tamanho diminuto, o homem pode, nos seus trajetos diários, manter diálogo com todo o perímetro urbano.

O que pode caracterizar a cidade como um lugar é o fato do homem interagir com toda a área da cidade – através do diálogo imediato do seu corpo com o espaço urbano e levando-se em consideração suas limitações corpóreas de deslocamento. O fragmento a seguir da obra de Carlos (2007b) expõe esta perspectiva,

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 2007b, p. 17, grifo do autor).

Como esclarece a autora, a pequena cidade pode ser considerada um lugar, pois o seu morador faz uso, interage, conhece e reconhece todas as parcelas do seu modesto espaço urbano no dia a dia vivido, ao locomover-se pelas ruas e avenidas, ao frequentar praças, mercados, lojas, casas de parentes e amigos – o mundo está ao alcance de uma caminhada.

Na presente investigação, a questão acima aludida será tratada na apresentação dos resultados da pesquisa empírica, pois, ainda que seja pequena (a cidade) pode – dependendo de sua conjuntura, fatores econômicos, sociais e políticos (entre outros) – não fazer parte da vida do seu morador em sua totalidade. Desta forma, prescinde de estudos empíricos para a comprovação e consolidação desta abordagem teórica.

Até aqui o entendimento em torno do assunto leva a dois pressupostos para que a cidade possa ser considerada um lugar:

- O primeiro diz respeito ao tamanho mesmo da cidade. A dimensão do espraiamento urbano é um elemento importante, pois quanto menor for a cidade maiores são as possibilidades de o morador – ponderando suas limitações corpóreas de deslocamento – manter um convívio imediato e íntimo com o perímetro urbano;
- O segundo diz respeito à capacidade do homem em interagir com todos os espaços dessa mesma cidade ainda que pequena, a depender de sua mobilidade espacial condicionada à sua situação socioeconômica. Isso quer dizer que melhores condições financeiras proporcionam maior mobilidade – tanto pelo fato de possuir meio de transporte próprio quanto por poder pagar (poder de compra) pelos serviços e produtos ofertados em alguns lugares da cidade – e, conseqüentemente, o morador tem a possibilidade de experimentar e conviver com maiores áreas urbanas.

Como mencionado anteriormente, a produção do lugar, no seu sentido antropológico, dá-se por meio dos usos dos espaços, equipamentos e objetos dispostos em toda malha urbana. É através do corpo – e dos sentidos corpóreos “[...] semelhantes aos de outros primatas, mas [que] são coroados por uma capacidade excepcionalmente refinada para a criação de símbolos” (TUAN, 1983, p. 5) – que o indivíduo entra em contato – e faz uso – imediato e sem intermediários com os elementos espacializados e com as demais pessoas (vizinhos, parentes, amigos) na cidade.

Deve-se observar que os sentidos corpóreos não são neutros, nem puramente instintivos, na apresentação dos fatos. Os sentidos, assim como os próprios objetos percebidos, tem seu traço social construído por fatores históricos presentes no ente percebido e no ser que percebe, em conformidade com o pensamento de Horkheimer citado por Jovchelovitch (2000),

[...] ‘os fatos que nossos sentidos nos apresentam são socialmente construídos de duas maneiras: através do caráter histórico do objeto sendo percebido e através do caráter histórico do organismo que percebe. Ambos não são simplesmente naturais; eles são formados pela atividade humana’ (HORKHEIMER apud JOVCHELOVITCH, 2000, p. 208).

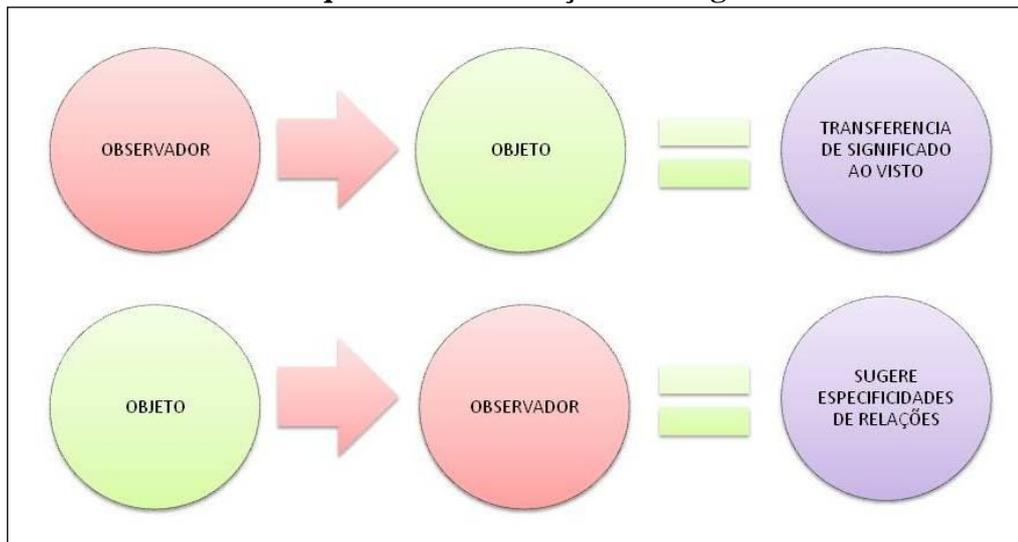
O corpo humano, nessa perspectiva, é o “nó vital” (CARLOS, 2007b, 18) através do qual, o indivíduo, age e interage com o entorno construindo sua história, sua identidade, sua memória ao mesmo tempo em que usa e atribui significado aos objetos cotidianos.

Nessas condições, é reconhecendo a configuração espacial urbana como lugar do acontecer da vida que, até mesmo um pequeno detalhe pode ser determinante na construção da memória na vida do homem. De acordo com Tuan (1983), “o lugar pode adquirir profundo significado para o adulto através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos. Cada peça dos móveis herdados, ou mesmo uma mancha de parede, conta uma estória” (TUAN, 1983, p. 37).

Ao ver, tocar e sentir as coisas o indivíduo percebe que, *a priori*, nada está totalmente claro ou manifesto, mas aos poucos, com o passar do tempo – com base nos referenciais adquiridos –, ele vai imputando sentido à cada canto, à cada pedaço do vasto espaço urbano ao qual contata ao longo de sua história vivida, no decorrer de seus dias, nos afazeres diárias, no seu cotidiano, concordando com o pensamento de Lynch (1997).

A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem esperando para serem explorados. Nada é vivenciado em si mesmo, mas sempre em relação aos seus arredores, às sequências de elementos que a ele conduzem, à lembrança de experiências passadas. Cada cidadão tem vastas associações com algumas partes de sua cidade, e a *imagem* de cada um está impregnada de lembranças e significados (LYNCH, 1997, p. 1, grifo nosso).

A imagem da cidade – ou imagem ambiental conforme Lynch (1997) – é produto da relação bilateral entre observador e seu meio (ver figura 21): um exercendo influência sobre o outro. O debruçamento do observador sobre algo é uma atitude ativa acarretando na atribuição de significados ao objeto alvo do exame. E, por conseguinte, o meio – com seus objetos distribuídos – apresenta ao espírito do observador sugestões de relações possíveis que podem ser desenvolvidas em seu cerne, ou seja, constata-se a convergência com os enfoques supracitados de Santos (2008) e de Certeau (1999), nos quais a forma como os objetos estão dispostos no espaço – determinada pela natureza ou pelo desenvolvimento da técnica – tem sua importância na construção dos lugares significantes para o habitante das cidades.

FIGURA 21 – Esquema da construção da imagem ambiental

Fonte: Lynch, 1997. Adaptado pelo autor.

Esta imagem gerada a partir do processo interacional entre observador-objeto pode ser decomposta em três elementos: *identidade* da imagem, diz respeito a sua diferenciação em relação aos demais objetos especializados; a *estrutura*, na qual é especificada a relação mantida com os outros objetos circunvizinhos; e o *significado* dado pelo observador na sua relação cotidiana com os objetos, podendo ser de cunho emocional ou prático. A figura 22 expõe um esquema ilustrativo e resumido dos elementos constituintes da imagem propostos por Lynch:

FIGURA 22 – Elementos que compõem a imagem

Fonte: Lynch, 1997. Adaptado pelo autor.

Porém, este esquema dinâmico da formação da imagem, proposto por Lynch (1997), tem suas debilidades reconhecidas: desconsidera a ação de agentes exógenos na constituição do objeto e na formação do intelecto do observador. A análise torna-se frágil por não prever as redes relacionais que interligam lugares distintos e por vezes longínquos – aspectos locais e globais convivendo juntos e reforçando as diferenças locais. Para preencher esta lacuna, a visão de Marc Augé (1994) foi adotada. O autor percebe o mundo interconectado, sendo cada lugar influenciado por forças globais e globalizantes. À qual é complementada pelo pensamento de Santos (1996), Carlos (2007a) e Debord (1997).

E a história vivida do homem pode ser muito bem contada pelos seus passos, ou seja, se é através do corpo que o homem se liga ao mundo então esse mesmo corpo ao movimentar-se espacialmente amplia, a cada passo, os horizontes de sua percepção e de seu entendimento. É pelo simples fato de por o corpo em movimento – deslocar-se de um canto para outro – que o homem experiencia novas coisas, novos objetos aumentando seu diálogo com o mundo ao longo da vida e como diz Tuan (1983),

Movimentos tão simples como esticar os braços e as pernas são básicos para que tomos consciência do espaço. O espaço é experienciado quando há lugar para se mover. Ainda mais, mudando de um lugar para outro, a pessoa adquire um sentido de direção. [...] A experiência, contudo, é necessária (TUAN, 1983, p. 13).

Tuan (1983) declara ainda, que a associação da cinestesia²², visão e tato permite aos seres humanos sentimentos fortes pelo espaço. Hall (2005) argumenta que existe uma relação muito próxima entre o sentido do espaço e o próprio sentido do eu para o indivíduo no processo interativo com o meio. O meio, neste sentido, pode interferir no modo como o indivíduo constrói sua percepção de si e no seu desenvolvimento corpóreo e cognitivo,

O sentido que o ser humano tem do espaço apresenta uma relação muito próxima com seu sentido do eu, que está em íntima interação com o ambiente. Pode-se considerar que o ser humano possui aspectos visuais, cinestésicos, táteis e térmicos de seu eu cujo desenvolvimento pode ser inibido ou estimulado pelo ambiente (HALL, 2005, p.77).

E Lynch (1997) amplia e condensa esse pensamento ao falar da capacidade humana de perceber a si e outros objetos no que ele chama de *ambiente* e de fazer o reconhecimento das entidades corpóreas utilizando-se de várias faculdades, dentre elas a capacidade de estruturar e identificar os objetos espacializados para interpretá-los.

²² Capacidade em reconhecer a localização espacial do corpo, sua posição e orientação, a força exercida pelos músculos e a posição de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão.

Estruturar e identificar o ambiente é uma capacidade vital entre todos os animais que se locomovem. Muitos tipos de indicadores são usados: as sensações visuais de cor, forma, movimento ou polarização da luz, além de outros sentidos como o olfato, a audição, o tato a cinestesia, o sentido da gravidade e, talvez, dos campos elétricos ou magnéticos (LYNCH, 1997, p. 3-4).

O referido autor trata especialmente da qualidade espacial da cidade ao eleger como foco central de sua pesquisa a *legibilidade* – capacidade de ser reconhecida e resumida através de uma representação genérica – do *ambiente urbano* por meio da percepção dos habitantes, mas, mesmo salientando sua importância devido as dimensões e complexidades urbanas, admite que essa qualidade visual não é a única virtude que a cidade possui.

Tudo que está distribuído e o modo como cada coisa é disposta no território urbano é, na maioria das vezes, definido por uma condensação de forças representadas pelos interesses do Estado, das classes hegemônicas e do próprio capital (representado especialmente pelo mercado imobiliário e pela indústria do turismo).

Porém, o sentido, o significado efetivo de cada coisa, de cada canto e pedaço urbano, é dado pelo indivíduo. É no seu livre desenvolvimento individual que, o habitante, cria suas representações da cidade, das coisas visíveis. Representar, como meio de chegar ao conhecimento dos objetos e formulações de sentidos para as coisas, é um fenômeno presente no cotidiano das pessoas vivendo em sociedade, em conformidade com o que sintetiza Moscovici (2009),

[...] Em síntese, as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como o principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros (MOSCOVICI, 2009, p.8).

Consoante a Moscovici (2009) – que realizou estudos sobre as *representações sociais* – elas têm por finalidade tornar familiar algo que o homem não conhece, nunca viu ou não teve contato até dado momento. E, é nessa dinâmica de mudança de valor do *não-familiar* para o *familiar* que o significado, a identidade e a imagem das coisas e seres são criados ou outorgados,

Em seu todo, a dinâmica das relações é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’ (MOSCOVICI, 2009, p.54-55).

Esta dinâmica das relações, à qual se refere o autor, é facilmente verificada no momento em que o homem se depara com algo novo – nunca visto – e tenta compará-lo às imagens e às lembranças presentes na memória no intuito de convencená-lo a uma categoria de coisas preexistente – construída ao longo da história vivida – transformando, assim, o objeto desconhecido em familiar. Esta categorização objetiva agrupar coisas com características similares, facilitar sua identificação e comparação com objetos novos.

Na perspectiva dos processos de familiarização, o homem urbano é constantemente convidado a interagir com objetos diferentes e a fazer novas conexões, aumentando seu repertório de representações no seu diálogo ininterrupto com os espaços urbanos: ao fazer uso dos equipamentos e mobiliários urbanos, ao tentar reproduzir sua vida em seu cotidiano vivido, ao locomover-se, ao executar suas tarefas, afazeres e compromissos diários o habitante cria sua própria imagem da cidade e constrói suas próprias representações da realidade.

Logo, os estudos dos lugares da vida do homem têm seu cerne na observação dos usos dos espaços urbanos pelo habitante, pois é ao fazer uso dos espaços citadinos que os processos de familiarização, construção da imagem e percepção são demonstrados.

Por conseguinte, o lugar da vida será composto por todos os *espaços indiferenciados* (TUAN, 1983) que por ventura venham a fazer parte do ordinário do indivíduo. O homem ao caminhar pelas ruas da cidade em busca do sustento, da diversão, do lazer, do conhecimento – entre outras possibilidades de concretização da vida – está interagindo com os espaços, está conhecendo e reconhecendo, vendo e sendo visto (CERTEAU, 1999). A interação do homem com os espaços urbanos será feita e refeita a cada dia, no ir e vir pela cidade, no diálogo permanente com os equipamentos urbanos, com as experiências adquiridas através do tempo de acordo com os esclarecimentos de Carlos (2007a),

[...] o plano do lugar pode ser entendido como a base da reprodução da vida e espaço da constituição da identidade criada na relação entre os usos, pois é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido. É assim, por exemplo, que a cidade – enquanto articulação de lugares – produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo e cria identificações. Esse plano é aquele do local, que faz da cidade uma mediação entre as ordens próxima e distante (CARLOS, 2007a, p. 43).

Logo, a condição de se pensar o lugar, é motivada, pelo fato de que é nele onde se realiza o contato do homem com o mundo: “É pelo lugar que revemos o Mundo e ajustamos nossa interpretação, pois, nele, o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal, sobre o

movimento, o passageiro, o imposto de fora” (SANTOS, 1996, p. 16). Existe, então, uma relação estável que só é encontrada pelo homem no lugar, onde há permanência – ainda que relativa – dos elementos, ou ao menos suas mudanças respeitam o tempo necessário para que as condições corpóreas humanas as assimilem.

É por meio do lugar da vida cotidiana que são conhecidas e reconhecidas as instâncias macro do espaço, por exemplo: a cidade e o mundo – o próximo e o distante. No lugar – onde se desenrola a vida cotidiana – é possível encontrar elementos mundializados, ou seja, que podem ser verificados em todas as partes do globo e, ao mesmo tempo, encontrar configurações espaciais únicas raramente experienciadas noutra ponto do planeta. Portanto,

O lugar, acima de tudo, não é o particular, perdido do mundo, é o diferente. Nasce do embate com os outros lugares, como totalidade, com a totalidade dos lugares, o mundo. Coloca-se no mundo para ser o lugar. O que rege a existência do lugar, com [a existência] do cotidiano, é o desenvolvimento desigual (DAMIANI, 2007, p. 169-170).

E propondo-se verificar e comprovar esse arcabouço teórico exposto, o estudo descreverá – fazendo uso de instrumental metodológico apropriado a ser definido no próximo capítulo – os usos do espaço, os percursos realizados e os lugares frequentados cotidianamente a fim de delimitar o perímetro urbano onde a vida acontece e tentará entender as relações de familiaridade e de identidade com essas áreas.

2.4 O lugar como mercadoria e a produção de simulacros

Para Augé (1994) o mundo atual é caracterizado por três figuras do excesso como foi dito anteriormente – a superabundância do tempo, do espaço e da individualização das referências – que atuam simultaneamente e estão intrinsecamente ligadas.

A supermodernidade – termo empregado por Augé (1994) para designar a situação de excessos do mundo atual – tem como efeito econômico a criação de locais totalmente exóticos dentro das cidades – independente de seu tamanho ou localização no globo –, ou seja, instaura verdadeiras *ilhas* dentro das cidades que destoam do entorno dada, entre outros fatores, suas funcionalidades. Surgem para atender às novas demandas por espaços próprios para a circulação de pessoas num fluxo mundial.

Esses locais não aparecem e nem se desenvolvem com base nas demandas autóctones, mas para atender desejos e necessidades da sociedade do consumo – refém do mercado

consumista que há muito tempo saiu da linha de produção para invadir a vida cotidiana – que reclama para si mais e mais espaços para realizar-se e saciar seus anseios pelo *novo*, pelo *diferente*.

E, temos como representante máximo dessa realidade a dita indústria do turismo que tenta, a todo custo, assimilar parcelas cada vez maiores do espaço terrestre no intuito de vendê-las ao mundo tendo por base seus recursos naturais e suas potencialidades culturais, paisagísticas, gastronômicas etc. Os lugares são reduzidos aos seus atrativos de interesse turístico e vendidos como paraísos, isentos de defeitos. Cria-se uma pseudo *imagem-identidade*, superficial, moldada aos padrões internacionais de consumo, impossível de resistir. São novas centralidades de emanção do interesses capitalistas.

É a partir da propaganda dessa imagem caricaturada, que a indústria do turismo vende os lugares, tornando-os atraentes para o potencial turista – este último é bombardeado por apelos propagandísticos que incitam necessidades, não sabendo distinguir seu real desejo daquele – desejo de consumo – induzido pelo afã do capital.

Os lugares – às vezes cidades inteiras – têm suas imagens e, em casos extremos, suas configurações espaciais pasteurizadas no intuito de adequá-las aos padrões mundiais de consumo, e serem inseridos no circuito turístico internacional. Isso porque, como diz Augé (2010), “o turista, nas versões mais recentes e mais luxuosas da atividade turística, quer ao mesmo tempo, seu conforto físico e sua tranquilidade psicológica” (AUGÉ, 2010, p. 74), quer desfrutar o diferente e o exótico sem perder o bem estar de sua casa. E as grandes redes de hotéis, cientes deste filão turístico, vendem aos seus futuros hospedes o direito de usufruir os mais inóspitos lugares do mundo sem perder os padrões de conforto oriundos dos grandes centros.

Desse modo, as especificidades de cada localidade são camufladas, negligenciadas e relegadas, fadadas a desaparecerem, ou não serem vistas pelo visitante caso desatendam aos interesses e protótipos consumistas. Carlos (2007b) relata o poder do turismo em transformar o espaço das relações em espaço do espetacular e do efêmero,

A indústria do turismo transforma tudo o que toca em artificial, cria um mundo fictício e mistificado de lazer ilusório, onde o espaço se transforma em cenário, “espetáculo” para uma *multidão amorfa* através da criação de uma série de atividades que conduzem a passividade, produzindo apenas a ilusão da evasão e, deste modo, o real é metamorfoseado, transfigurado, para seduzir e fascinar. Aqui o sujeito se entrega às manipulações desfrutando a própria alienação (CARLOS, 2007b, p. 64, grifo do autor).

O homem moderno²³ encontra-se, desse modo, alienado de sua própria vontade e está convencido que a sua felicidade condiciona-se à posse de bens e ao consumo de serviços a disposição (venda) no mercado. E, a satisfação de suas necessidades recreativas e lúdicas está na *não ação*, na passividade de assistir aos espetáculos fascinantes programados pela indústria do turismo e, ainda, ter a sensação de que fez parte de algo, que presenciou e participou de manifestações culturais diferentes das suas, mas na verdade tudo era falso, apenas cenário criado.

Esses cenários, palcos de ininterrupto *espetáculo*, são *simulacros* – ou seja, uma pseudo representação, caricaturada do real (BAUDRILLARD, 1991) – de uma realidade transfigurada e enxertada em lugares de interesse econômico, principalmente turístico, no intuito de torna-los mundializados e atraentes ao consumo frenético.

Para Baudrillard (1991) o simulacro acontece quando uma imagem é criada para “mascarar a ausência de realidade” (1991, p. 13) dos lugares que passaram pelo processo de mediação e adequação para atender a interesses exógenos. Isso quer dizer que não é fruto da dinâmica interna dos lugares e sim de uma imposição de agentes externos agindo no lugar. Na atualidade, alguns signos que antes representavam culturas e lugares são trocados por signos que ocultam que não há nada de real a ser significado, e para esconder, forçosamente, o vazio de realidade profunda de algo adaptado para ser efêmero.

A transformação de um lugar repleto de significados e identidade em simulacro ocorre, principalmente, quando cooptado pelos interesses do capital, quando seu valor de uso é subtraído pelo valor de troca e os processos de especulação – principalmente a imobiliária – e comercialização são intensificados, segundo diz Carlos (2007c).

A reprodução espacial, voltada para o reprodutivo e para o repetitivo, produz os simulacros no espaço, consumidos enquanto espaços de turismo e lazer, enquanto simulação de um espaço novo – na realidade, um espaço fragmentado, reduzido e limitado pelas necessidades da acumulação. O espaço do turismo e do lazer são espaços visuais, presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro. E que reduzem a apropriação enquanto ‘mercadoria de uso temporário’ definida pelo tempo de não-trabalho (CARLOS, 2007c, p. 176).

O lazer, enquanto atividade humana praticada no tempo de não-trabalho, foi assimilado pela lógica capitalista – é um dos segmentos mais rentáveis do turismo – e hoje é um dos principais produtores de simulacros, como discorre Carlos (2007a),

²³ É aquele que vive num mundo repleto de contradições e paradoxos, e que enfrenta transformações sociais e culturais (individuais e coletivas), mudanças de valores e de hábitos, enquanto tenta construir laços sólidos e fortes de sociabilidade e identidade diante da celeridade do tempo presente e das metamorfoses espaciais (BERMAN, 1986).

O modo como o lazer se estrutura [...] é outro elemento revelador do momento de passagem da cidade entendida enquanto valor de uso para aquela sua função de valor de troca, através do consumo do espaço a partir dos signos da sociedade de consumo. Como o lazer entra no circuito da mercadoria no contexto da mercantilização da cidade, impõe-se como necessidade a constituição de novas formas urbanas, como por exemplo, a construção de centros de lazer, muitos deles meros simulacros, a exemplo dos bares temáticos criando centros de visibilidade e de fácil identificação com os padrões da sociedade de consumo no espaço, lugar de referência da identidade abstrata (CARLOS, 2007a, p. 67).

Os exemplos dessas novas formas urbanas produzidas na era da mercantilização citadina se espalham pelo mundo: O clássico caso do Havaí (EUA) que recebe pessoas do mundo todo atraídas por uma imagem cinematograficamente criada. Seduzidos por uma música, dança e vestuário inconfundível que surgiu no cinema. A ilha foi toda transformada num centro de lazer com seus hotéis, a beira mar, perfeitos e luxuosos voltada para os turistas das mais diversas partes do mundo que buscam por sol e mar. Seu espaço é mercadoria para a sociedade do consumo. Um cenário paradisíaco pronto para ser consumido por não habitantes.

Outro caso, considerado a “obra prima do falso” (CARLOS, 2007b, p. 68) é a Disneylândia; com suas ruas, personagens e criaturas, cores, brilhos, arquitetura das construções e desenhos, dispostos de modo tal que não correspondem a nenhuma realidade factual próxima ou distante, é um espaço sem memória – a sobreposição de tempos inexistente – onde a ideologia do consumo alcança seu mais alto grau. A ficção científica e os contos de fadas se materializam dentro dos muros do parque. O segredo do seu sucesso e fascínio está numa urbanidade de imitação, no sonho de perfeição tornado realidade e nos monumentos que a complementam (RYKWERT, 2004, p.214). Baudrillard (1991) salienta o parque temático como sendo a convergência de todos os tipos de simulacros, não se relacionando com nenhuma realidade existente,

A Disneylândia é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacros confundidos. É antes de mais um jogo de ilusões e de fantasmas: os Piratas, a Fronteira, o *Future World*, etc. supõe-se que este mundo imaginário constitui o êxito da operação (BAUDRILLARD, 1991, 20, grifo do autor).

Lá, tudo é preparado para ser visto e fotografado, mas nunca vivido. Lá o tempo não passa – o ano novo pode ser comemorado todos os dias –, a alegria não cessa, os *flashes* não param. Os passos são programados, cada canto tem seu preço, tudo é mercadoria inclusive a felicidade, daí o *êxito da operação* – à qual fala o autor – que é produzir o artificial supremo em parcelas crescentes do espaço mundial.

Outro exemplar de simulacro na atualidade, que tem tirado o fôlego do mundo com seus arranha-céus é o emirado de Dubai (faz parte dos Emirados Árabes Unidos). A cidade de Dubai é hoje um canteiro de obras. Sua paisagem natural desértica foi transformada num oásis de lagos e piscinas artificiais (sem falar das ilhas construídas no mar do Golfo Pérsico) que objetivam demonstrar o poder econômico alcançado através da extração de petróleo e chamar a atenção do mundo e consequentemente atrair visitantes.

É possível encontrar uma estação de esqui no gelo dentro de um *shopping center* em pleno clima quente e árido da região. Prédios gigantescos e arquitetonicamente arrojados se estendem por dezenas de quilômetros onde, antes, só havia uma cultura dependente da pesca e de técnicas de sobrevivência em ambientes severamente áridos. Dubai é a demonstração máxima do poder do capital em produzir espaços para o consumo: da paisagem, da cultura, do luxo, do exótico, do bizarro. Ver figura 23 que ilustra os três exemplos supracitados.

FIGURA 23 – Havaí (EUA), Disney (EUA) e Dubai (Emirados Árabes Unidos) – expressões singulares de simulacros existentes no mundo contemporâneo



Fonte: <www.2daydubai.com/ www.dicasdeferias.com/ www.dksk.org>. Acesso em: jul./2011.

Diante desses exemplos percebe-se que a produção de simulacros é consequência do estado atual de desenvolvimento atingido pela sociedade humana em termos econômicos. E, mesmo os locais (países) periféricos, de economias delicadas, não estão isentos de sofrer intervenções puramente mercadológicas, muito pelo contrário, são os mais susceptíveis a ação do capital devido às frágeis estruturas e instituições que possuem. São solo fértil para a instalação de capital estrangeiro que busca seu grau máximo de reprodução ao apropriar-se dessas localidades transformando-as em mercadoria – vitrines para o mundo.

É nesse estágio – resgatando o pensamento de Guy Debord –, quando o capital atinge alto grau de acumulação, que a mercadoria – com todo o seu fetichismo – torna-se um espetáculo que se realiza plenamente e o mundo sensível é transformado num apanhado de imagens alienantes que transpõem a própria abundância do espetáculo, como pode ser visto nos exemplos sobreditos (DEBORD, 1997). E é nesta perspectiva da *sociedade do espetáculo*, termo tão propriamente empregado pelo autor, que se verifica a conjuntura propícia para o surgimento e consolidação dos simulacros e de seus efeitos.

Nesse sentido, entende-se que o capital cria mecanismos de dominação para submeter e subverter a sociedade e transformar valores. Incute no homem necessidades de ter em detrimento do ser. Transfigura o cidadão em consumidor e, enquanto consumidor, sente uma necessidade de responder aos chamamentos da mídia espetacular por meio da pueril imitação de práticas consumistas coletivas. A necessidade de consumo artificialmente – virtualmente – criada e socialmente difundida torna-se uma necessidade real. O real se torna espetacular, e o espetacular cria necessidades/demandas na vida social na medida em que atendem aos ditames do mercado. É a alienação da individual busca da felicidade por um direcionamento da vontade, alimentada pelo desejo de consumo. Conforme fragmento a seguir,

O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. [...] a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente (DEBORD, 1997, p.10).

Nesta espetacularização da vida, a imagem, ou a construção de imagens veiculadas pela mídia, é fundamental para a eficaz dissolução da sociedade em consumidores cada vez mais frenéticos, e que elevem ao máximo a reprodução capitalista.

Em consonância com o pensamento de Debord, os meios de comunicação de massa – em nenhum momento neutros – são indispensáveis para a concretização da sociedade do

espetáculo: a propaganda e a publicidade são seus recursos usados para a criação de virtualidades de consumo socialmente desejáveis.

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha já feita na produção, e no seu corolário — o consumo (DEBORD, 1997, p. 9-10).

A sociedade atual é produtora do espetáculo e o espetáculo é produtor, na sociedade, de necessidades de consumo, esse é o espetáculo da sociedade capitalista moderna: tudo, agora, é mercadoria, tem valor de troca, inclusive o próprio homem é reificado. E, posto no mercado, seu valor é multiplicado pelo fetichismo agregado no processo de espetacularização.

A mercadoria, tão enfatizada, é um processo de desenvolvimento quantitativo da produção gerando um crescimento econômico que significa a libertação das sociedades da luta pela sobrevivência. A nova prisão, em substituição, está associada ao próprio fator econômico. O homem, habitante das cidades, nessa perspectiva é aquele que só é digno do mínimo necessário para a manutenção de sua força de trabalho. E seu lazer e condições humanas só têm atenção enquanto esfera da economia política e enquanto modo de dominação da totalidade da vida proletária, segundo (DEBORD, 1997, p. 27).

O poder do mercado cria uma falsa vida, repleta de pseudonecessidades. A sobrevivência aumentada, segundo o autor, é uma expressão disso, na qual os fatores essenciais a sobrevivência são produzidos pela força do capital no intuito de estimular o consumo das ilusões postas no e pelo mercado. Tudo isso, não é nada menos que um mecanismo de manutenção do próprio reino do espetáculo que tem por centro o dinheiro na sua forma mais abstrata e totalitária. O espetáculo é a vida falsificada, é a necessidade criada e ilusória que se torna realidade e se sobrepõe à verdadeira.

O falso, o pseudo criado e difundido incessantemente pelo espetáculo tem suas especificações – tarefas específicas – de acordo com os lugares em que se encontra, mas – mesmo na sua manifestação localizada – preserva em si a totalidade do arranjo espetacular e “a generalidade da ordem existente, conserva principalmente o pólo dominante do seu desenvolvimento” (DEBORD, 1997, p. 32).

O falseamento dos desejos primeiros do homem é o resultado da sua alienação perante aos processos e meios produtivos, e da satisfação frustrada por não ter domínio do produto

acabado e nem este ser motivado por suas necessidades reais. O tempo vivido do homem e seu cotidiano, também, são totalmente direcionados por desejos e necessidades exógenas, sutilmente preparadas pela mídia espetacular a serviço do mercado. É a falsificação do tempo, da natureza e dos processos provocada pela pseudonecessidade do consumo de uma sobrevivência inventada, que tem na indústria sua origem.

O tempo pseudocíclico é o do consumo da sobrevivência econômica moderna, a sobrevivência aumentada, em que o vivido cotidiano continua privado de decisão e submetido, não à ordem natural, mas à pseudonatureza desenvolvida no trabalho alienado; e, portanto, este tempo reencontra muito naturalmente o velho ritmo cíclico que regulava a sobrevivência das sociedades pré-industriais. O tempo pseudocíclico apoia-se ao mesmo tempo nos traços naturais do tempo cíclico, e dele compõe novas combinações homólogas: o dia e a noite, o trabalho e o repouso semanais, o retorno dos períodos de férias (DEBORD, 1997, p. 102).

Outro aspecto da sociedade do espetáculo é a quebra das barreiras territoriais. As necessidades de produção e reprodução do capital exigem a flexibilização das fronteiras para a distribuição e circulação de mercadorias, denominado, pelo autor, de “espaço livre da mercadoria” (DEBORD, 1997, p. 109). Esse espaço está constantemente sendo reconstruído ou destruído para atender aos ditames do consumo, seja pela circulação de mercadorias, de pessoas (turistas) ou de capitais. Nesse processo os lugares são modelados, pasteurizados, perdem suas especificidades para atender a moderna ordem econômica – como é percebido em Dubai, Havaí e em tantos outros. O próprio urbanismo é instrumento do capital, como segue:

Essa sociedade que modela tudo o que a rodeia edifica sua técnica especial trabalhando a base concreta deste conjunto de tarefas: o seu próprio território. O urbanismo é a tomada do meio ambiente natural e humano pelo capitalismo que, ao desenvolver-se em sua lógica de dominação absoluta, refaz a totalidade do espaço como seu próprio cenário. [...] A necessidade capitalista satisfeita no urbanismo, enquanto glaciação visível da vida, exprime-se [...] enquanto predominância absoluta da “plácida coexistência do espaço” sobre “o inquieto devir na sucessão do tempo” (DEBORD, 1997, p. 110).

A cultura sofre, também, os efeitos da espetacularização da vida ao ser transformada em mercadoria – pseudocultura – como esclarece Debord (1997, p.123). A cultura é fragilizada na medida em que a sociedade não mais se organiza em comunidades. Isto é provocado pelos efeitos separatistas e fragmentadores da espetacularização da sociedade capitalista. As classes sociais são minadas em suas ideologias distintivas, não existe diálogo, pois,

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, ‘a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem’ (DEBORD, 1997, p. 135).

A sociedade do espetáculo rompe definitivamente com o diálogo, mas é no diálogo entre agentes diferentes que está a base para auto-emancipação da verdade invertida trazida pelo capitalismo em sua ideologia do mundo transformado em mercadoria, no qual todas as coisas são alienadas e alienantes.

E essa ação capitalista, geradora de alienação, de pseudo-imagens e de simulacros, – que não faz distinção de lugar – tem implicações no dia a dia do habitante das cidades, e é essa perspectiva que interessa a análise aqui formulada: entender como o habitante das cidades – principalmente as de interesse turístico – sofre com as transformações operadas no seu lugar cotidiano. Oliveira (2002) sintetiza no fragmento a seguir o efeito modificador que os processos capitalistas têm no espaço e na vida do habitante das cidades,

[...] marcado pelas contradições entre os desejos dos indivíduos (sujeitos que somos) e as cidades historicamente modeladas, nos deparamos, então, com os processos, ora simultâneos, de construção e desconstrução dos cenários urbanos, que se modelam sob a lógica perversa do capital, onde os seres humanos que habitam cidades e metrópoles são também modelados e se reproduzem sob essa lógica perversa da subjetividade capitalística (OLIVEIRA, 2002, p.40).

Com efeito, tem-se que entender, num primeiro instante, que os simulacros, tanta vezes mencionados, são “uma das expressões do *não-lugar* [*lugar não-identitário*]” (CARLOS, 2007b, p. 68), e como tal implicam em modificações radicais na estrutura formal e nas relações sociais operadas nas concentrações urbanas de quaisquer dimensões e grau de complexidade – atinge inclusive pequenas cidades com redes de relações econômicas e sociais simples.

Destarte, o lugar, transformado em espaço de consumo e alvo do espetáculo, afasta o habitante local para atrair viajantes, destrói identidades e significados construídos ao longo da história vivida dos moradores provocando um vazio de relações e sentimentos para moldar o local ao global. O dia a dia é modificado, reorganizado, adaptado à nova realidade, no entanto não é destruído totalmente.

A cidade é fragmentada ainda mais e as fronteiras socioeconômicas se acentuam, pois o lazer, a alegria, o usufruir dos lugares passam a ser possibilidades pagas no cotidiano vivido, passam a ser atividades puramente consumistas, com valor de compra proibitivos para

grande porção da população local. O processo de exclusão se agrava, afetando essencialmente as classes sociais mais baixas, como cita Camargo (1989),

O pobre é, portanto, mais do que o excluído das possibilidades dignas de trabalho e habitação nas cidades. Penso que, mais importante ainda, é a forma como a cidade exclui parte da população de suas possibilidades de entretenimento, de alegria, de lazer, não apenas vendendo essas possibilidades a preços proibitivos, como utilizando [...] símbolos dessa alegria que são inacessíveis à maioria da população (CAMARGO, 1989, p. 100).

Do exposto, entende-se que o aparecimento dos simulacros e dos *lugares não-identitários* – fruto de uma espetacularização da vida e das figuras do excesso que atuam no mundo contemporâneo – afeta significativamente o dia a dia vivido do habitante das cidades dependendo do estágio de transformação do lugar de uso em mercadoria a ser trocada, vendida. A presença deles gera no habitante a sensação de perda dos referenciais e de estranhamento causando uma apreensão significativa. Moscovici (2009) trata dessa questão como expõe o fragmento a seguir,

O medo do que é estranho (ou dos estranhos) é profundamente arraigado. Isso se deve ao fato de que a ameaça de perder os marcos referenciais, de perder contato com o que propicia um sentido de continuidade, de compreensão mútua, é uma ameaça insuportável. E quando a alteridade é jogada sobre nós na forma de algo que ‘não é exatamente’ como deveria ser, nós instintivamente a rejeitamos, porque ela ameaça a ordem estabelecida (MOSCOVICI, 2009, p.56).

Continuando nesta perspectiva, a relação do homem com seu lugar encontra-se ameaçada tanto no que diz respeito aos marcos referenciais construídos historicamente (história vivida do homem) quanto no que se refere ao contato direto com áreas urbanas presentes no dia a dia do habitante.

E, essas relações – quando quebradas pelas incursões do capital no espaço cotidianas – podem, dependendo das circunstâncias, se reestabelecerem, entretanto, com outros sentidos, outros usos. O lugar de convívio, de identidade, da familiaridade, do conhecimento e reconhecimento, das amizades e dos valores, tende a ser reorganizado na medida em que perde seu sentido original diante do processo de mercantilização dos momentos que compõem a vida.

No próximo capítulo, será tratado o processo de construção do instrumental metodológico para análise da realidade, as etapas da pesquisa empírica, os métodos relevantes e seus teóricos, as questões pertinentes à investigação, as hipóteses e os problemas levantados nesta seção.

3 CONSTRUÍDO OS INSTRUMENTOS ANALÍTICOS

Nas seções anteriores foram definidas e abordadas, respectivamente, a história e a geografia do recorte espacial em estudo (capítulo 1) e a perspectiva de análise da realidade (capítulo 2) por meio das reflexões teóricas. Esta seção discorre sobre os aspectos metodológicos, e sobre a pesquisa empírica que foi dividida em duas partes: pesquisa piloto e pesquisa definitiva. No entanto, sua elaboração foi precedida de análise documental disponibilizada pela prefeitura e pelas secretarias municipais, e dados censitários publicados pelo IBGE em meio eletrônico, e objetivou definir hipóteses e gerar questionamentos utilizáveis na fase de construção das enquetes.

Os estudos de campo foram divididos em duas etapas metodológicas com o objetivo de fazer, primeiramente, um reconhecimento do recorte geográfico e da população local estabelecendo hipóteses para, em seguida, elaborar as questões e o instrumental metodológico²⁴ definitivo e aplicá-lo.

No presente estudo, dar-se-á ênfase à opinião e percepção do habitante em relação ao lugar onde vive, pois “a realidade social tem uma vida que lhe é própria, irreduzível à vida dos indivíduos e o problema é justamente o de captar certos aspectos dessa vida coletiva através da observação e da opinião dos indivíduos” (MUCCHIELLI, 1978, p. 12). Assim, as entrevistas que se seguiram, nas duas etapas, foram individualizadas e tiveram por alvo os moradores da cidade – Barra de São Miguel.

Serão tratados, além a metodologia e seus procedimentos; a amostra populacional que compôs os estudos de campo e, detalhadamente, o instrumental confeccionado.

3.1 A pesquisa piloto

Uma pesquisa piloto trata-se de “entrevista-para-ver” o *status quo* do recorte espacial, levantar questionamentos, hipóteses e verificar a pertinência dos instrumentos adotados para captar e interpretar as respostas às questões, como define Mucchielli (1978, p.22). E, no presente caso, esta pré-pesquisa foi desenvolvida entre os meses de janeiro e fevereiro de 2011 na cidade da Barra de São Miguel consistindo, primeiramente, em entrevistas aos moradores que se encontravam nas praças do Centro da cidade ou nas ruas e calçadas

²⁴ Trata-se de uma compilação da *folha de rosto* (perguntas sobre dados pessoais) e de todos os procedimentos criados tendo por base as questões, imagens e cartões que o pesquisador fornece no momento da entrevista. Este formulário é a ferramenta basilar para o exercício de pesquisas de campo em que a opinião do indivíduo é a fonte de informações.

próximas de suas residências. O total de pessoas abordadas nesta primeira etapa foi definido em 20.

A adesão foi espontânea e os entrevistados escolhidos aleatoriamente, sem nenhum perfil pré-estabelecido, o único critério obedecido era o de residir no município da Barra de São Miguel. A pesquisa funcionou como uma sondagem inicial do recorte para definição de diretrizes eficientes para levantamento de dados posteriores (pesquisa final).

As entrevistas seguiram um roteiro de perguntas comum (ver figura 24), mas conforme as respostas dos entrevistados poderiam exigir algumas perguntas complementares, como numa conversa. Para preservar a identidade dos entrevistados foi adotado um código indicador formado por letra e número: E01, por exemplo, no qual a letra “E” indica a palavra entrevistado(a) e os algarismos arábicos “01” indicam a ordem sequencial de entrevistas, neste caso seria a primeira entrevista.

FIGURA 24 – Ficha com as questões da pesquisa piloto

	Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado	
<p>QUESTÕES DA PESQUISA PILOTO REALIZADA EM JAN/FEV 2011 BARRA DE SÃO MIGUEL - ALAGOAS</p>		
<ol style="list-style-type: none"> 1. Idade? 2. Você nasceu na Barra de São Miguel? 3. Caso não, quanto tempo vive na Barra de São Miguel? 4. Trabalha onde? 5. Quando você pensa na Barra de São Miguel, o que (primeiramente) vem à mente? (lugar/objeto/pessoas/sentimentos) 6. Você considera essa cidade boa para morar? É bonita? É agradável? 7. Quais lugares você frequenta na cidade? 8. Onde você faz a feira ou compras? 9. O que você acha sobre a atividade turística aqui na Barra? 10. Na sua opinião, a cidade muda no verão? 11. O que você acha dessas mudanças? 12. O que mais te incomoda? 13. Você conhece o “Villa Niquirem”? 		

Fonte: Autor/2011.

Em conformidade com a ilustração anterior, as perguntas foram abertas e genéricas, admitindo, assim, resposta livre do entrevistado e foram formuladas tendo por base informações prévias sobre a cidade, e de modo que permitisse um diálogo fluido com os

indivíduos abordados. Destas questões básicas poderiam surgir outras dependendo das respostas e da solicitude do inquirido. Todas as questões tinham por intuito formular um perfil do morador da cidade, entender a relação do habitante com o lugar de moradia e de convívio diário, além da ligação habitante/turismo e com outras pessoas.

3.1.1 Objetivos e contribuições da pesquisa piloto

A pesquisa inicial, ou piloto, é um instrumento fundamental na identificação os pontos e questões que devem estar contidas no questionário definitivo – instrumental metodológico empírico auxiliador do estudo.

Os primeiros contatos com o recorte geográfico permite apontar questões e elencar elementos imprescindíveis ao desenvolvimento da pesquisa:

- Familiarização com o recorte espacial: ruas, infraestrutura urbana, aspectos naturais e paisagísticos;
- Reconhecimento do perfil socioeconômico da população local;
- Visualização das atividades e empreendimentos turísticos desenvolvidos na cidade para serem problematizados na pesquisa final;
- Identificação dos elementos mais significativos do cotidiano vivido pelo habitante;
- Entendimento da relação do habitante com o território da cidade;
- Identificação dos principais problemas a serem abordados no questionário definitivo para aplicação posterior;
- Delimitação da amostra para compor a pesquisa final.

3.1.2 Resultados: entendendo a relação habitante/cidade

A primeira questão que se buscou entender foi qual a relação do habitante com uma cidade que tem o turismo de praia como forma motriz da economia.

Todos os entrevistados reconhecem que a cidade sofre mudanças devido à presença de turistas no período do verão. No relato E01 é possível observar que essas mudanças, denominadas de “movimento”, significam que a cidade é dinamizada tanto economicamente (aquecimento do comércio local, aumento das vendas dos produtos e serviços prestados pelos trabalhadores autônomos, gerando renda e trabalho, ainda que temporários, aos habitantes do lugar) quanto pelo aumento do fluxo de pessoas (turistas), durante a alta estação turística.

Tem sim [diferenças]. No inverno não tem movimento, não. É que no inverno tá chovendo, não vem ninguém pra barra. Não tem movimento. [...] A Barra no verão é mais movimentada, tem mais gente, mais turista. É melhor de trabalho. E no inverno é tudo mais difícil. O desemprego (E01).

Essas mudanças, desencadeadas pela atividade turística, são vistas como algo positivo pelos habitantes e não como algo que embarace a vida cotidiana, e sim faz parte dela. Desse modo fica descartada qualquer hipótese que considere o turismo como um fator que influenciaria negativamente a relação habitante-habitante e habitante-lugar, na verdade é um elemento diferenciador da relação cotidiana dos habitantes entre si e com os lugares do dia a dia.

A E01 retrata bem a relação habitante-turismo ao falar sobre a presença de turistas na cidade e como o aquecimento da economia no período do verão – alta temporada de turismo – trás expectativas de renda extra para alguns moradores que atuam com autônomos na cidade, vendendo lanches e outros produtos.

Eu acho bom quando eles [os turistas] vêm pra aqui. Quando eles ‘compra’ no carrinho. Tudo isso. [o turismo] não me incomoda. Pra mim é um benefício (E01).

Relacionado este dado ao sentimento despertado pelo fato de morar na Barra de São Miguel, alguns inquiridos associam ao movimento de pessoas para que possam trabalhar. E que a Barra é uma cidade ótima para viver. A seguir trecho que depõe sobre o exposto.

Aqui é um paraíso. O que eu penso [sobre a Barra de São Miguel] é ter muito movimento pra mim (sic.) trabalhar. É somente (E03).

Os entrevistados reconhecem o potencial turístico da cidade e sabem que o principal atrativo turístico são as praias. Todavia, mesmo morando num balneário, boa parte dos entrevistados não frequentam as praias como uma opção de lazer e diversão. A E03 trata desse assunto.

Eu não vou muito não ‘pra’ praia aqui não. Vou mais ao rio. Porque a praia realmente tá suja. É suja essa praia. É suja mesmo, tá caindo esgoto no rio e desce pra baixo (E03).

Poucas são as opções de lazer relatadas, as praças são pouco frequentadas e a comemoração do carnaval é a única festa que ocorre na cidade como algo que envolve o coletivo.

Aqui é mais a festa de Carnaval que é tradição. Às vezes Natal e Ano não tem nada. Se você não fizer em casa, não tem nada porque raramente que tem alguma coisa. Essas coisas assim que não dão valor, né? Os 'lazer' das pessoas. Fazer as 'coisa' que a pessoa se divirta também (E04).

No entanto, mesmo sendo o turismo uma atividade importante para a economia da cidade e para os seus moradores, os entrevistados sentem-se insatisfeitos e acham que a cidade deveria ter uma divulgação melhor, que deveria atrair turistas o ano todo, não apenas no verão. Assim, a cidade disporia de mais opções de trabalho para a população local além daqueles postos de emprego formais ofertados pela atividade turística nas pousadas, restaurantes e hotéis.

Outro dado relevante apontado pelos moradores é que as empresas responsáveis pelos pacotes turísticos usam a cidade como um ponto de apoio e travessia pelo rio São Miguel para praias em outras cidades, como por exemplo, a praia do Gunga no município de Roteiro, assim sendo, a cidade é usada como estacionamento de ônibus e os turistas embarcam em direção a outra margem do rio e retornam no fim do dia, com trata as E03 e E04 ao falar sobre o turismo na cidade.

Poderia ser melhor, né?! Mais ampliado. O Turista aqui passa direto, [vai] mais 'pro' Gunga [praia]. Então, o recurso vai 'pro' Gunga, não vem pra Barra, poucos [turistas] 'fica' (E03).

E, em outro relato o turismo é visto como única oportunidade de emprego para os moradores, mas apesar desta dependência econômica, a atividade turística está estagnada no município. A ação dos governantes em mudar este quadro é questionada.

O que a gente precisa mesmo assim, o que eu acho que futuramente deveria melhorar é ter mais oportunidade de emprego 'pras' pessoas que não tem. Porque aqui na Barra é mais negócio de turismo. Pouca gente trabalha [como eu] em prefeitura com concurso público. Quando é baixa temporada, depois do carnaval, ninguém tem emprego. Eu acho que deveria, assim na minha mente, o que eu penso que deveria ter mais era oportunidade,[...] de uma fábrica, um negócio – uma coisa assim – que incentivasse a ter mais emprego pras pessoas. [...] Eles [os governantes] deveriam fazer mais coisas pra chamar a atenção não só na temporada, mas também na baixa temporada pra chamar mais turista (E04).

Infere-se do relato supracitado que é comum para o morador o convívio com os turistas, apesar de não participar diretamente das atividades de lazer e divertimento empreendidas pela iniciativa privada e pública em função do turismo, como shows e a abertura de bares e lanchonetes apenas na alta temporada turística. É notório ainda, na fala

acima, que a cidade necessita desenvolver-se em outros setores econômicos para atender a demanda por emprego da população economicamente ativa.

Ocorre que, muitos dos produtos e serviços ofertados pelas lojas, bares, lanchonetes e restaurantes obedecendo à lógica da reprodução do capital, elevam seus preços devido ao aumento da demanda no período em que o turismo se aquece e são, preferencialmente, voltadas para este público sazonal e raramente para o morador da cidade. Nessa perspectiva, o morador sente-se excluído de muitos empreendimentos artísticos e produtos/serviços comerciais ofertados na cidade. O relato a seguir alerta sobre esta questão.

Com o turismo aqui, eu compro [...] pelo preço do turista, eu pago pelo preço do turista e não sou turista. Tudo fica caro na época do turismo. [...] as lojas só vêm na época do turista. Elas vêm no período de janeiro e logo vão embora, não servem para o povo da Barra. Se o pessoal da Barra vai pra lá, vai de enxerido, porque as coisas 'é' (sic) muito cara e uma pessoa que é pobre não pode comprar nada daquilo ali (E06).

Essas lojas referidas no relato são instaladas nos bairros que oferecem melhor infraestrutura urbana – Porto das Vacas, Brejo e Barra Mar – em um curto período de tempo e são voltadas a atender aos usuários de temporada – casas de veraneio – e aos turistas. Todos os anos são montados os palcos para a *sociedade do espetáculo* chegar ao ápice do consumo não só de produtos vendíveis, mas sobretudo dos lugares. Tudo isso ocorre em meio à simulação de uma realidade que só existe enquanto produto comercializável, cada esquina com sua etiqueta, seu valor de troca.

Destarte, acredita-se que – esta transformação sazonal e instantânea do território – possa causar o surgimento de uma fronteira socioeconômica invisível para os moradores da cidade em relação às áreas alvo da turistificação, conforme o relato anterior. Percebe-se, ainda, que os lugares de convívio e do acontecer da vida para muitos moradores não corresponde à cidade como um todo, apensar de ser uma pequena cidade do litoral Sul alagoano.

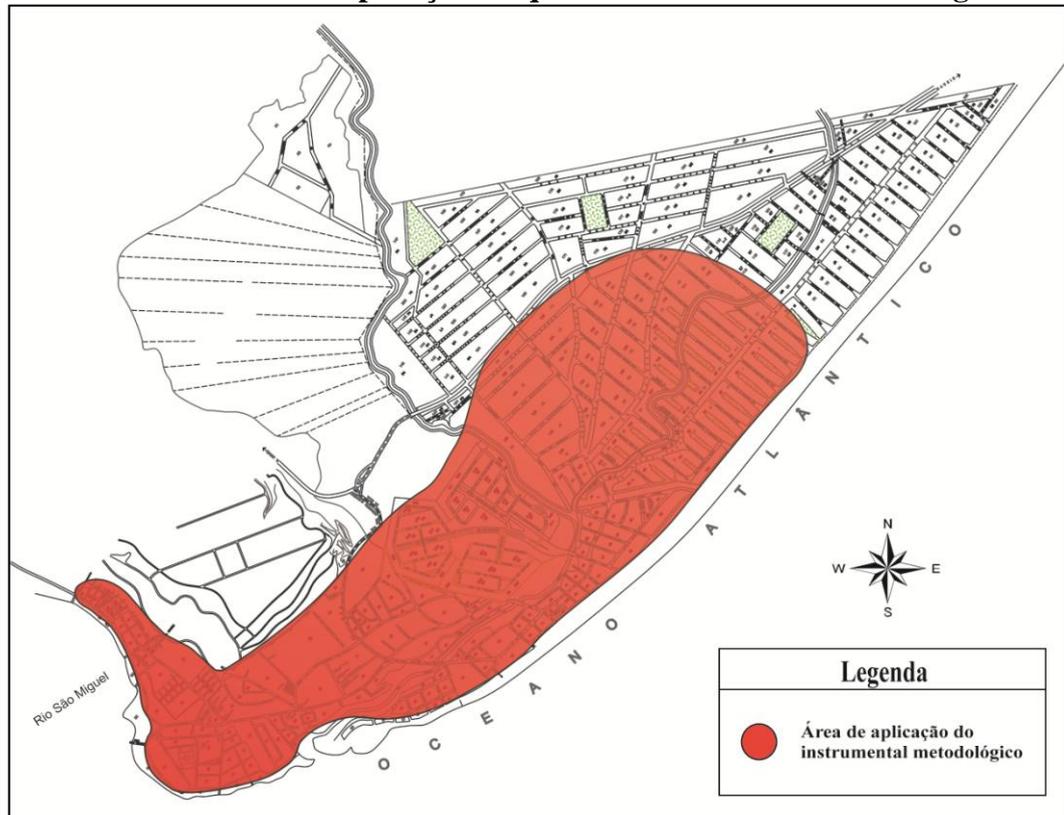
Isto permite pensar na hipótese de que o lugar da vida cotidiana não corresponde – muitas vezes – à cidade, mas a porções desta. O que será verificado na pesquisa final. E que o estudo do cotidiano não pode contemplar a cidade como um todo, mas à rede de lugares frequentados no dia a dia vivido do morador da Barra de São Miguel. Esta descoberta delimita os estudos e enfatiza os elementos certos, a saber: os lugares – em rede – da vida diária, os itinerários cotidianos, e a opinião do morador acerca do lugar em que habita.

3.2 A pesquisa final

A pesquisa final, etapa seguinte à pesquisa piloto, utilizou os resultados anteriores para desenvolver questionário com questões devidamente ordenadas em blocos e seguindo alguns procedimentos metodológicos pertinentes no sentido de melhor extrair as informações dos depoentes.

E após definida a amostra o questionário foi aplicado no perímetro urbano do município da Barra de São Miguel nos meses de agosto e setembro de 2011, conforme demonstra a figura 25.

FIGURA 25 – Áreas da aplicação do questionário – Barra de São Miguel/AL



Fonte: o autor/2011.

3.2.1 População e amostra

Para a efetivação da pesquisa empírica, primeiramente, buscou-se verificar e definir as características gerais da população total, em estudo, para delimitar uma amostra populacional representativa do todo, ou seja, que reproduzisse as mesmas características populacionais quanto à estimativa numérica, de idade e de gênero.

O município da Barra de São Miguel conta com uma população estimada em 7573 habitantes, segundo dados preliminares do censo 2010 (IBGE), e população urbana em torno de 6521 habitantes, conforme abordado anteriormente²⁵.

Como a pesquisa trata da relação do homem com sua cidade, limitando-se ao perímetro urbano do município, a população total ponderada será a população urbana, ou seja, 6521 habitantes. Deste total – para obter resultados consistentes em relação ao diálogo com os espaços urbanos – será dada atenção aos indivíduos que tenham uma vivência maior com os lugares da cidade, portanto, aqueles que tenham idade mínima de 20 anos.

Destarte, a base do cálculo amostral adotada, para esta pesquisa, será a população com as seguintes características: residente no perímetro urbano da cidade e com idade mínima de 20 anos, o que corresponde a 3000 habitantes.

Assim, como se trata de pesquisa de opinião e atentando-se para o perfil populacional, a amostra será delimitada e composta por 100 pessoas (3,33% da população), dividida em 50% para o gênero masculino e 50% para o gênero feminino, mantendo-se a descrição da própria população que é formada por 49,72% de homens e 50,28% de mulheres. De acordo com a pirâmide etária da população do município (ver gráfico 03) é possível perceber uma equidade nas porções homem-mulher.

GRÁFICO 03 – Pirâmide etária da Barra de São Miguel



Fonte: Dados preliminares censo demográfico 2010, IBGE.

²⁵ Conforme subseção 1.2.3 Aspectos demográficos, página 20, primeiro capítulo.

3.2.2 Especificidades metodológicas

A dificuldade, na montagem dos alicerces metodológicos, foi encontrar um meio de construir um questionário distinto do formato convencional de múltipla escolha. Este sistema de questionário, comumente utilizado, prevê alternativas de respostas às quais o respondente tem que escolher uma das alternativas de respostas pré-determinadas.

Contudo, no presente estudo, as respostas dos entrevistados não podem ser previstas, por adotar como parâmetro a subjetividade do indivíduo nas respostas formuladas para se chegar ao conhecimento, preservando ao máximo seu modo de pensar, e para se chegar a uma avaliação das relações socioespaciais cotidianas entre morador/lugar e cidade, morador/morador.

Portanto, é basilar que o método do questionário admita livre resposta valorizando a experiência do entrevistado, a qual é fundamental para o entendimento das percepções que o habitante tem de seu lugar e como ele formaliza suas apreensões a respeito da realidade socioespacial onde se insere e da qual emanam sua consciência de mundo – edificada em torno de padrões de *categorizações* (MOSCOVICI, 2009) –, conforme descreve Tuan (1983),

Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual e a maneira indireta de simbolização (TUAN, 1983, p. 9).

E complementando com o pensamento de Moscovici (2009) sobre o importante papel das experiências humanas e das *representações sociais* – ação ativa do homem em associar elementos tangíveis e elaborar relações significantes entre eles – para a construção da percepção visual e cognitiva de mundo, de lugar, e das diversas formas de representar o universo das coisas produzidas pelo homem – ou seja, estabelecer associações entre elementos distintos categorizando-os através das características que os tornam similares – tem-se,

De fato, nós somente experienciamos e percebemos um mundo em que [...] nós estamos familiarizados com coisas feitas pelos homens, representando outras coisas feitas pelos homens [...]. Assim que nos encontramos, por vezes, em um dilema onde necessitamos um ou outro signo, que nos auxiliará a distinguir uma representação de outra, ou uma representação do que ela representa, isto é, um signo que nos dirá: ‘essa é uma representação’, ou ‘essa não é uma representação’ (MOSCOVICI, 2009, p.32).

Assim, através das *representações sociais*, o indivíduo elabora suas apreensões e conceituações através de um sistema reflexivo das formas de construir a realidade e de

atribuir significados. A compreensão deste sistema mental é fundamental para chegar ao entendimento do cotidiano humano e seus modos de ver o mundo. Assim, as construções mentais e o modo de perceber o mundo pelos indivíduos serão levados em consideração na abordagem metodológica proposta para este trabalho.

Portanto, para esta pesquisa, obteve-se como opção metodológica mais adequada a *Teoria de Classificações Múltiplas*, produzida por Cante, Brown e Groat (1985), para elaboração do instrumental metodológico empírico.

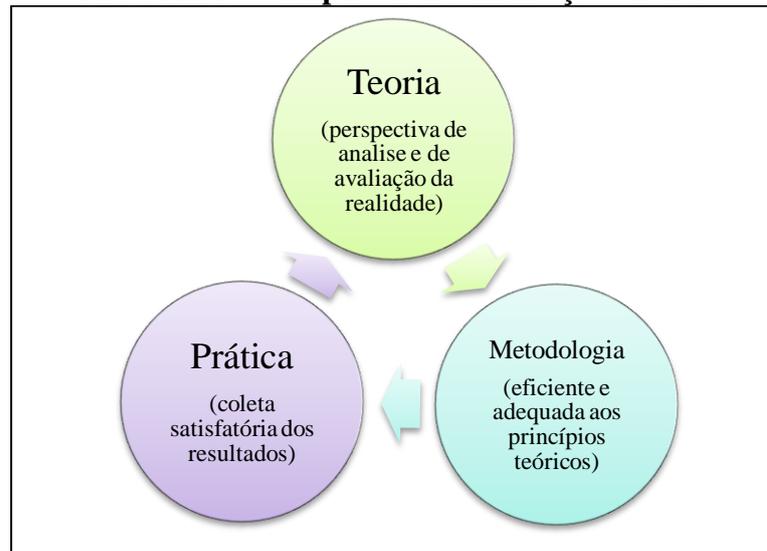
Pois, este método permite tanto ao sujeito expressar sua maneira própria de pensar o mundo, quanto uma análise do conteúdo produzido pelas escolhas individuais livres, por meio da fixação de propriedades comuns a um determinado grupo, respeitando-se as diferentes perspectivas aduzidas por grupos de indivíduos. A *Teoria de Classificações Múltiplas* tem por prerrogativa a valorização dos aspectos qualitativos dos produtos formulados pelo indivíduo e/ou grupo de indivíduos.

Dessa forma, o indivíduo, participante da pesquisa, é encorajado a expressar – partindo de elementos fornecidos – sua opinião de forma livre e sem limitações, por meio de propriedades, qualidades e imagens identificadas.

Esta abordagem, também, minimiza a interferência de pressupostos ou hipóteses formuladas pelo pesquisador, que prejudiquem a análise do conteúdo das representações sociais articuladas pelos sujeitos participantes do questionário.

A teoria permite, ainda, formular questões utilizando-se tanto linguagem verbal – falada (expressa) ou escrita (representada) – quanto, linguagem não verbal (por exemplo: imagens, objetos, símbolos).

Igualmente importante, se uma pesquisa traz por proposta um exame empírico *in loco*, ela deve ponderar uma tríplice fundamentação para se chegar a resultados satisfatórios concatenando teoria, metodologia e prática. Isto significa que a teoria exploratória da realidade deve ser respaldada por uma metodologia eficaz para viabilizar o exame dos resultados adquiridos em campo, e estes últimos encontrem, na teoria, os princípios esclarecedores, como apresentado, a seguir, na figura 26.

FIGURA 26 – Tríplice fundamentação analítica

Fonte: o autor/2011.

3.2.2.1 Procedimentos

De acordo com a abordagem metodológica escolhida, foi realizada a estruturação do procedimento de diversas formas. A *Teoria de Classificações Múltiplas* utiliza-se dos seguintes procedimentos: *associação livre* e/ou *associação dirigida*, *associação dirigida visual*, *associação dirigida valorativa* e *ancoragem*. Porém, foram adaptados apenas três procedimentos para a pesquisa, a saber:

- *Associação livre* – fundamenta-se em questões abertas que permitem ao entrevistado tomar qualquer direção em sua resposta. O sujeito é estimulado a considerar vários elementos relevantes ao objetivo da pesquisa e, a partir destes, formular classificações ou categorizações seguindo critérios significativos para ele;
- *Associação dirigida visual* – semelhante à anterior – respostas livres –, porém com o acréscimo de material visual – fotos, mapas, imagens, figuras – para direcionar e auxiliar nas respostas. O pesquisador predetermina os critérios das categorias e das classificações por meio do material utilizado, por isso este procedimento recebe na nomenclatura a palavra *dirigida*. Diferencia-se do procedimento anterior por objetivar a verificação de uma hipótese a cerca de um aspecto singular do modo de pensar dos sujeitos;
- *Associação dirigida valorativa* – desdobramento do anterior no qual, o entrevistado, além de expor sua opinião, explica o motivo de sua escolha. É um modo de permitir ao sujeito depoente refletir a cerca de sua resposta,

proporcionando um autoconhecimento sobre seus próprios conceitos e representações do mundo. É um modo prático de verificar a consistência das formulações mentais dadas nas comunicações verbais ou não verbais.

Outro procedimento adotado é uma adaptação da abordagem *Itinerários do Consumo*, desenvolvido por Desjeux (2011) entre as décadas de 1970 e 1980, que consiste em analisar os itinerários realizados – a dinâmica espacial/mobilidade espacial – na ocasião da busca e aquisição de bens e serviços por parte dos indivíduos no seio do espaço doméstico. Como esclarece o próprio autor, este método não se restringe a análise econômica, mas pode facilmente adequar-se a qualquer intento – estudos relacionados à saúde, educação, lazer, cotidiano, etc.

Tratando-se de uma abordagem microssocial, objetivando reconstruir – para posterior análise – a mobilidade dos atores envolvidos pelos diversos lugares do dia a dia vivido (DESJEUX, 2011, p. 145), tais como os lugares de compras, de lazer, de estudo, de convivência, de encontro com vizinhos e parentes, de consumo de serviços, de formação, de saúde, entre outros.

Por conseguinte, como esta pesquisa contempla o dia a dia do homem em seu diálogo com sua cidade, especificamente, o cotidiano dos moradores e suas interconexões com os lugares da Barra de São Miguel, foi feita uma adaptação do método descrito por Desjeux (2011), para chegar ao conhecimento dos lugares frequentados pelos indivíduos no seu livre curso da vida diária, definindo-se como *itinerários cotidianos*.

O procedimento metodológico em questão é composto por três etapas: a primeira diz respeito à enumeração dos lugares frequentados diariamente pelos personagens da pesquisa; a segunda etapa compreende na associação do lugar frequentado com a motivação do deslocamento até o lugar e, a terceira etapa, trata-se da alocação no mapa (mapeamento) das relações espaciais, em rede, da vida cotidiana do morador e delimitar o perímetro de abrangência dessas ações.

Partindo-se do entendimento que a dinâmica mental de formulação de conceitos e representações sociais está intrinsecamente associada aos lugares de desenvolvimento da vida do homem, o resultado deste procedimento poderá ser comparado e relacionado à maneira como o indivíduo ver e entende sua cidade, e para entender a rede de significações e modos de pensar inseridos em um espaço determinado e único. É neste sentido que os *Itinerários*

Cotidianos dialoga como a *Teoria de Classificações Múltiplas* e torna-se um procedimento relevante para o fechamento do instrumental metodológico.

Assim, a adoção deste procedimento permitirá complementar os procedimentos anteriores estabelecendo relações entre o modo de pensar o mundo com um lugar específico. É a interação das especificações locais com as homogeneizações globais num processo dinâmico, na tentativa de entender a vida cotidiana e indicando a ligação da vida local com a sociedade global. Como sugere Damiani (2007),

Relacionar cotidiano e lugar é envolver as relações próximas, ordinárias, singulares à mundialidade. A vida cotidiana, mais íntima, ao mesmo tempo, situa seu lugar na sociedade global. Pela mediação do cotidiano no lugar, somos levados dos fatos particulares à sociedade global (DAMIANI, 2007, p. 164).

É um modo interessante de espacializar a realidade vivida pelos entrevistados e verificar o diálogo entre o par dialético observador-objeto (LYNCH, 1997), diante das especificações socioespaciais existentes. Chegando-se ao entendimento das relações do homem com o espaço do acontecer da vida.

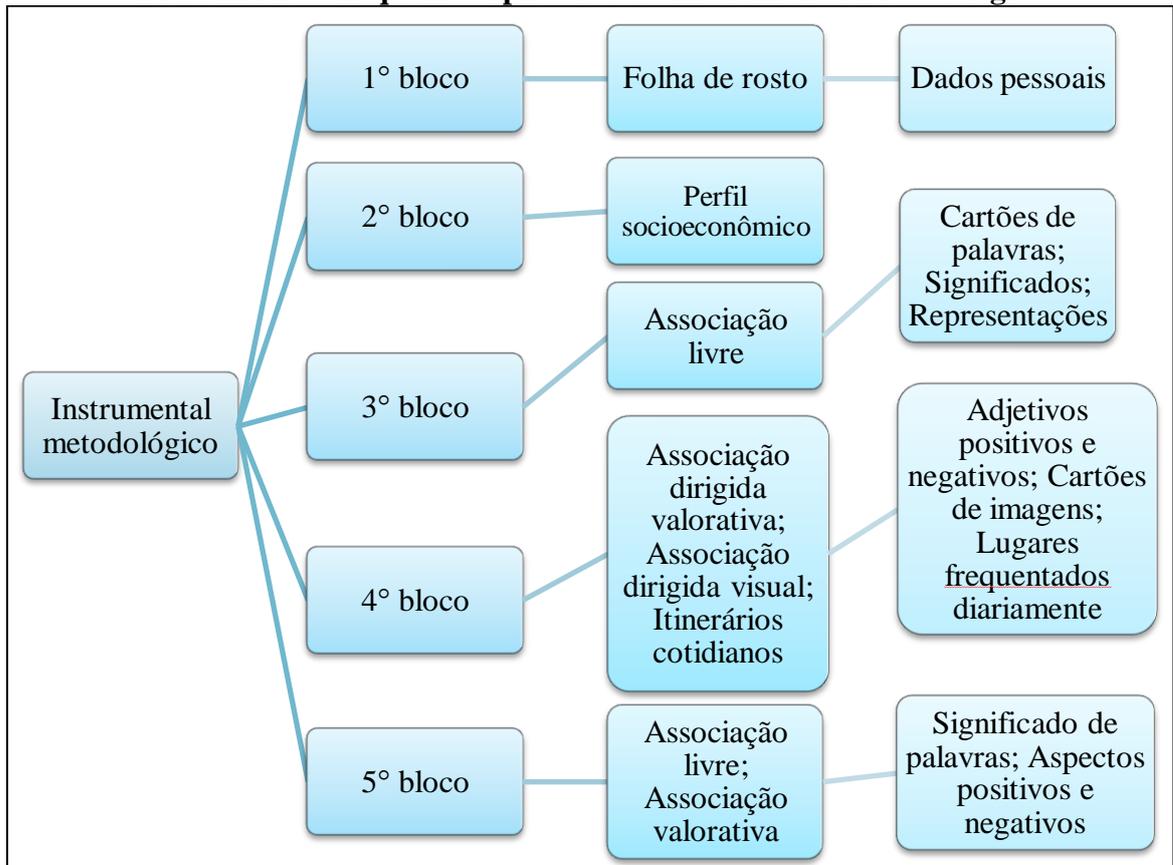
Estes procedimentos, em conjunto, tenderão a se complementar à medida que o instrumental for aplicado, facilitando a compreensão tanto do respondente, no ato da entrevista, quanto a do pesquisador, no momento de sintetizar as comunicações.

3.2.2.2 O instrumental metodológico

A compilação dos quatro procedimentos metodológicos resultou no instrumental empírico – como traçado na subseção anterior – dividido em cinco blocos de questões (dois blocos pré-procedimentos e três blocos explorando os procedimentos) (ver apêndice). Cabe, agora, descrever o formulário e suas questões, ou bloco de questões, segundo seus respectivos procedimentos. A figura 27 sintetiza o instrumental metodológico de acordo com os procedimentos adotados.

O primeiro bloco de perguntas do questionário – denominado de folha de rosto – é formado por questões de dados pessoais que buscam delinear o perfil do entrevistado quanto ao gênero, idade, estado civil, grau de escolaridade, número de filhos, local de nascimento e endereço.

FIGURA 27 – Esquema explicativo do Instrumental Metodológico



Fonte: Autor/2012.

O segundo bloco de questões objetiva traçar o perfil socioeconômico – profissão, renda, condição da moradia – do respondente para posteriores cruzamentos, correlações, (divergentes ou convergentes) entre as apreensões sobre o lugar, a cidade da Barra de São Miguel e perfil socioeconômico.

O terceiro bloco de questões – e primeiro que faz uso dos procedimentos e como tal dá início às questões que buscam responder às inquietações desta pesquisa e formular as apreensões e entendimentos sobre o lugar e a cidade – traz por referência metodológica a associação livre, na qual o respondente expressa, espontaneamente, suas ideias, pensamentos e conceitos em relação ao significado das palavras **CIDADE, BAIRRO, RUA, PRAIA, RIO, TURISMO e BARRA DE SÃO MIGUEL**.

Para atender ao objetivo desta questão, foi utilizado cartões (como ilustra a figura 28) com duas dimensões 30x6,5cm (seis primeiros cartões)/ 20x15cm (último cartão), que foram apresentados, em sequência, ao opinante e, que por sua vez, emitia livremente o primeiro pensamento, ideia, conceito despontado na mente.

FIGURA 28 – Cartões de palavras utilizados no questionário



Fonte: Autor/2012.

No bloco seguinte de questões (quarto) foi usada a *associação dirigida valorativa*, na qual o opinante relacionava aspectos positivos e negativos à cidade da Barra de São Miguel ao completar a frase **A Barra de São Miguel é uma cidade (...)** com adjetivos e complementos previamente definidos, tendo apenas que concordar ou não com a frase completa, e em seguida responder o motivo da atribuição. Outras questões derivadas tenham o mesmo procedimento.

Foi empregado, no quarto bloco de questões, o procedimento *itinerários cotidianos*, solicitando que respondessem quais os lugares frequentados no dia a dia, seguido dos motivos para os deslocamentos. O objetivo foi visualizar a mobilidade espacial do morador da cidade por meio da rede de lugares usual e delimitar qual o “pedaço” da cidade corresponde ao perímetro de convívio do habitante.

Dando continuidade ao bloco quatro e para complementar e confirmar ao procedimento anterior, aplicou-se a *associação dirigida visual*. Este procedimento fez uso de 25 (vinte e cinco) cartões com imagens da cidade pré-escolhidas e o entrevistado tem que escolher cinco que melhor representam a Barra de São Miguel e após explicar o motivo da escolha da foto. (ver figuras de 29 a 53).

FIGURA 29: Apresentação e descrição do cartão 01 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 01: Galeria Kayan Porto.</p> 	<p>Descrição: Área interna da galeria, onde se instalam lojas de artesanato e moda praia voltadas para os turistas que frequentam/visitam a cidade durante o verão. Na maior parte do ano as lojas permanecem fechadas. Localiza-se na rua Leonita Cavalcante, bairro Barra Mar.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 30: Apresentação e descrição do cartão 02 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 02: Rio São Miguel – área do cais.</p> 	<p>Descrição: Área do Cais do porto (Rio São Miguel) e da marina do saquarema, onde ficam ancoradas diversas canoas, lanchas, escunas e embarcações de médio porte. Região usada pelos pescadores em suas idas e vindas em busca do pescado e dos jangadeiros que fazem o transporte de turistas para Praia do Gunga. No passado era área dos estaleiros.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 31: Apresentação e descrição do cartão 03 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 03: Praia da Barra</p> 	<p>Descrição: A praia que recebe o maior número de visitantes do município. Esta área conta com uma boa infraestrutura urbana e concentram-se bares, hotéis e pousadas, e vendedores ambulantes. Suas características urbanísticas são parecidas com a de outras praias de cidades litorâneas de mesmo porte.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 32: Apresentação e descrição do cartão 04 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 04: Orla da Barra</p> 	<p>Descrição: Vista da rua Edson Frazão, bairro Barra Mar. Grande concentração de lojas, bares, restaurantes, hotéis e pousadas. No verão é grande o fluxo de pessoas e veículos. Esta área se confunde com a de outras cidades litorâneas do Estado devido à especialização em empreendimentos comerciais comuns.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 33: Apresentação e descrição do cartão 05 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 05: Mercados de artesanato.</p> 	<p>Descrição: Área onde se concentram os mercados de artesanato, Avenida Leonita Cavalcante – Barra Mar. Rua paralela à da praia e próximo a lanchonetes e bares. Representa um segmento comercial do setor turístico. Muitos produtos comercializados são provenientes de outros municípios.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 34: Apresentação e descrição do cartão 06 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 06: Venda de artesanato na rua.</p> 	<p>Descrição: Vendedora de bijuterias próxima ao Cais do Porto. Localização estratégica de venda, pois os ônibus de turismo estacionam nesta região e os turistas seguem a pé até as embarcações em direção à praia do Gunga. Ao fundo um restaurante.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 35: Apresentação e descrição do cartão 07 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 07: Ponto de parada de ônibus</p> 	<p>Descrição: Cena do cotidiano, morador deslocando-se com pescado próximo ao ponto de parada de ônibus intermunicipal com abrigo. Rua José Vieira de Andrade que corta os bairros Porto das Vacas e Alto de São Marcos. Ao lado uma bicicleta, meio de locomoção utilizado com frequência pelos moradores.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 36: Apresentação e descrição do cartão 08 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 08: Vista lateral da Praça de Eventos.</p> 	<p>Descrição: Praça construída recentemente e inaugurada em agosto de 2011. Antes era um terreno baldio. A praça encontra-se equipada com <i>playground</i>, palco para <i>shows</i> e salas de inclusão digital para os jovens. Representa mais uma área voltada para a realização de espetáculos que atraiam visitantes.</p>
--	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 37: Apresentação e descrição do cartão 09 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 09: Visão lateral da Praça Miriel Cavalcante</p> 	<p>Descrição: Praça mais antiga onde localiza-se a Igreja Matriz de Sant'Ana. Ponto dos transportes alternativos (táxi-lotação) e próximo a sede da prefeitura, agência dos Correios e posto de saúde.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 38: Apresentação e descrição do cartão 10 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 10: Ponte do Rio Niquim</p> 	<p>Descrição: Ponte de madeira sobre o Rio Niquim, esta área é bastante frequentada por moradores para banho, lazer, diversão, e lavar roupas. Representa o cotidiano dos moradores que tem no rio sua principal fonte de lazer e higienização de roupas.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 39: Apresentação e descrição do cartão 11 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 11: Casa Antiga</p> 	<p>Descrição: Antiga casa no Centro da Barra de São Miguel, datada de 1885, ao lado fica a Praça Miriel Cavalcante. A construção é uma das mais antigas e preservadas da cidade. Resguarda características externas e internas de sua fundação.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 40: Apresentação e descrição do cartão 12 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 12: Casa de alto padrão</p> 	<p>Descrição: Representa as grandes casas de veraneio com suas arquiteturas modernas e construções de alto padrão técnico, em geral com áreas verdes e de lazer privadas. Tipologia de moradia comum nos bairros Barra Mar, Porto das Vacas, parte de Alto de São Marcos, Quebra cachimbo e Brejo.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 41: Apresentação e descrição do cartão 13 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 13: <i>Villa Niquin</i></p> 	<p>Descrição: O <i>Villa Niquin</i> é complexo turístico que reúne lojas de roupas e jogos eletrônicos, óticas, restaurantes e lanchonetes, serviços e lazer. Há ainda, área para <i>shows</i> regionais e nacionais. Este empreendimento fica fechado à maior parte do ano, reabrindo suas portas na estação turística. Representa os empreendimentos voltados especificamente para a atividade turística.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 42: Apresentação e descrição do cartão 14 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 14: Antiga Capela Sant'Ana.</p> 	<p>Descrição: Igreja abandonada e alvo de vandalismo. Já serviu de moradia para desabrigados por um período superior a 10 anos. Localiza-se no limite da área urbana e início da região dos Tabuleiros, seu acesso é por uma escadaria. Pouco frequentada pelos moradores e desconhecida pelos jovens, apesar de sua história relacionar-se com o surgimento do município.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 43: Apresentação e descrição do cartão 15 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 15: Igreja de Sant’Ana.</p> 	<p>Descrição: Cruzeiro e Igreja Matriz da cidade – Sant’Ana. Localiza-se na Praça Miriel Cavalcante no Centro da cidade. Área com fluxo intenso de moradores. A praça encontra-se equipada com bancos, quadra de esportes. A área externa da igreja permanece bem conservada.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 44: Apresentação e descrição do cartão 16 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 16: Esgoto a céu aberto</p> 	<p>Descrição: Rua Eronilde Saldanha com esgoto a céu aberto, muito comum na cidade. Representa os problemas infraestruturais presentes no dia a dia dos moradores. Ao fundo Módulo Esportivo (campo de futebol) José Vieira de Andrade, mais conhecido como Andradão. Localizada no Centro da cidade.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 45: Apresentação e descrição do cartão 17 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 17: Entulhos</p> 	<p>Descrição: Área representa os problemas estruturais encontrados com frequência. Muitos terrenos como este são usados como depósito de entulhos e resto de construção. Ao fundo o Centro Comunitário e a sede do Peti – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 46: Apresentação e descrição do cartão 18 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 18: Vial antiga.</p> 	<p>Descrição: Conhecido como Beco da Geny, Moradora e dona da casa azul na entrada da vial. Localiza-se no Centro da Barra de São Miguel, em frente à Praça Miriel Cavalcante. Representa as diversas vielas que existem na cidade intensamente usadas pelos moradores.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 47: Apresentação e descrição do cartão 19 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 19: Rua Cassiano Manoel dos Santos</p> 	<p>Descrição: Esta rua localiza-se no bairro Alto de São Marcos. As casas em geral são pequenas, sem áreas livres, sem recuo que separe a área privada da área pública. As calçadas são intensamente usadas pelos moradores para estender roupas, como jardim improvisado, depósito de materiais de construção e colocam cadeiras ou bancos para as conversas nos fins de tarde.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 48: Apresentação e descrição do cartão 20 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 20: Quitanda – Praça de Eventos.</p> 	<p>Descrição: Terreno baldio onde se encontra instalada uma Quitanda, próximo a Secretaria de Turismo e da Praça de Eventos. Ao fundo uma rua predominantemente residencial. Localiza-se na Rua José Vieira de Andrade.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 49: Apresentação e descrição do cartão 21 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 21: Mercado Público.</p> 	<p>Descrição: Mercado público onde são comercializadas frutas, verduras, carnes, cereais e, inclusive, roupas. O local é bem movimentado, frequentado principalmente por moradores. Localizado na Rua Luiz de França, Centro da cidade.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 50: Apresentação e descrição do cartão 22 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 22: Cemitério da cidade.</p> 	<p>Descrição: Entrada principal do cemitério da cidade onde fica uma capela. No terreno ao fundo construção de uma pousada com acesso numa rua transversal. Localizado na Rua José Francisco da Silva, próximo a Câmara dos vereadores.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 51: Apresentação e descrição do cartão 23 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 23: Agência bancária e supermercado.</p> 	<p>Descrição: Em evidência única agência bancária da cidade e ao fundo um supermercado com estrutura semelhante à das grandes redes varejistas. Área de grande fluxo de pessoas de diversas localidades. Localiza-se na Rua José Vieira de Andrade, próximo à Praça de Eventos. Representa uma área funcional e moderna da cidade.</p>
---	---

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 52: Apresentação e descrição do cartão 24 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 24: Biblioteca Pública</p> 	<p>Descrição: Biblioteca pública municipal em prédio anexo ao da prefeitura da cidade. Localiza-se na Rua Miguel Geraldo. Instituição que representa a cultura e educação. O acervo da instituição é pequeno, porém funciona diariamente em horário comercial. Estudantes locais estão entre seus frequentadores.</p>
--	--

Fonte: Autor/2011.

FIGURA 53: Apresentação e descrição do cartão 25 utilizado no instrumental metodológico

<p>Cartão 25: Escola Estadual Misael Gonçalves</p> 	<p>Descrição: Rua Governador Divaldo Suruagy, onde localiza-se a Escola Estadual Misael Gonçalves Ferreira. Em frente fica o Módulo Esportivo José Vieira de Andrade, mais conhecido como Andradão. A mais antiga escola do município funcionou em diversos prédios até a construção do prédio próprio.</p>
---	--

Fonte: Autor/2011.

No quinto bloco – sobre a relação morador/turismo – foi desenvolvido tanto a *associação livre* – ao dar significado à atividade turística para a cidade da Barra de São Miguel – quanto *associação valorativa* – ao atribuir valores positivos ou negativos a ação do setor econômico na cidade.

Os procedimentos apresentados remetem a teorias e métodos próprios. Seu sistema de estruturação tem por objetivo capturar os depoimentos e, simultaneamente, verificar e confirmar sua consistência, por diferentes processos associativos. Os resultados da aplicação do instrumental metodológico serão ilustrados, expostos e analisados, oportunamente, no capítulo seguinte.

4 BARRA DE SÃO MIGUEL E O LUGAR DO ACONTECER DA VIDA

Neste capítulo – após o instrumental metodológico ter sido confeccionado, aplicado e feito as devidas tabulações e categorizações dos dados – será realizado a análise dos resultados obtidos à luz da perspectiva interpretativa da realidade, que consiste em verificar como se concretiza a relação cotidiana homem-lugar diante das inserções das expressões de consumo, da sociedade do espetáculo – geradora de *simulacros* e de *lugares não-identitários* – no território vivido. E, inclusive, evidenciar como o morador da Barra de São Miguel percebe o *lugar do acontecer da vida*.

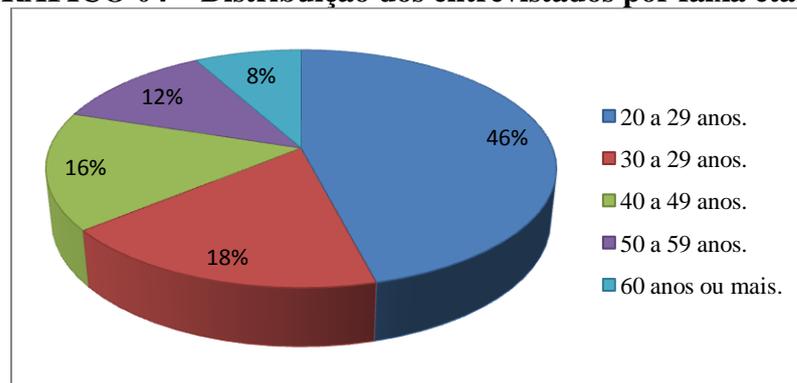
4.1 Apresentação da amostra

Salienta-se, ainda, que o instrumental foi construído de modo que a teoria seja revista, confirmada (ou não) sua legitimidade, e os pressupostos da investigação através dos resultados obtidos.

Primeiramente, para maior familiarização e contextualização, será explorada a folha de rosto do questionário e exposição do perfil do grupo de indivíduos que compuseram a amostra. Os resultados revelaram um grupo heterogêneo, porém com alguns percentuais significativos para algumas variáveis.

Com relação ao sexo, a amostra foi pré-dividida em 50% de homens e 50% de mulheres, conforme explicado anteriormente. A idade mínima, para participar do estudo, foi previamente definida em vinte anos, e os componentes amostrais dividiram-se em cinco faixas de idade para melhor tabulação e demonstração (ver gráfico 04). As faixas que obtiveram maior representatividade foram as seguintes: de 20 a 29 anos com 46% (o que corresponde a 46 entrevistados), 30 a 39 anos com 18% e 40 a 49 anos com 16%.

GRÁFICO 04 – Distribuição dos entrevistados por faixa etária



Fonte: o autor/2012.

Estes resultados indicam que, grande parte dos entrevistados está em idade economicamente ativa. Apenas 8% estão acima dos 60 anos de idade. A busca por trabalho, por oportunidades de emprego, compreende uma necessidade premente e, esta realidade, pode transparecer no modo como o morador da Barra de São Miguel vê e interage com sua cidade.

Em sequência, fazendo-se referência ao estado civil: do total dos entrevistados, 40% são solteiros, 32 são casados e 12% têm união estável. A tabela 05 relaciona detalhadamente os resultados.

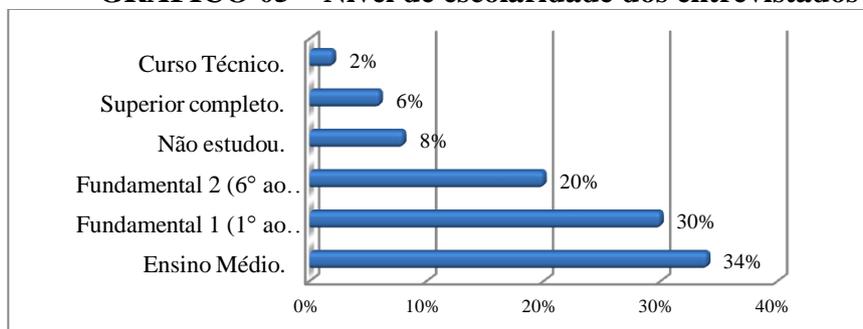
TABELA 05 – Estado civil dos entrevistados

Variável	Frequência	%
Solteiro (a)	40	40,0
Casado (a)	32	32,0
União estável	12	12,0
Viúvo (a)	8	8,0
Separado/divorciado (a)	8	8,0
Total	100	100,0

Fonte: o autor/2012.

O grau de escolarização foi outro dado verificado. Nenhum dos respondentes encontrava-se cursando algum ciclo escolar durante o período de aplicação do instrumental, inclusive faculdade. Os resultados obtidos e demonstrados no gráfico 05 revelam até que etapa o entrevistado seguiu na vida escolar, mas não quer dizer que concluiu o referido ciclo. Como exposto, 50% dos pesquisados estudou até o ensino fundamental, indicando baixo grau de escolaridade.

GRÁFICO 05 – Nível de escolaridade dos entrevistados



Fonte: o autor/2012.

Em se tratando da situação socioeconômica do grupo social estudado, a maioria, 58%, encontra-se desempregada. Indicando um índice alto, pois a taxa de desocupação da região

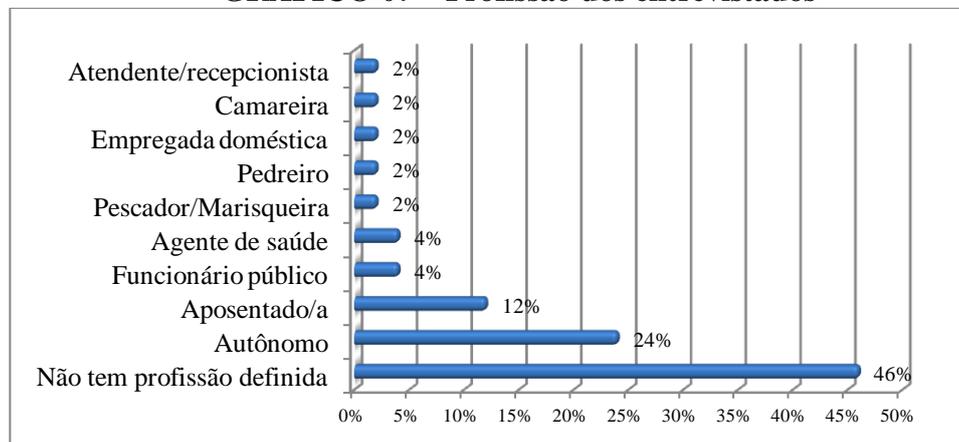
Nordeste²⁶ é de 8,5%. E 46% não têm profissão definida, 12% são autônomos e 6% estão aposentados. 46% não têm renda fixa mensal e 32% recebem até um salário mínimo²⁷ mensal (valor R\$ 545,00). A relação valor salarial e percentual amostral é inversamente proporcional, ou seja, maior valor considerado do salário, menor o número de pessoas. E, o valor salarial está bem abaixo do da média para o estado de Alagoas, que tem por rendimento médio mensal familiar²⁸ o valor de R\$ 846,04. Ver gráficos 06 e 07.

GRÁFICO 06 – Renda familiar dos entrevistados



Fonte: o autor/2012.

GRÁFICO 07 – Profissão dos entrevistados



Fonte: o autor/2012.

Do total entrevistado, grande parte mora em casa própria, 72%, enquanto 20% moram em casa alugada (ver tabela 06). Nenhum dos respondentes possui automóvel, apenas bicicleta, 34%, e motocicleta, 8%, como meio de transporte próprio (ver gráfico 08). E, mais

²⁶ Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999 [CD-ROM]. *Microdados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

²⁷ De acordo com o disposto na Lei Nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011.

²⁸ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008-2009.

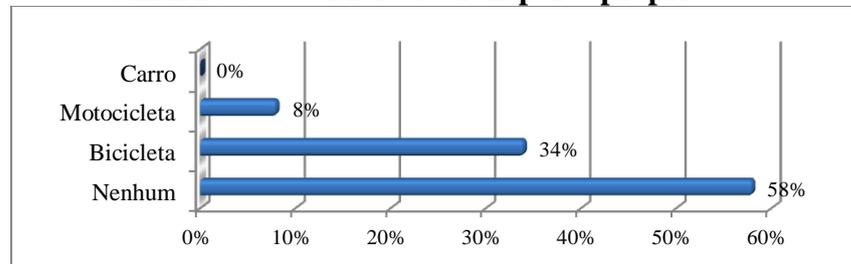
da metade (58%) declara não possuir nenhum meio de transporte, isso indica que – para um número significativo – os trajetos, realizados diariamente pela cidade, são percorridos a pé.

TABELA 06 – Situação da moradia dos entrevistados

Variável	Frequência	%
Própria	72	72,0
Alugada	20	20,0
Emprestada	2	2,0
Mora com parentes	6	6,0
Total	100	100,0

Fonte: o autor/2012.

GRÁFICO 08 – Meio de transporte próprio



Fonte: o autor/2012.

Esta realidade – de *ir e vir* – é facilitada por se tratar de uma pequena cidade, onde todas as distâncias, no perímetro urbano, podem ser percorridas num curto período de tempo sem o auxílio de um meio de transporte, e porque a cidade não possui transporte público urbano (devido suas próprias proporções).

Assim, com a explanação destes dados – feito as devidas considerações e análises comparativas – é possível visualizar qual é a realidade social e econômica dos depoentes da pesquisa, no intuito de compreender as influências possíveis deste diagnóstico nas relações cotidianas empreendidas pelos moradores da Barra de São Miguel – relatadas na sequência.

4.2 Descrevendo e discutindo os resultados

Compreender como o morador da Barra de São Miguel apreende, percebe, cria imagens e atribui significado à cidade e aos lugares de convívio diário foi um dos objetivos da investigação. E, o habitante manifesta suas apreensões da *cidade vivida* por meio da[s] comunicação[ões], sendo essencial para a compreensão da vida social (MOSCOVICI, 2009,

p.74). De posse dos resultados da aplicação do formulário, serão tratados os pontos relevantes para se chegar a possíveis considerações a este respeito.

4.2.1 A cidade vista, vivida, falada...

Durante as aplicações dos formulários, ao apresentar o cartão com a inscrição *Barra de São Miguel*, cada entrevistado respondia livremente, conforme suas formulações e associações mentais. Poderia ser palavras ou frases. Esta parte do instrumental corresponde ao procedimento de *associação livre*, no qual, de posse da informação (estímulos) fornecida pelo cartão, o depoente expõe, em breves palavras, aquilo que lhe suscitou. O objetivo deste método, como foi exposto anteriormente, é captar o sentido, o significado da coisa exposta para o indivíduo.

Ao analisar os produtos, foi possível gerar três categorias às quais as respostas se enquadravam: 1ª. Relacionada aos aspectos econômicos e sociais; 2ª. Relacionada aos aspectos políticos e administrativos e 3ª. Relacionada às belezas naturais. Dividindo estas categorias em aspectos positivos e negativos: as duas primeiras estão associadas aos aspectos negativos da cidade, enquanto a última aos aspectos positivos, porém mesmo esta última os moradores fazem ressalvas, acrescentando as dificuldades encontradas.

Estas respostas trazem e revelam, implicitamente, os efeitos locais do consumo capitalista, que, como em todos os cantos do planeta, agem segundo as especificações mercadológicas do lugar (SANTOS, 1996).

Na Barra de São Miguel, o capital atua e se desenvolve por meio da atividade turística e da supervalorização do solo em função da especulação imobiliária, resultado tanto de políticas públicas adotadas no âmbito estadual quanto municipal, em resposta a necessidade local de sair da estagnação econômica enfrentada nas décadas de 70 e 80.

Este processo econômico, cenário próprio da globalização e da supermodernidade, que torna os lugares permeados pelo capital mundial e os movimenta no sentido da reprodução comercial, invade a vida das pessoas. “Para o homem comum significa a imposição de novos padrões de comportamento, novos valores, uma nova estética” (CARLOS, 2007c, p. 174).

Assim, estas relações econômicas – materializadas no território do município – permeiam o dia a dia do habitante, e estão representadas no modo como comunica suas apreensões e significados do seu espaço de convívio (LYNCH, 1997). Neste sentido, o

processo interacional observador-objeto, produtor de imagens – proposto por Lynch (1997) – não é um fenômeno isolado do mundo ou desconectado da supermodernidade em rede (AUGÉ, 1994). É sim uma confluência de forças e interesses (políticos e econômicos) locais e globais conduzindo a um pensamento ‘universal’ (e comparativo) da realidade local.

No gráfico 09, percebe-se um modo de pensar o local ajustado a elementos e necessidades do mercado e da sociedade global, no qual 8% dos entrevistados associam a Barra de São Miguel à *falta de desenvolvimento econômico, de empregos e indústrias*, e com percentuais iguais, 46%, a cidade é associada a problemas administrativos – *está precisando de uma boa administração* – e às suas belezas naturais, mas reconhecendo problemas infraestruturais – *é uma cidade maravilhosa. Mas tem muitos problemas*. Neste resultado, o morador-entrevistado, faz sua interpretação da realidade local em comparação com outros centros próximos, onde as condições socioeconômicas são consideradas melhores.

GRÁFICO 09 – Opinião sobre a BARRA DE SÃO MIGUEL



Fonte: o autor/2012.

Deste modo, para 54% dos depoentes a cidade revela-se – é representada – por meio dos seus aspectos negativos: problemas que envolvem a administração política municipal refletindo no desenvolvimento da cidade, na oferta de trabalho para os habitantes e na dinamização e fortalecimento da economia. Revela ainda uma insatisfação com a gestão pública atual, e como “o mundo vivido é a conexão entre as coisas” (GIL & GIL FILHO, 2008, p. 107) podendo ser estudado pelas representações retiradas do cotidiano, o dia a dia do morador da Barra de São Miguel está, portanto, permeado de críticas ao rumo dado, pelos gestores, à cidade.

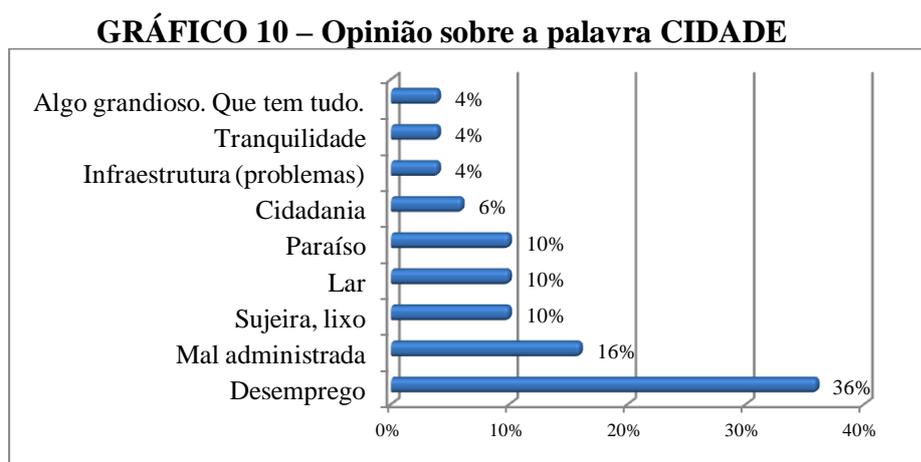
E, mesmo os 46% dos entrevistados que representam a cidade por meio de suas belezas e recursos naturais, visualizam os problemas de gerência, infraestruturais, econômicos e principalmente sociais enfrentados cotidianamente. Pode-se dizer, do exposto até o momento, que existe uma *imagem consensual* (LYNCH, 1997) própria do grupo estudado que

– apesar de suas diferenças acidentais nas formulações das respostas – apontam para uma imagem significativa substancialmente comum para a cidade.

Pretende-se, agora, confirmar ou descartar esta hipótese com a explanação das demais questões do instrumento e dos procedimentos codificados.

Seguindo com as *associações livres*, outra questão se que coloca em evidência diz respeito ao entendimento sobre a palavra *cidade*. Esta questão foi genérica, não se referindo a nenhuma cidade em particular, qualquer associação feita a uma cidade específica aconteceu espontaneamente, por decisão do depoente. Os resultados desta questão podem corroborar ou não com os da anterior.

As respostas livres, referentes ao cartão, resultaram no gráfico 10, a seguir, com as categorias que melhor descreve o sentido que a palavra *cidade* tem para o morador da Barra de São Miguel.



Fonte: o autor/2012.

Como apresentado acima, 66% dos resultados apontam para uma visão negativa do significado da palavra, confirmando, assim, o resultado da questão anterior e, ainda, indicando para uma *imagem coletiva* da cidade em que os problemas estruturais decorrentes da uma suposta má administração evidenciam-se na construção da representação de cidade no imaginário do habitante. E, 34% transmitiram aspectos positivos em relação ao cartão, identificando cidade com tranquilidade (4%), cidadania (6%), paraíso (10%) e lar (10%).

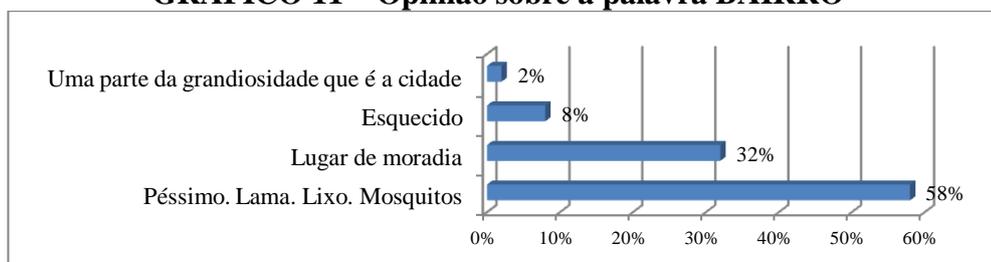
Nota-se a interferência do meio (físico, político e social) no modo como são construídas as percepções, comprovando-se a afirmação de Tuan (1980), que as manifestações corpóreas são baseadas nas experiências de vida e nas expectativas (ou frustrações), e,

também, no caráter histórico do objeto percebido e do observador (HORKHEIMER apud JOVCHELOVITCH, 2000).

Destarte, confirma-se que o homem é portador de objetividades sociais e, por meio de comunicações, cabe-lhe construir e transmitir cada estrutura social (HELLER, 1992). Portanto, cada rede de relações sociais – por mais simples que seja – é produto da interação dos homens entre si e com meio (natural ou artificial), da articulação entre uso (subjetividades) e função (objetividades) dos objetos e equipamentos urbanos, entre liberdade de escolha e coerções socioeconômicas e políticas, e entre fenômenos distintos (temporal ou estruturalmente) (CARLOS, 2007a). O homem é o construtor, transmissor e mantenedor da estrutura social à qual pertence. E, em casos restritos, é o agente transformador desta mesma estrutura.

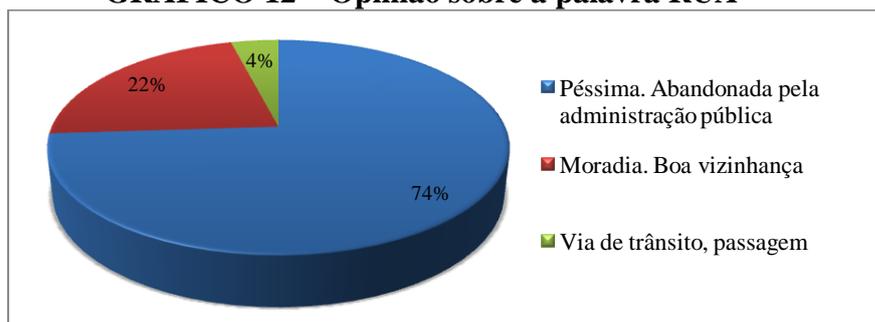
Nos gráficos 11 e 12, estão relacionadas as atribuições dadas às palavras *bairro* e *rua*, respectivamente. As categorizações, relativas ao bairro e a rua, tornam patente a intrínseca semelhança de significado em relação à cidade. As noções de *rua*, *bairro* e *cidade* – apesar de serem, ao menos teoricamente, categorias de proporções distintas, referente à escala – se imbricam num ponto comum, para o habitante da Barra de São Miguel.

GRÁFICO 11 – Opinião sobre a palavra BAIRRO



Fonte: o autor/2012.

GRÁFICO 12 – Opinião sobre a palavra RUA



Fonte: Autor/2012.

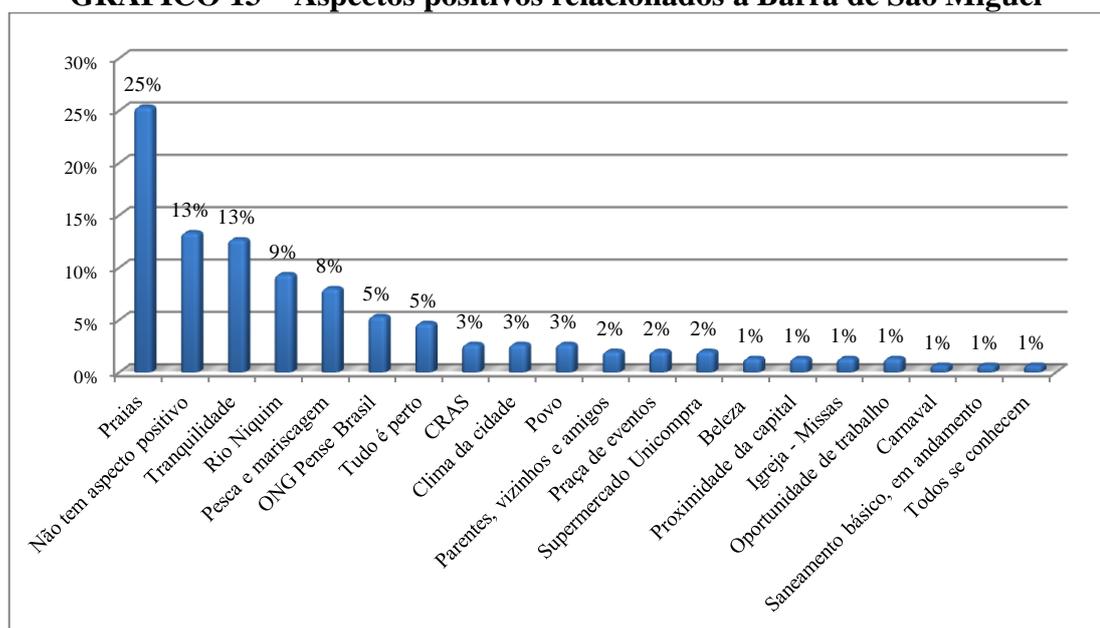
Assim, como o recorte geográfico compreende uma pequena cidade, pode-se entender que as categorias micro, meso, e macro – rua, bairro, cidade respectivamente – se confundem, experiencial e conceitualmente, para o morador da cidade, que mantém diálogo aberto e íntimo com essas três categorias devido suas imperceptíveis distinções escalares. Ou seja, compreendem um todo homogêneo para o habitante-entrevistado, existindo poucas distinções, ao menos no perímetro de abrangência das entrevistas e de movimentação do habitante.

Percebe-se, também, que a vida cotidiana desenrola-se no contato direto com a cidade (HELLER, 1992). Diferentemente da grande cidade, onde as relações com o bairro são mais evidentes (CARLOS, 2007a). E em seus cotidianos, os moradores da Barra de São Miguel compartilham de compreensões, noções, sentidos e imagens semelhantes, mesmo tendo suas residências localizadas em pontos distintos da cidade, conforme foi demonstrado no mapa da área de abrangência do estudo. Assim, entende-se como funciona a estruturação do cotidiano e da interação com o lugar, pelo morador, a partir de suas representações.

Até o momento – apesar da evidência de positivities e negatividades nas respostas em relação à cidade – não foi feita nenhuma solicitação a esse respeito.

E na questão, ainda do procedimento *associação livre*, em que foi solicitado relacionar três aspectos positivos e três negativos em relação à Barra de São Miguel, obteve-se as seguintes respostas: Os aspectos positivos da cidade estão relacionados, significativamente, aos seus recursos naturais (42%), conforme gráfico 13.

GRÁFICO 13 – Aspectos positivos relacionados à Barra de São Miguel



Fonte: Autor/2012.

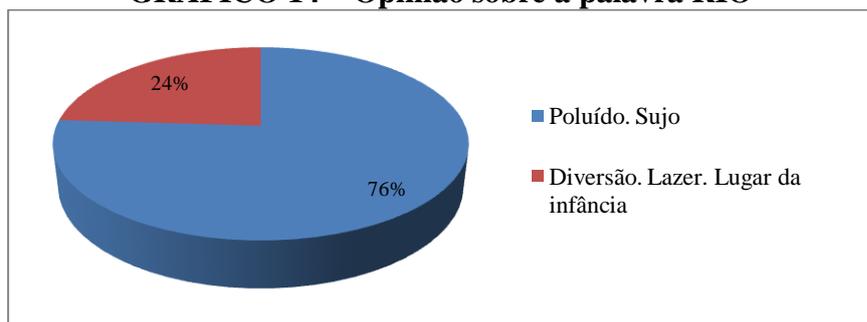
Assim – quando o morador é convidado a pensar nas coisas boas que a cidade possui – é factível listar cinco características (por maior percentual) visualizadas, pelo entrevistado, na cidade, expostas por ordem de ocorrência: as *praias* aparecem primeiro, com 25%, depois *tranqüilidade* (13%), *rio Niquim* (9%) e a *pesca e a mariscagem* (8%).

Ao fazer livremente suas escolhas, o morador-entrevistado está comunicando, ao mesmo tempo, o valor simbólico da cidade, alguns elementos do cotidiano e alguns lugares referenciais para construção e constituição da vida pessoal e coletiva. O contato corpóreo direto e os usos atribuídos aos equipamentos espaciais, constituintes do território citadino, têm por consequência à singularização do espaço, ou seja, a formalização dos lugares da vida, conforme salientam Tuan (1983) e Carlos (2007a).

Percebe-se, então, que as *praias* e o *rio Niquim* além de muito presentes no dia a dia dos moradores-entrevistados, são referências boas da cidade para suas vidas; a *pesca e a mariscagem* são usos atribuídos às praias e ao rio predominantemente, usos estes que terminam por gerar uma familiaridade com estes espaços, imputando-lhes o *status* de lugares (CARLOS, 2007a); e o sentimento de *tranquilidade* permeiam as relações mantidas com o outro e com os espaços da cidade.

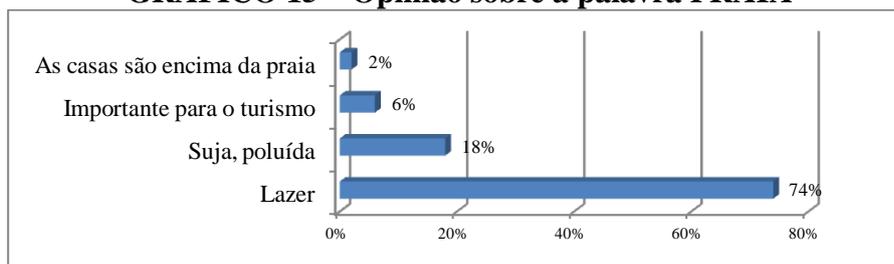
O rio *Niquim* faz parte da história vivida dos moradores. Sua representação associa-se a degradação e sujeira (24%), mas ainda trás lembranças das brincadeiras e diversões praticadas na infância (76%) – gráfico 14.

GRÁFICO 14 – Opinião sobre a palavra RIO



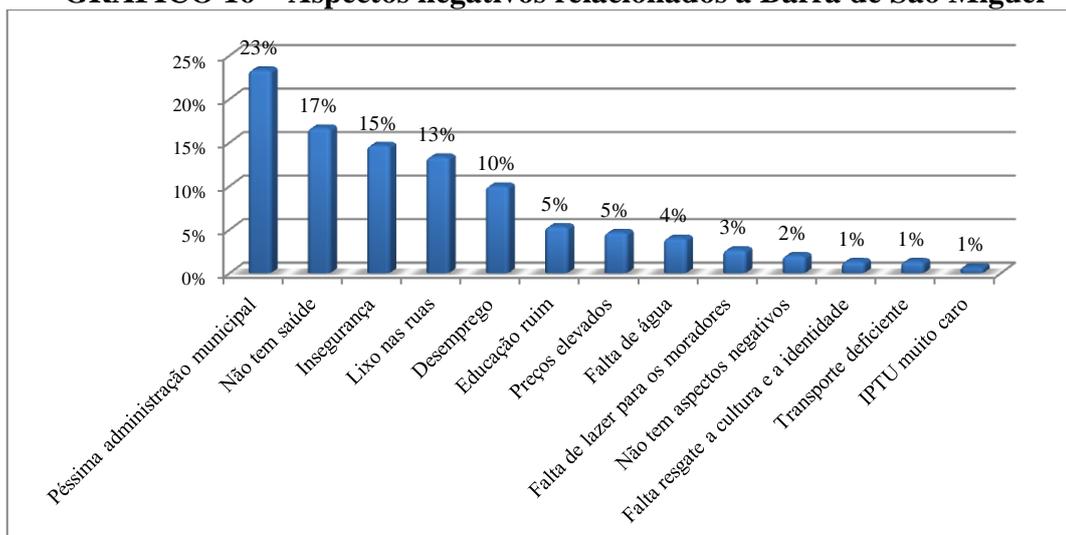
Fonte: Autor/2012.

Já a *praia*, representa uma das poucas opções de lazer encontradas no município, para a maioria dos entrevistados (74%), porém para alguns apresenta sinais de poluição (18%), degradação e apropriação desordenada (2%). (gráfico 15).

GRÁFICO 15 – Opinião sobre a palavra PRAIA

Fonte: Autor/2012.

Em se tratando dos aspectos negativos referentes à Barra de São Miguel, foram catalogados treze grupos de respostas, das quais os maiores percentuais de incidência foram: 23% *péssima administração municipal*, falta de saúde (17%), insegurança (15%), lixo nas ruas (13%) e desemprego (10%). (gráfico 16).

GRÁFICO 16 – Aspectos negativos relacionados à Barra de São Miguel

Fonte: Autor/2012.

Estes dados relacionam-se a resultados anteriormente abordados e indicam que a apreensão do morador a respeito de sua cidade, baseada em seus estímulos cotidianos, “[...] nos proporciona, *al nivel de los individuos particulares y en término muy generales, una imagen de la reproducción de la sociedad respectiva, de los estratos de esta sociedad [...]*” (HELLER, 1994, p. 20, grifo do autor). Deste modo, é por meio da mescla de valores positivos e negativos que a cidade revela-se, simultaneamente, amigável e hostil, familiar e estranha (CARLOS, 2007b).

Verifica-se, ainda, uma relação assíncrona entre os interesses dos poderes estabelecidos que governam a cidade e as reais necessidades e anseios da população, sendo evidente nas verbalizações dos entrevistados e na forma como comunicam suas percepções sobre a Barra de São Miguel.

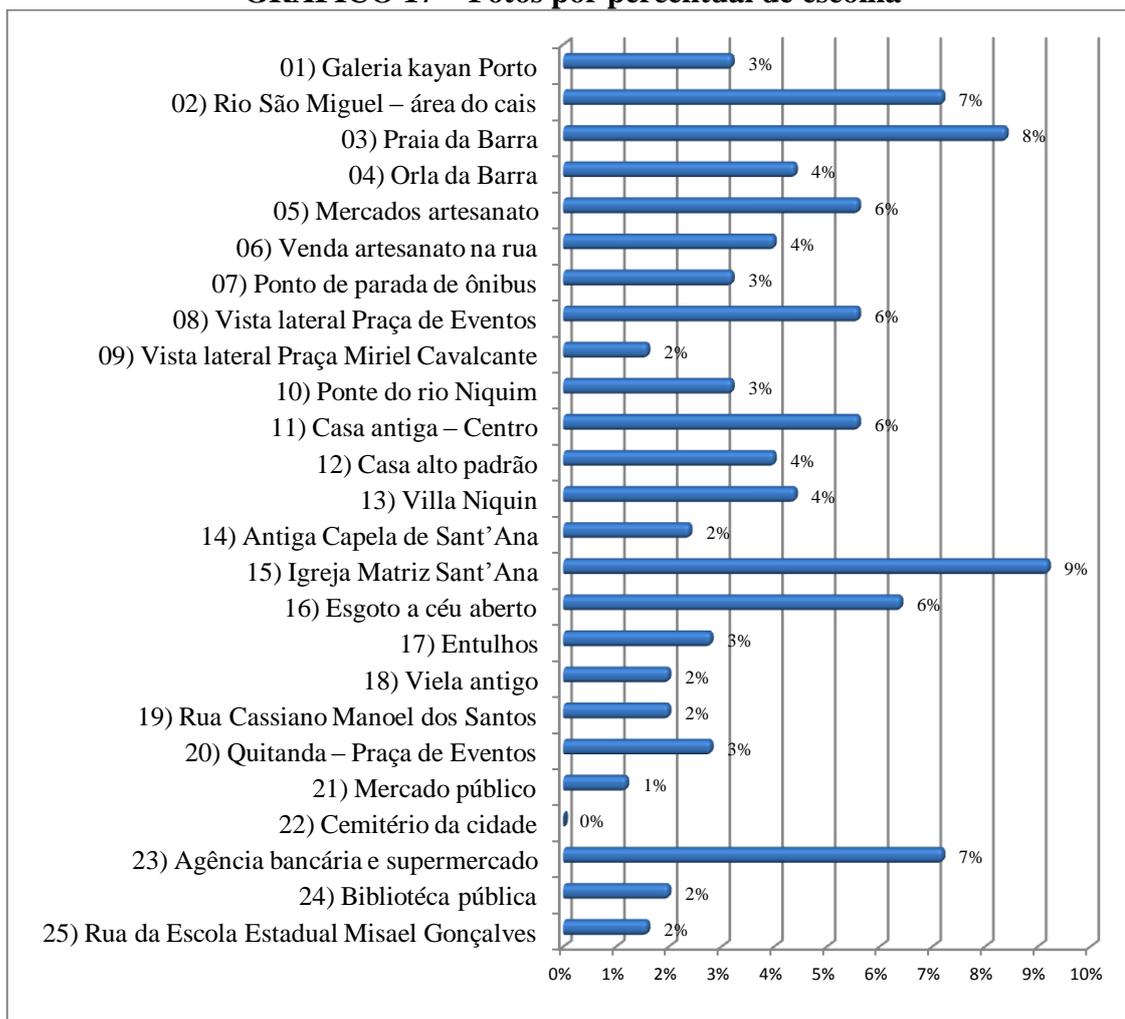
Num outro momento do instrumental, discorrendo sobre a imagem da cidade, foram apresentados vinte e cinco cartões²⁹, cada um contendo uma imagem (foto) de algum ponto da cidade e, em seguida, pediu-se a escolha de cinco cartões que melhor representassem a Barra de São Miguel, explicando os motivos da opção.

Esta questão teve por objetivo construir uma *compilação de imagens* que melhor representasse o conteúdo imagético da cidade no consciente do morador, pois, o indivíduo gera imagens do mundo ao seu redor a partir das apreensões das coisas dispostas no espaço. E, o resultado deste item, manifesta os lugares familiares – de valor simbólico único e singularidade relacional diária e cotidiana.

Cada imagem teve maior ou menor importância dependendo do grau de intimidade, familiaridade, mantida com os objetos apreendidos. Pois, é no cotidiano vivido, no uso arrogado ao território, no diálogo com os lugares e seus objetos dispostos, num ambiente dinâmico, que as imagens são formuladas e criam-se as marcas na memória do homem, traçando um perfil imagético complexo – com identidade/estrutura/significado – do meio em que vive (LYNCH, 1997).

Assim, o gráfico 17, na página a seguir, expõe a lista das nomenclaturas das fotos utilizadas no procedimento metodológico juntamente com os resultados obtidos. A ordem numérica dos cartões, com as fotos, foi elaborada e apresentada de modo aleatório, não tendo relação hierárquica entre as imagens. A disposição dos resultados no gráfico respeitou a ordenação numérica e não ao arranjo decrescente do percentual.

²⁹ Ver subseção 3.2.2.2 Instrumental Metodológico, página 78, capítulo 3.

GRÁFICO 17 – Fotos por percentual de escolha

Fonte: Autor/2012

Deste resultado, extraíram-se os oito cartões (02, 03, 05, 08, 11, 15, 16, 23) mais citados. Esses cartões juntos totalizaram 55% das escolhas feitas pelos componentes da amostra, e compõem a representação imagética da cidade da Barra de São Miguel. Por ordem de classificação decrescente tem-se, cartão: 15. *Igreja Matriz Sant'Ana* (9%); 03. *Praia da Barra* (8%); 02. *Rio São Miguel – área do cais* e 23. *Agência bancária e supermercado* (7% cada); 05. *Mercado artesanato*; 08. *Vista lateral Praça de Eventos*; 11. *Casa antiga – Centro* e 16. *Esgoto a céu aberto* (6% cada).

Cada imagem é marcada por símbolos que transmitem significados específicos. Então, cada escolha depõe uma identidade, uma familiaridade; revela algo (re)conhecido, íntimo e peculiar do cotidiano vivido. Cada particularidade percebida e demonstrada através das imagens da cidade revela, igualmente, as relações ordinárias e singulares entre o cotidiano – enquanto totalidade dos momentos da vida – e os lugares – enquanto espacialização das ações

humanas (DIAMIANI, 2007). Pois – as imagens – falam sobre o *caminhar* dos moradores no intuito de assegurar a manutenção e desenvolvimento da vida. E juntas, sintetizam uma representação imagética complexa da Barra de São Miguel vivida e sentida, como expõe a figura 54.

As diferentes fotos que compõem a *imagem da cidade* estão agrupadas propositalmente de tamanhos diferentes para salientar o grau de relevância de cada uma: as maiores foram mais citadas pelos entrevistados e as fotos menores tiveram pouca representatividade nas escolhas.

FIGURA 54 – Compilação de imagens que representam a Barra de São Miguel



Fonte: Autor/2011.

Cada imagem escolhida e apresentada anteriormente teve suas motivações registradas para melhor representar os significados reais que o indivíduo quis transmitir. Logo, uma imagem transfere uma ou várias mensagens, a saber:

- A imagem 15. *Igreja Matriz Sant'Ana* transmite, segundo argumentos dos depoentes, fé, devoção, religiosidade, casa de orações, lugar familiar, lugar cotidiano, representa um ponto referencial da cidade, um cartão postal. Pode-se dizer que a igreja representa um marco (LYNCH, 1997) indicador de identidade e de espiritualidade para o morador, é uma centralidade da qual emana e se espalha a vida cotidiana;
- A imagem 03. *Praia da Barra* representa o turismo, o lazer, as belezas naturais, lugar para poucos e trabalho/sustento para alguns. A imagem não representa algo familiar de uso cotidiano, mas um *lugar não-identitário* e funcional, preparado para receber e atender as necessidades do não morador, do visitante;
- A imagem 02. *Rio São Miguel – área do cais* representa lugar de trabalho (pesca, mariscagem) e sobrevivência; de onde é extraído o sustento (ostras, sururu, maçunim, pescados) de inúmeras famílias. Lugar de uso tradicional pela população inclusiva para o lazer;
- A imagem 23. *Agência bancária e supermercado* representa um lugar central onde é possível pagar contas e fazer compras, representa o novo que facilita a vida, e a valorização da cidade. São símbolos do capital, e para o morador, compreendem lugares funcionais que facilitam a vida por reunirem serviços distintos num mesmo local, dispensando o deslocamento para outras cidades;
- A imagem 05. *Mercado artesanato* representa fonte de trabalho e renda para muitas pessoas. Ponto turístico de venda de artesanato e captação de recursos para o sustento dos vendedores. Totalmente voltado para o visitante, o morador mantém com este espaço uma relação funcional de comercialização de produtos artesanais e industrializados;
- A imagem 08. *Vista lateral Praça de Eventos* representa algo novo que não existia, mas era muito necessário para os moradores da cidade. Lugar de lazer, diversão para as crianças e eventos. A praça tem funcionalidade específica prevista pela gestão municipal: palco para *shows* e espetáculos voltados para não moradores no período da alta estação turística, é um espaço representativo de uma dinamização

espacial voltada para atender as exigências da supermodernidade e da sociedade do espetáculo;

- A imagem 11. *Casa antiga – Centro* representa uma parte da história da cidade, e seus proprietários (a família que mora na casa) fazem parte da história da Barra, ajudaram muitas pessoas que necessitavam de ajuda financeira, principalmente. A casa conta um pouco da história arquitetural do lugar, preserva os elementos e técnicas construtivas disponíveis e utilizadas na cidade antes de sua abertura para o mercado imobiliário e turístico;
- A imagem 16. *Esgoto a céu aberto* representa o estado de conservação das ruas da cidade, a realidade do município e a falta de infraestrutura e a sensação de abandono relatada pelo morador-entrevistado. A cidade passa por problemas de inadequação ao modelo escolhido de desenvolvimento. Tenta (a administração municipal), a todo custo, vender uma imagem midiaticizada atraente e adequada às determinações do capital, mas esbarra na falta de recursos para a implementação da infraestrutura urbana necessária.

As oito imagens reunidas evidenciam, ainda, infinitas contradições e relações dialéticas encontradas (percebidas) e representadas pelos depoentes. Transmitem as lembranças do passado, os desejos para o futuro; o novo e o velho, o uso e o desuso, o cheio e o vazio, o tradicional e o moderno, o sacro e o profano; as esperanças e os descontentamentos; a riqueza e a pobreza; o trabalho e o lazer; o belo e o feio, o familiar e o estranho, o próximo e o distante, o retrocesso e o progresso.

Por conseguinte, uma condensação de bipolaridades apenas encontrada no lugar onde realmente a vida acontece – onde os diálogos sensoriais e cognitivos cotidianos (indivíduo/indivíduo e indivíduo/lugar) se espraiam e se conectam num processo ininterrupto.

Este fato confirma a noção de que a vida cotidiana, do homem urbano, produz-se no entrelaçar de elementos contrários (CARLOS, 2007b) que ora se equilibram, ora se instabilizam, alimentando o movimento do pensamento, que tende a mudar e evoluir conforme as interferências internas e externas ao indivíduo.

Do mesmo modo, a *leitura da vida cotidiana* – por meio das imagens percebidas pelo indivíduo, ou grupo de indivíduos – revela que as contradições não estão presentes apenas no homem que as vive, mas nos objetos e na configuração formal da cidade. Assim, o diálogo entre observador-objeto concretiza-se de modo bilateral: tanto as inconsistências espaciais

exercem forte influência nas formulações mentais humanas, quanto o homem (individual e coletivamente) interfere nas objetivações e subjetivações materializadas territorialmente (LYNCH, 1997).

Deste modo, no cotidiano vivido não ocorre abstrações de objetos e coisas desconexas e sem sentido: o homem – ser social dotado de subjetividades – persiste em favorecer – por meio do uso – os seres inanimados com história e significados, por vezes, mutáveis ao longo do tempo.

Percebe-se ainda que a imagem da Barra de São Miguel (e de qualquer cidade), na consciência do habitante, não é composta apenas por meio do diálogo puro e simples entre o morador e o território da cidade (entre observador-objeto), como observou Lynch (1997). Os objetos (equipamentos urbanos) trazem consigo registros de forças exógenas àquele espaço, modelando-os e dando-lhe funcionalidades condizentes aos ditames mundiais (AUGÉ, 1994; SANTOS, 2008). Estas forças – no caso da cidade em questão – são exercidas pelo turismo, pelo mercado imobiliário e pelas políticas públicas adotadas no intuito de garantir o desenvolvimento destas atividades econômicas.

O morador *ver* na morfologia urbana, no *lugar funcional* (CERTEAU, 1999; SANTOS, 2008), a materialização dos problemas relativos à urbanidade atual, advinda da condensação de forças (Estado/capital) que determinam as especificidades técnicas espaciais, interferindo, deste modo, na construção do cotidiano, na relação habitante-espço/habitante-habitante e nas assimilações mentais sobre o lugar.

Portanto, a imagem da cidade (apropriada e comunicada pelo morador) está vinculada e sofre influência da ação direta do mercado global e globalizante, produtor dos efeitos da supermodernidade atuantes em todas as partes do globo. Confirmando e atualizando o pensamento de Augé (1994) que atribui a responsabilidade de boa parte das transformações territoriais, relacionais e temporais, ao *status quo* de desenvolvimento econômico mundial.

Ainda, a interferência de forças globais no território, gera espaços estranhos, não familiares, dentro da cidade (CARLOS, 2007a), voltados a atender as necessidades de reprodução do capital mundial. Estes espaços, cooptados do território da cidade, muitas vezes, são alheios aos interesses e necessidades do morador da cidade, e passam a ser centros de difusão da ação capitalista (produção-reprodução-circulação), e, inclusive, são verdadeiros símbolos de uma pseudorealidade (BAUDRILLARD, 1991), e palco de espetáculos

mediatizados, preparados para seduzir e atrair a um grupo crescente de indivíduos de alto poder aquisitivo – ávidos pelo novo.

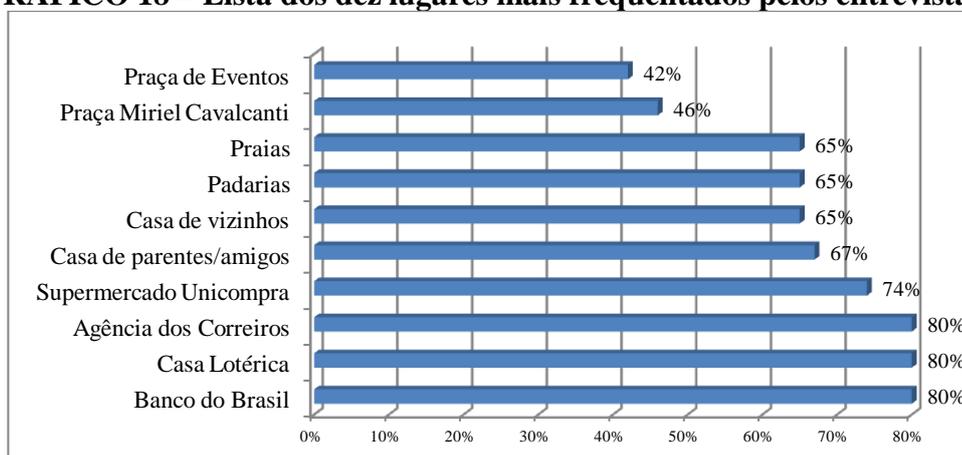
4.2.2 Itinerários cotidianos: o homem, seu cotidiano e seus lugares

Ao empreender um estudo voltado para as relações do homem com o lugar, deve-se ter em conta a importância do contato (corpóreo) direto com os espaços, os contatos de uso dos objetos e das coisas inanimadas (TUAN, 1983). Esta conexão (homem/lugar) dá-se continuamente e se refaz, num jogo dialético no qual relações são rompidas para despontar outras, ainda mais complexas e significantes. Todo este diálogo executado pelo homem, por meio do uso, é gerador de cotidiano (HELLER, 1992). É por meio da análise da vida cotidiana que se tem uma possibilidade interessante para perceber e entender os *lugares identitários*, seus significados e suas apreensões e, ao mesmo tempo, identificar os *lugares não-identitários* e seus efeitos.

Partindo-se do pressuposto que todo cotidiano é feito de lugares, do contato com lugares na cidade (DAMIANI, 2007), que se buscou considerar nesta seção os *itinerários cotidianos* dos moradores da Barra de São Miguel para entender de qual cidade eles estão falando (toda a cidade ou parcelas dela) quando atribuem significados, dão sentidos e transmitem uma imagem.

Para se chegar aos *itinerários cotidianos* dos moradores da Barra de São Miguel, foi solicitado no questionário que fosse listado até dez lugares da cidade mais frequentados com seus respectivos motivos. No gráfico 18 são apresentados os dez lugares mais frequentados pelo grupo de entrevistados.

GRÁFICO 18 – Lista dos dez lugares mais frequentados pelos entrevistados



Fonte: Autor/2012

Como demonstrado no gráfico, a *agência bancária* e dos *Correios*, e a *Casa Lotérica* foram indicados por 80% dos depoentes como lugares frequentados e os motivos são pagamentos de contas e títulos, transações bancárias. Estes lugares são referidos com grande satisfação, pois antes da existência destas instituições na cidade o morador tinha que se deslocar para Maceió, e isso demandava muito tempo e ainda gastos com transporte.

O *supermercado*, mencionado por 74%, é o único da cidade que oferece, para o consumidor, uma grande variedade de produtos que antes só era encontrada na capital. Apesar dos preços elevados, muitos moradores preferem fazer suas compras aí, pois é menos dispendioso que sair da cidade.

A *casa de parentes e amigos* (67%) também compõe o itinerário cotidiano dos moradores. No geral, esses lugares são próximos de suas residências, são escolhidos livremente e não têm motivo específico, ou horário determinado para acontecer.

A *casa de vizinhos* (65%) e as *padarias* (65%) são lembradas pelos moradores como lugares de frequência diária, um indicando o convívio e contato com o outro e o último uma necessidade de consumo. As *praias* (65%) são lembradas, mas com uma relevância menor, pois se trata de um lazer esporádico, de fins de semana. As praias frequentadas não são aquelas dotadas de infraestrutura turística, e sim, aquelas próximas de casa, em que os frequentadores são predominantemente marisqueiros e pescadores.

As *praças* citadas da cidade são aquelas que têm melhores infraestruturas para o lazer e o convívio – Pça. Miriel Cavalcanti (46%) e a Pça. de Eventos (42%) –, e de maior visibilidade por localizarem-se na rua principal da cidade.

Assim, os lugares que compõem o acontecer da vida, os espaços urbanos de contato diário, são revelados nos itinerários realizados de casa para os pontos de chegada, passando pelos trajetos que ligam um ponto ao outro. O diálogo com o urbano, muitas vezes, é determinado por necessidades essenciais à sobrevivência como o morar, o trabalho, a alimentação, o lazer. Portanto, as relações do indivíduo com os espaços urbanos se concretizam por meio desses atos/atividades elementares, realizados diariamente.

Alguns dos lugares mencionados são estabelecimentos comerciais e financeiros – verdadeiros *espaços de consumo e de circulação pecuniária*, sendo classificados como *lugares funcionais*, segundo perspectiva de Santos (2008) e Certeau (1999) – que, ao longo do tempo, passaram a ter significativa importância no dia a dia dos moradores-entrevistados. No entanto, não perderam o caráter funcional. E outros, são lugares de contato e uso eventual e

desinteressado, com valor simbólico, familiar – produzido no desenrolar da vida cotidiana – onde se concretizam o diálogo com parentes e amigos, e de onde emanam as representações socioespaciais. São os *lugares antropológicos* (AUGÉ, 1994).

O ato de caminhar é um instrumento dinâmico de apropriação dos espaços urbanos e de atribuição de valor e significado mais representativo para os moradores da Barra de São Miguel, e esta constatação se confirma ao relacionar com o percentual de depoentes que não tem transporte próprio³⁰, 58%, e empreendem seus trajetos a pé, remetendo a uma proximidade dos itinerários, pois as limitações físicas não permitem, ao homem, percorrer grandes trajetos sem o auxílio de um meio de transporte mecânico.

O ir ao trabalho diariamente, os caminhos percorridos, o encontrar pessoas, as ruas de acesso obrigatório, a paisagem urbana contemplada, assimilada e reconhecida; o sentimento de pertencimento e de identificação que une as pessoas entre si e aos lugares, o voltar para casa depois do trabalho, o sair com a família ou amigos, o passear pelas ruas da cidade, as atividades e os lugares diários obrigatórios, as atividades e lugares de livre escolha, a sucessão dinâmica entre o privado (casa, estabelecimentos comerciais) e o público (ruas, praças), todos esses atos permite perceber a realidade vivida e reconhecer os espaços apropriáveis para a vida pelo morador-entrevistado.

Estes trajetos cotidianos, por mais frágeis e simples que pareçam, ainda assim, exercem seu papel criador de realidade e qualificador do que é tangível. Por mais limitado que sejam as condições socioeconômicas, o indivíduo faz dos espaços da cidade o seu “espaço”, o seu “pedaço”. Por isso, ainda que os lugares frequentados sejam comuns e triviais, deve-se considerar que é exatamente por meio deste contato que o homem se relaciona com os espaços e constrói sua identidade, sua personalidade, seus valores e traços culturais predominantes, numa troca mútua e intrínseca entre homem e espaço.

Ter o *pé no chão*, andar pela cidade, escolher qual trajeto seguir, optar por novos rumos e entrar em contato direto com os espaços públicos e privados da cidade, dá ao homem – que não tem outra possibilidade de locomoção – uma perspectiva mais atenta aos detalhes, e permite, ao mesmo, um tempo suficiente para assimilar as peculiaridades presentes nos trajetos e construir relações familiares com cada canto – diferentemente do indivíduo conduzido passivamente por transporte público, por exemplo. É assim que “o espaço

³⁰ Ver gráfico 08, página 97.

transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p. 151), no contato diário contínuo.

Os detalhes da configuração espacial, e do cotidiano urbano, são experimentados, percebidos, conhecidos e reconhecidos, pelo homem, ao *andar a pé*, na velocidade do passo. Isto porque o homem, ser biológico, necessita de um tempo para abstrair os seres corpóreos distribuídos a sua volta. À medida que o homem caminha pela cidade, sua visão – auxiliada pelos outros sentidos – realiza a *exploração ativa* dos entes corpóreos (ARNHEIM, 1998, p.35). Neste processo exploratório, adquire suas experiências e conhecimentos sobre o mundo. Esta noção é retratada sabiamente pelo cantor nordestino Luiz Gonzaga (1988) na música *Estrada de Canindé*:

Mas o pobre vê nas *estrada*
 O *orvaio* beijando as *flô*
 Vê de perto o galo campina
 Que quando canta muda de cor
 Vai *moiando* os pés no riacho
 Que água fresca, nosso Senhor
 Vai *oiando* coisa a *grané*
 Coisas *qui*, pra *mode* vê
 O cristão tem que *andá* a pé
 (GONZAGA, 1988, grifo nosso).

Destarte, o contato direto com os espaços, em especial os urbanos, sem intermediários, permite o uso e proporciona ao indivíduo um sentimento de pertencimento, conhecimento/reconhecimento, intimidade, familiaridade e por vezes de estranhamento, de quebra de significados e sentidos com/pelos os lugares da cidade (TUAN, 1983).

A rua (ruas) – enquanto espaço público que se liga a outros espaços públicos e aos espaços privados – compreende não a um mero caminho, mas a um *interconector* entre lugares significantes, e ela mesma tem seus próprios significados atribuídos durante o acontecer da história próxima dos habitantes da cidade.

É notória, nos itinerários descritos, a existência de duas categorias de motivações para a mobilidade espacial. Uma está relacionada ao consumo de serviços e aquisição de bens (46%): pagamentos de contas mensais e compras de alimentos diária, semanal e mensalmente. E a outra relacionada ao convívio com o outro e com os lugares (26%): o diálogo com vizinhos, amigos e parentes, e a busca por lazer, diversão, durante o dia ou a noite.

Assim, na figura 55 é apresentado o perímetro da cidade que abrange os itinerários descritos e os locais de moradias dos entrevistados. No recorte da cidade, exibido na figura,

foi dado destaque aos locais frequentados de maior relevância percentual. Este perímetro da cidade abarca toda a vida cotidiana dos entrevistados, e moradores, da Barra de São Miguel. É onde tem origem as representações sociais e a construção cognitiva e imagética.

FIGURA 55 – Mapa perímetro da vida cotidiana – Barra de São Miguel/AL



Fonte: Autor/2011.

Os lugares do dia a dia, do *ir e vir*, do diálogo com o outro, da construção imagética e das representações socioespaciais, encontram-se inseridos nesta parcela da cidade, onde não existem fronteiras nem limitações – sociais e econômicas – ao passo. Apenas as limitações próprias do corpo humano.

Este perímetro no qual a vida acontece e que reúne os lugares cotidianos, não compreende, ou abrange toda a cidade. Como demonstrado, a área central da cidade é onde os laços com os espaços urbanos se concretizam, e onde se constroem a imagem e as apreensões da cidade. E, concernente com outras áreas do perímetro urbano total, a relação habitante-espaço é fragmentária e tênue. Assim, mesmo sendo uma cidade pequena – a Barra de São Miguel – não se constitui num único lugar, mas existem várias cidades coexistindo numa única cidade.

Portanto, quando o morador-entrevistado transmite a imagem que formula da cidade, ele está comunicando, juntamente, a operação combinada dos sentidos corpóreos (LYNCH, 1997), as suas vivências socioespaciais, e todas as experiências da vida atreladas, não a qualquer espaço, nem a toda cidade, mas ao perímetro delimitado nos *itinerários cotidianos*. Estes últimos englobam os *lugares identitários*.

Assim, através da investigação, é possível perceber que o habitante da Barra de São Miguel constrói suas representações *do todo* (a cidade em sua totalidade) experimentando uma parcela diminuta do perímetro urbano da mesma, na qual a vida acontece. E, inclusive, formula percepções parciais (LYNCH, 1997), porém, representativas *do todo* com base em experiências espaciais, também, fragmentárias.

4.2.3 Demandas de consumo e a fragmentação do lugar

A cidade é formada por lugares (familiares, cheios de significados, dos hábitos conhecidos e reproduzidos, da norma) e espaços indiferenciados (vazios de significados, amplos, desconhecidos, estranhos) (TUAN, 1983) que se sobrepõem ao longo do tempo estabelecendo uma configuração territorial única, tanto técnica quanto antropológicamente.

Nesta perspectiva, a Barra de São Miguel, para o morador, – mesmo com dimensões urbanas diminutas – revela-se fragmentada, e os lugares do acontecer da vida não compreendem a cidade (perímetro urbano) em sua totalidade, mas a parcelas dela, comprovada por meio dos *itinerários cotidianos*. Desconstruindo a ideia de a pequena cidade poder ser “vivida [...] em todos os seus cantos” (CARLOS, 2007b, p.17).

Deste modo, a premissa de que cidades menores permitem ao habitante uma experiência e conhecimento total das mesmas, não corresponde à realidade. Outros fatores deverão ser considerados para se chegar a uma consideração acertada. Exemplo relevante, são os mecanismos econômicos e políticos hegemônicos e exógenos. No caso da Barra de São Miguel, estes mecanismos hegemônicos são representados pelo turismo e seus empreendimentos, inclusive imobiliários.

Por se tratar de uma cidade de interesse para mercado capitalista, de grande potencial turístico, e ter o segmento de segunda residência como principal expressão, a Barra de São Miguel tem distinções territoriais significativas, que são percebidas pelo seu habitante. Do mesmo modo, o mercado imobiliário tem transformado consideravelmente as feições da cidade, elevado o valor dos terrenos e determinado a ocupação do solo urbano. Algumas

divisões administrativas³¹ – Porto das Vacas, Brejo e Barra Mar – são caracterizadas como áreas de expansão urbana típicas para veraneio, pousadas e hotéis, onde se encontram edificações de alto padrão técnico de engenharia, ocupando lotes imensos e arquitetura diferente da vernácula.

Durante a maior parte do ano, as ruas dessa área encontram-se desertas, as casas fechadas, as pousadas com baixa ocupação, lojas e lanchonetes deixam de funcionar. Lembram um grande parque temático fechado para manutenção: vazio, silencioso e sem vida. Durante o verão, no entanto, o quadro se inverte: pousadas repletas de turistas, casas de veraneio lotadas, grande número de veículos transitando pelas ruas estreitas da cidade, supermercado, lojas e lanchonetes funcionando dia e noite, *shows* e *espetáculos culturais* diários.

O mercado turístico exerce grande influência na captação do território da cidade para mais empreendimentos voltados para interesses externos e para atrair consumidores de outras cidades e estados, e afastar o morador. Gera espaços estranhos, não-familiares e não-relacionais para aqueles que ali vivem e reproduzem suas vidas. Os espaços do espetáculo turístico e imobiliário são os mesmos *lugares não-identitários* identificados pelos moradores como ausentes de significados, de referenciais, de conhecimento e de história (AUGÉ, 1994; DEBORD, 1997).

Esta realidade é constatada nos relatos, nas comunicações e na forma do morador expressar o que sente e pensa. O que se pretende agora é confirmar as considerações conseguidas com os *itinerários*. Ao perguntar se existem diferenças (e quais diferenças) entre o lugar de moradia e a cidade como um todo, obteve-se como resposta: 90% dizem que *sim*, contra 10% que dizem *não*. As respostas e explicações desta questão fazem parte do procedimento de *associação livre*. Na tabela 07 são discriminadas as diferenças declaradas.

TABELA 07 – Diferenças verificadas pelo morador na cidade

Respostas	%
Existem duas Barras: a dos ricos e a dos pobres	88,0
A tranquilidade	2,0
Não se aplica*	10,0
Total	100,0

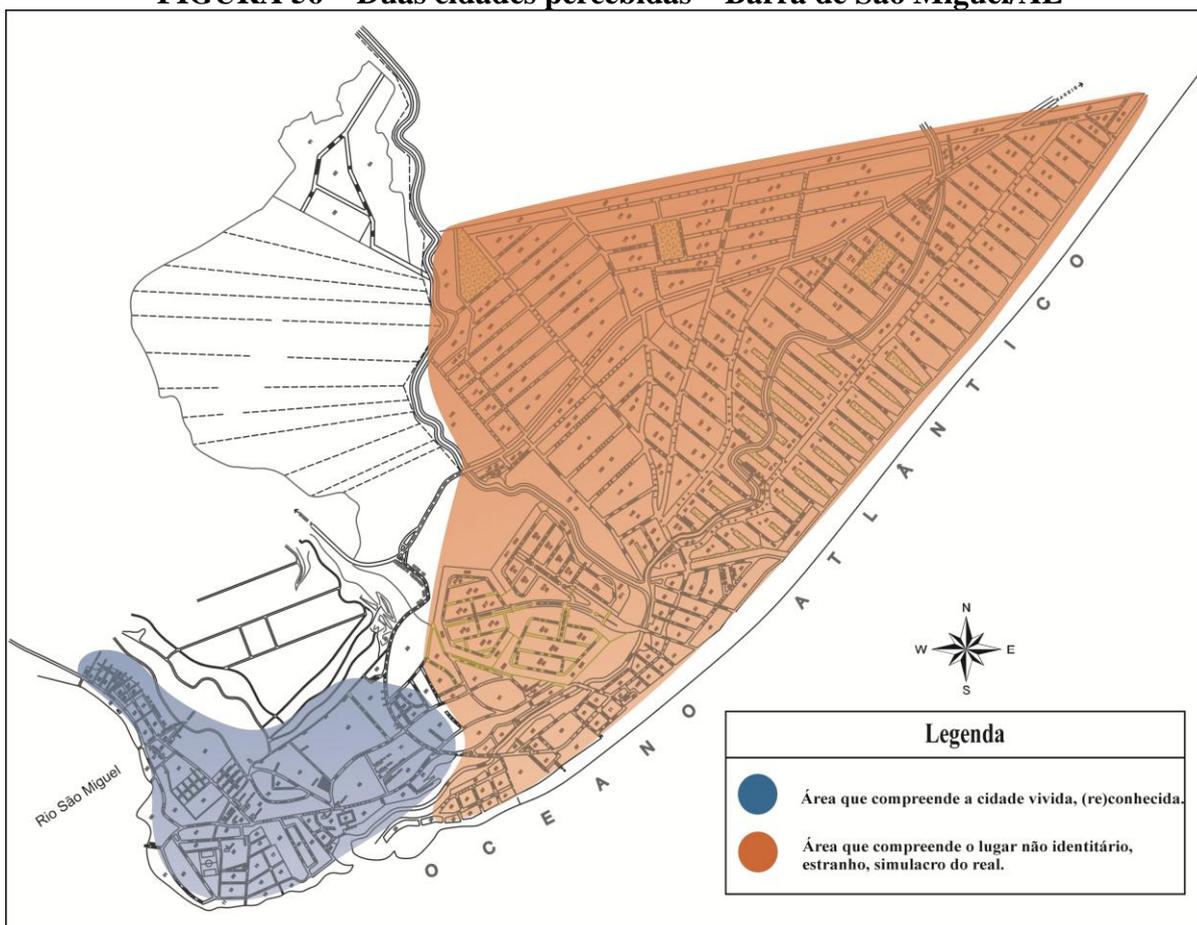
Fonte: o autor/2012.

*Os 10% que dizem não ver diferenças entre o lugar de moradia e outros lugares da cidade.

³¹ Descritas no primeiro capítulo, página 15.

Segundo a tabela e relatos, 88% dos depoentes percebem a existência de duas cidades: a Barra de São Miguel – dos ricos – limpa, pavimentada, saneada e a Barra de São Miguel – dos pobres – em que o lixo fica quadro dias nas ruas sem ser recolhido, lama e buracos por toda parte, e falta de manutenção dos equipamentos urbanos. Conforme os resultados do instrumental, a figura 56 ilustra a divisão percebida pelo morador.

FIGURA 56 – Duas cidades percebidas – Barra de São Miguel/AL



Fonte: Autor/2011.

A área em azul da figura delimita o lugar do *acontecer da vida*. É o *loco* das relações com o outro e com os espaços urbanos, onde a realidade ordinária e cotidiana – feita de fatos e acontecimentos que mantêm a vida – nasce e se constitui (DAMIANI, 2007, p. 164). E é por meio do uso e da apropriação espacial que o homem – no contato diário do seu corpo (sentidos corpóreos) com os objetos e os equipamentos urbanos – transfere aos espaços significados e sentidos únicos (CARLOS, 2007a; TUAN, 1983).

As relações cotidianas culminam em laços de identidade com os espaços urbanos, ou seja, o vivido encontra sua realização plena e de fato enquanto processo espacializado,

enquanto identidade com o espaço, gerado pelo uso e apropriação através do corpo e dos sentidos – assim o homem percebe o mundo e o reproduz (CARLOS, 2007a, p. 17).

Desta forma, dá-se o processo ininterrupto de construção do *lugar identitário*: conhecido e reconhecido em cada canto do dia a dia; repleto de subjetividades adquiridas no linear curso da vida, no ir e vir dos afazeres ordinários (CARLOS, 2007b); palco de relações dialéticas entre necessidades humanas e determinações técnicas.

É no *lugar identitário*, no perímetro do *acontecer da vida*, que a história do indivíduo é escrita, não com tinta e em papel, mas com o pó do chão, com o suor diário, no calor das emoções e dos acontecimentos, no contato direto e íntimo com o outro (vizinhos, amigos, parentes).

No entanto, devido a ação do mercado consumista, a cidade apresenta-se, ainda, como um espaço em migalhas, estando estas últimas ligadas por conexões hierárquicas. Assim, a área destacada em vermelho, na figura, representa a *confluência* entre *lugar não-identitário* e o território onde os agentes do capital exercem suas forças e concretizam as transformações necessárias para adaptar o local aos moldes gerais de consumo. E, a partir deste ponto, tem-se irradiado por parcelas de solo, ainda não ocupadas, do município – apropriando-se do território.

Como foi dito anteriormente, o turismo e a especulação imobiliária são as principais expressões da mercantilização do território da Barra de São Miguel. São responsáveis pela abertura (dissolução) das fronteiras para ações econômicas exteriores (CARLOS, 2007c, p. 174) e transformação da cidade em um *território-mercadoria*, destruída, pasteurizada e adaptada para atender a *sociedade do consumo* (DEBORD, 1997, p. 109).

Os *condomínios-clubes* (pontuados no primeiro capítulo) são a materialização (resultado e expressão) desta conjuntura acima descrita: resultam da assimilação do território por agentes exógenos, que têm por interesse transformá-lo em mercadoria, exaltando suas potencialidades paisagísticas naturais, criando a pseudo-imagem de *maior balneário turístico do estado* e vendendo, esta realidade inventada, por meio das diversas mídias.

O lugar aos poucos perde seu caráter relacional para adquirir funcionalidades específicas: de recreação, diversão, lazer. E como tal não pode envelhecer, pois é palco do espetáculo do consumo, simulação do real (BAUDRILLARD, 1991; DEBORD, 1997) e manifestação do *lugar não-identitário*. Este processo de especialização do lugar, “retira [...] sua historicidade complexa, e ele tende a simulacro da história. Quanto mais inserido na

mundialidade, mais apartado da história, ainda mais se torna um sistema fechado em suas possibilidades” (DAMIANI, 2007, p. 164).

O turismo de segunda residência representado pelos empreendimentos supracitados, e outros lotes individualizados, paulatinamente, está fragmentando e isolando parcelas imensas do território e transformando-as em grandes parques aquáticos e complexos recreativo-esportivos, dos quais o morador não participa.

Com a venda dos apartamentos e lotes, surge outro tipo de relação socioespacial regida pelo consumo: os donos desta nova forma de morar são hóspedes na própria casa, são consumidores da natureza, da paisagem, do lazer, da felicidade vinculada à imagem criada do lugar pelo setor imobiliário. É a sobreposição do valor de troca ao valor de uso do lugar. Assim,

[...] não se vendem mais objetos, tijolos ou habitações, mas cidades. Isso significa dizer que o espaço torna-se mercadoria, entra no circuito da troca, e com isso espaços antes desocupados se transformam em mercadoria, entrando na esfera da comercialização (CARLOS, 2007c, p. 175).

Com isso, ocorre a modificação dos antigos lugares de uso em lugares de consumo: a praia deixa de representar diversão desinteressada, para ter funções específicas e normatizadas. Permanecer na faixa de areia é sinônimo de consumo de produtos, alimentos e serviços destinados a não moradores (turistas e veranistas). E, ainda, verifica-se que mesmo se tratando de uma cidade pequena, o morador não se reconhece em todos os cantos, nem mantém contato com o perímetro urbano em sua totalidade, não se confirmando, deste modo, a reflexão proposta por Carlos (2007b) e problematizada no segundo capítulo deste trabalho.

Diante deste cenário, a relação morador-turismo é delineada, e o cotidiano sofre dinamização singular. No processo, as representações da atuação do segmento turístico são formuladas. Assim, o morador-entrevistado foi convidado a expressar seu pensamento a respeito do turismo. As *associações livres* atribuídas à questão foram categorizadas no gráfico 19, a seguir.

GRÁFICO 19 – Opinião sobre a palavra TURISMO



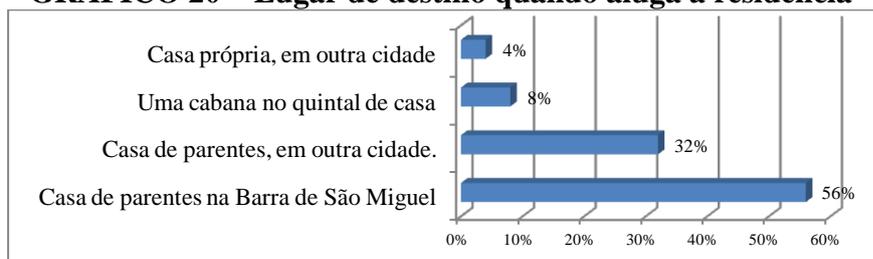
Fonte: autor/2012

Infere-se do resultado que, apesar de 48% dos entrevistados associar as atividades do turismo ao desenvolvimento econômico da cidade, para 52%, o turismo não trás mudanças significativas na vida pessoal (econômica e social). No entendimento dos entrevistados, a riqueza gerada permanece sob a custódia dos próprios agentes propulsores do turismo e não demonstram haver ligação da crescente ação do turismo com melhorias na qualidade de vida.

Simultaneamente, a lógica do consumo vem se consolidando ao longo dos anos na cidade da Barra de São Miguel, e gerando novos espaços, modificando as relações cotidianas com a cidade. São numerosos os estabelecimentos comerciais, lugares de consumo, voltados apenas a servir aos não moradores, (lanchonetes, lojas de moda praia, óticas, salões de beleza, bares, restaurantes, casas de *shows*), e que acompanham o movimento pendular dos veranistas: a maioria instala-se no verão e, terminada a estação, fecha as portas para só reabri-las no ano seguinte.

Um exemplo significativo das transformações drásticas e pontuais acontece no período do carnaval na Barra de São Miguel, pois 52% das pessoas entrevistadas afirma alugar suas casas durante o carnaval. E com o aluguel do imóvel, famílias inteiras migram para outras cidades (36%), outra parcela (56%) hospeda-se na casa de parentes que moram mais distantes da praia e dos locais onde acontecem os eventos festivos, e um pequeno percentual (8%) improvisa cabanas nos fundos da própria casa (gráfico 20).

GRÁFICO 20 – Lugar de destino quando aluga a residência



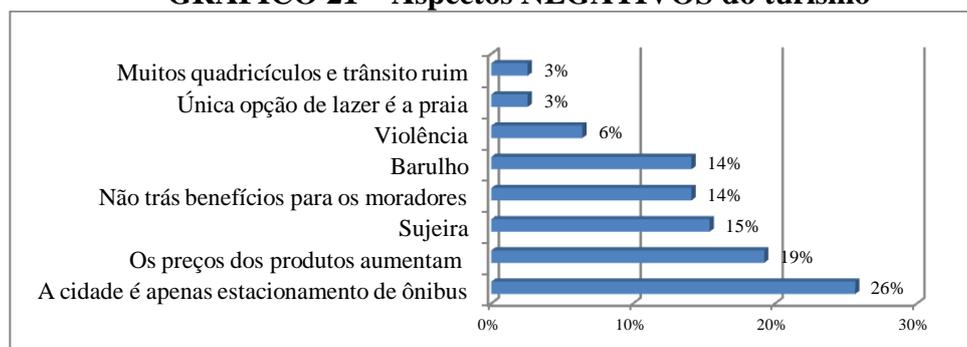
Fonte: autor/2012

Este exemplo é revelador de que o turismo em desenvolvimento na cidade da Barra de São Miguel inclui o morador da participação em suas promoções, atividades e expressões. O modo encontrado por uma parcela significativa dos moradores para benefício próprio foi garantir renda extra para a família por meio dos alugueis por temporada (valor praticado varia entre R\$ 1.000,00 a R\$ 3.000,00, dependendo do tamanho do imóvel). O que representa um ganho expressivo diante da renda familiar (78% têm rendimentos abaixo de um salário mínimo).

Estas atividades do turismo e seus empreendimentos são representantes do exótico, instalam-se na cidade não em solicitação às necessidades autóctones, mas para atender demandas consumistas inventadas e externas, são o *lugar não-identitário*, e por excelência transformam grandes parcelas da área urbana em simulacro, no intuito de atrair muitos consumidores, elevar o lucro e, conseqüentemente, a (re)produção do capital (BAUDRILLARD, 1991).

Esta concepção é verificada nos depoimentos a seguir: ao ser perguntado sobre os aspectos positivos e negativos do turismo, o entrevistado depôs livremente seu pensamento elencando respostas para cada categoria. Primeiramente, explorar-se-á os aspectos categorizados como negativos sobre o turismo – gráfico 21.

GRÁFICO 21 – Aspectos NEGATIVOS do turismo



Fonte: autor/2012

Assim, corroborando com o explanado no decurso do capítulo, os aspectos negativos apontados pelos entrevistados sobre o turismo, revelam o papel segregador desempenhado por este segmento econômico em relação aos moradores do lugar: 19% dos entrevistados verificam que os preços de tudo que é comercializado na cidade ficam abusivos, principalmente, no período da alta estação turística. E os lugares de lazer, recreação, diversão que surgem sazonalmente na cidade, cobram valores excessivamente altos para os padrões de consumo locais, gerando um processo de exclusão socioespacial, acentuando as fronteiras que separam a *cidade vivida* pelo morador da *cidade cooptada* pelo capital.

Deste modo, impõem-se limites ao passo e ao uso dos espaços urbanos pelo morador, privatizando-se os lugares e encarecendo-se produtos, serviços e alimentos. A cidade é transformada em mercadoria para não moradores, em virtude dos preços proibitivos praticados. Além, evidentemente, do fato do turismo tornar a cidade *suja* (para 15% dos

entrevistados), *barulhenta* (14%), *violenta* (6%) e – reafirmando – *não oferece benefícios, diretos, para os moradores* (14%).

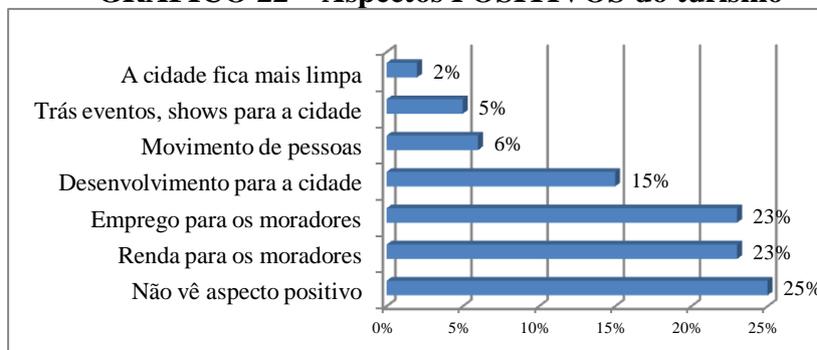
Como é possível perceber muitos pressupostos teóricos adotados nesta pesquisa são ratificados, ao longo do tempo, pela aplicação do instrumental metodológico e, principalmente, pelos resultados empíricos obtidos. Comprovando-se a eficácia da tríplice fundamentação que concatena teoria, metodologia e prática.

Um aspecto importante percebido pelos entrevistados, que tem se acentuado nos últimos anos, é o fato da cidade estar se tornando um ponto de apoio para os receptivos de turismo: grande número de ônibus fica estacionado na cidade e os turistas seguem de barco para praias (por exemplo, praia do Gunga em Roteiro) de municípios circunvizinhos.

As implicações econômicas e sociais desta organização turística são: a queda do faturamento do comércio formal (bares, restaurantes, pousadas e hotéis), desaparecimento do comércio informal (vendedores ambulantes de lanches, artesanato, *souvenir*), estagnação e falência do setor de serviços, e, conseqüentemente, diminuição do número de empregos formais permanentes, e redução das possibilidades de renda extra para os habitantes pobres – boa parte sem qualificação profissional (46%) e/ou com baixa escolaridade (58%)³².

Mesmo analisando os aspectos positivos citados pelos entrevistados, infere-se que 25% dos entrevistados não percebem nenhum aspecto relevante (Gráfico 22). Torna-se patente, por meio das comunicações, que o turismo tende a ser percebido e representado por meio das tensões que provoca e na sua forma predatória, na qual sua atuação é pouco compatível com os desejos, necessidades e interesses do morador.

GRÁFICO 22 – Aspectos POSITIVOS do turismo



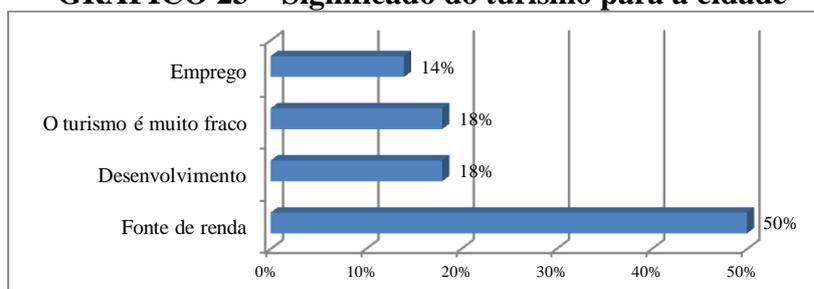
Fonte: autor/2012

³² Conferir gráficos 5 e 7, respectivamente páginas 95 e 96, capítulo 4.

Esta percepção do turismo aponta para o entendimento de que as construções mentais levam em conta não apenas os elementos reificados do entorno, mas, também, as forças exógenas intangíveis atuantes no lugar de convívio diário. Mesclando as *três figuras do excesso* (AUGÉ, 1994) com a estrutura espacial circundante (LYNCH, 1997) para a formulação das representações socioespaciais.

Apesar das tensões entre interesses capitalistas e a produção (manutenção da vida) do cotidiano, existe afinidades do morador com o turismo, enquanto fonte de renda e emprego, possibilidade de melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento para a cidade. (resultados associados tanto aos aspectos positivos quanto ao significado do turismo e apresentados no gráfico anterior e no gráfico 23, a seguir).

GRÁFICO 23 – Significado do turismo para a cidade



Fonte: autor/2012

Infere-se, então, que existe uma segregação espacial, reconhecida pelo morador-entrevistado, mas não há uma rejeição, plena e total, em relação ao turismo e suas ações na cidade. Este dado é confirmado ao avaliar-se as respostas à questão sobre o que é viver na Barra de São Miguel. Entende-se que mesmo com a consolidação de uma estrutura socioeconômica excludente a cidade é considerada tranquila e boa para se viver, por 84% dos entrevistados. Ver gráfico 24.

GRÁFICO 24 – O que é viver na Barra de São Miguel



Fonte: autor/2012

Este fato é revelador de um processo dinâmico e, por isso mesmo, não acabado operante na Barra de São Miguel, no qual, as tensões são constantes e muitas vezes tendem a se sobrepor reformulando as relações ordinárias e redimensionando, resignificando o lugar em que a vida acontece. E o morador tende a adaptar-se às novas determinações socioespaciais, criando novos vínculos, novos laços e novas representações.

Assim, decorrente do *status quo* apresentado, a cidade, mesmo pequena, apresenta-se repleta de contradições: existe a convivência simultânea entre elementos coercitivos e libertários, o conflito e a paz, o possível e as ações limitadas, as livres escolhas e os atos coordenados (normatizados), o cheio e o vazio, os sentimentos de identidade e estranhamento, a passagem e o permanecer, a continuidade e a descontinuidade, o fluido e o estático, o duradouro e o efêmero, o público e o privado, a memória e a amnésia, a construção e a destruição, o belo e o feio, o velho e o novo, o histórico e o anistórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Barra de São Miguel, como a maioria das cidades litorâneas do Nordeste brasileiro e do interior alagoano, sofre o processo de valorização exponencial do solo urbano e, conseqüentemente, a transformação da configuração espacial de seu território por meio de diversos empreendimentos nitidamente turísticos – hotéis, bares, restaurantes, condomínios, casas de veraneio com alto padrão arquitetônico, etc. Neste contexto, novas demandas de consumo surgem com os visitantes/turistas, e as redes de relações socioespaciais são reconfiguradas, gerando rupturas dos laços de familiaridade e lacunas no cotidiano vivido dos moradores da cidade.

Ao longo do processo de constituição do seu território, o município evoluiu de uma pequena vila de pescadores e marisqueiros (no início do séc. XVI), para um renomado balneário turístico de grande importância econômica para diversos segmentos empresariais atuantes no Estado de Alagoas, nos dias atuais. Assincronamente, os aspectos sociais da cidade não se desenvolveram no mesmo ritmo do crescimento econômico, constituindo uma frágil estrutura socioespacial e econômica.

Destarte, o modo como o habitante interage com a Barra de São Miguel está relacionado a diversos elementos atuantes no território do município – inclusive aos que têm origem e respondem a interesses exógenos. Deste modo, os laços de familiaridade, o sentimento de pertencimento, a imagem mental formulada, a atribuição de significados, as comunicações e a percepção da cidade revelam-se por meio da relação bilateral entre habitante/lugar/mundo, numa estrutura complexa de convergência de forças econômicas e políticas.

Nesta perspectiva, o viés escolhido nesta dissertação para se chegar ao entendimento das percepções e formulações mentais sobre a cidade foi a partir do estudo do diálogo cotidiano entre os homens e o espaço urbano em seus itinerários, tendo como pano de fundo os enlaces econômicos de consumo do lugar.

Inicialmente, levanta-se como hipótese que a representação da imagem da cidade, formulada pelo seu morador, evidencia contradições originárias do processo de expansão do mercado consumista (e excludente) em seu território, e conseqüentemente tem expropriado,

em um curto período de tempo, parcelas significativas do solo urbano para incorporá-las às atividades turística e imobiliária de lazer e de segunda residência.

Essa dinâmica singular, no território desta pequena cidade, tem provocado, ao longo dos anos, aceleradas transformações no espraiamento técnico e arquitetônico, nas redes de relações socioespaciais, no cotidiano vivido pelos moradores. Por conseguinte, para [re]adaptar-se às novas *nuances* espaciais, o homem – dada suas limitações corpóreas – necessita de um tempo diferente para assimilá-las. A quebra das relações familiares do habitante com a cidade e, conseqüente despontar de *lugares não-identitários*, ocorre, inclusive, devido ao processo assíncrono entre o tempo de reprodução da vida humana e o tempo de evolução da técnica.

Nesses moldes, a representação do lugar obteve resultado bastante heterogêneo: o morador-entrevistado (55%) representa seu lugar por meio de elementos tradicionais (igreja, casa antiga) e modernos (agência bancária e supermercado) evidenciados no território vivido, e por meio da riqueza (áreas turísticas) e da pobreza (ruas lamacentas) verificadas nas diferentes tipologias habitacionais e na manutenção das áreas e dos equipamentos urbanos públicos.

A praia e o rio representam trabalho e sustento para o morador (76%) – é o lugar do uso – e, ao mesmo tempo, lazer oferecido aos visitantes (73%) – lugar funcional. Essas composições são feitas a partir de fatos, acontecimentos, usos e objetos que marcaram a vida de alguma forma, e manifestam a história recente construída no cotidiano.

Com este foco, as relações de consumo que se expressam e são identificadas na cidade da Barra de São Miguel têm como ênfase a apropriação exaustiva dos aspectos naturais, paisagísticos e culturais para fins turísticos e imobiliários. Trata-se da constituição de uma imagem midiática da cidade, supervalorizando os diferenciais e potenciais naturais, no intuito de agregar valor aos empreendimentos turísticos, e incutir, no visitante, o desejo de consumo do prazer e da diversão.

Portanto, o turismo e seus empreendimentos – introdutores das figuras do excesso na cidade da Barra de São Miguel – funcionam como aceleradores do processo inter-relacional observador/objeto. Essa dinamização acelerada fraciona o espaço, segrega os pobres (78% dos entrevistados) e inibe as relações atuais, levando o morador a reconstruir lentamente (devido suas limitações corpóreas e cognitivas) seus laços familiares, seus espaços significantes, realinhar os *lugares identitários*. Gera, inclusive, paralelos adaptativos, novos conectores e

conectivos entre homem/cidade e homem/homem: novos valores, histórias e significados são, lentamente, atribuídos às novas formas espaciais encontradas.

Concomitantemente, a cidade é vendida sob a função simplista de um grande balneário, onde o consumo de seus recursos é a base do *prazer* de quem chega. Saciar o desejo de prazer e de felicidade é uma obrigação de quem vem desfrutar dos espaços midiáticos, espetacularizados e falsificados, encontrados no município. Nesses moldes, o morador, legítimo *usador* dos lugares, é substituído pelo consumidor, no processo de concretização da sociedade do consumo.

Como pseudo-realidade, a cidade funcional é concebida, vendida e alardeada. Parcelas significativas de seu território são alienadas de seus significados para transformarem-se em simulacros do real, em caricaturas perversas de uma vida cotidiana tranquila de pequena cidade, atrelada ao bem-estar e ao luxo oriundos dos grandes centros urbanos.

Assim, as relações com a cidade e a construção de sua imagem revelam, também, um espaço fragmentado. Percebe-se a existência de duas Barras de São Miguel: (1) aquela vivida, conhecida, reconhecida pelo habitante (*lugar identitário*) e (2) aquela espetacularizada, simulada, cooptada pelo turismo e por empreendimentos imobiliários para atender demandas exógenas (*lugar não-identitário*), nitidamente representadas pelos *condomínios-clube* e os lugares de lazer e entretenimento sazonais (*Villa Niquin*, redes de lojas, restaurantes e lanchonetes) instalados na cidade.

Ao analisar a imagem consensual e o significado dado à Barra de São Miguel, percebe-se a formação de barreiras espaciais invisíveis, porém bem delimitadas, fruto da ação do capitalismo que gera *lugares não-identitários*, perfeitas expressões de simulacros.

Assim como Dubai, Disneylândia e Havaí, lugares arquitetados para serem vistos/consumidos pelo mundo (porém, não vividos), a Barra de São Miguel – dentro de suas especificidades e sistema conjuntural – é uma cidade preparada pelo turismo para ser vista e consumida, não pelo seu simples morador, mas por uma parcela detentora de elevado poder econômico.

Os laços familiares e os hábitos cotidianos dos moradores com o lugar são desmantelados em virtude do alto grau de acumulação do capital, que transforma tudo em um apanhado de imagens e sensações simuladas, espetacularizadas – em mercadoria. Paralelamente, o território da cidade, aos poucos, é esmigalhado em porções menores para que seu valor de venda seja máximo, culminando na fragmentação dos lugares cotidianos.

Por meio dos itinerários cotidianos foi possível confirmar a fragmentação supracitada e demonstrar quais parcelas da cidade fazem parte da realidade vivida por seu habitante. A cidade em sua totalidade, muitas vezes, não é a mesma conhecida, reconhecida, vista e tocada cotidianamente pelo morador.

O lugar do florescer da vida, da reprodução dos hábitos e costumes, verificados por meio dos itinerários cotidianos, compreende ao pequeno perímetro do Centro da cidade, sugerindo o confinamento dos moradores a uma pequena parcela da cidade – lugar de convívio, reconhecimento e construção de laços afetivos. Simultaneamente, os empreendimentos turísticos criam uma espécie de *cinturão de condomínios-clubes* ao redor da área urbana do município.

Deste modo, não restam dúvidas que as experiências corpóreas diárias, com os espaços urbanos, são o que distingue um *lugar identitário*, do *não identitário*. Os hábitos e itinerários cotidianos desenvolvem-se em parcelas específicas do território da cidade, às quais o homem pode chamá-las de suas, pois são lugares íntimos, familiares e impregnados de significados. Inversamente, as parcelas da cidade apropriadas pelo turismo perderam seus significados, foram transformadas em mercadoria, onde o valor de troca se agiganta sobre o valor de uso – são criações, simulações da realidade autóctone.

Assim, para o morador-entrevistado (88%) parte da área urbana parece transformada em uma cidade cenográfica, na qual, por um curto período do ano, multiplicam-se empreendimentos (de entretenimento, de lazer, artísticos e gastronômicos) estranhos ao lugar que simulam realidades e criam pseudo-relações socioespaciais. O morador (salvo raras exceções) *não é convidado* a participar dos eventos e empreendimentos ocorridos durante o verão, pois são voltados para um público de não-moradores e, principalmente, por causa dos preços proibitivos cobrados pelos produtos e serviços oferecidos.

A ocorrência deste processo tem por consequência o afastamento do morador do seu lugar vivido, e a atração de pessoas com grande poder aquisitivo que podem *comprar* lazer, prazer e felicidade, como pseudo-valores agregados ao lugar e ao imóvel de segunda ou terceira residência adquiridos.

Todavia, o morador percebe no turismo o meio de crescimento econômico na cidade (48%), e, conseqüentemente, o surgimento de empregos para os moradores, mesmo não sendo beneficiário direto do turismo (para 52% dos entrevistados). A tendência verificada, e

mencionada anteriormente, é o despontar de processos adaptativos às novas urbanidades trazidas pelos agentes do consumo.

Portanto, a vida do morador da Barra de São Miguel encontra-se permeada pelos agentes do capital atuantes na cidade, e isso traz indícios das novas conexões e adaptações que dinamizam o cotidiano vivido e transformam as percepções, as apreensões e significações dadas à cidade. O turismo desempenha o papel de introdutor de novos elementos e formas espaciais, de novas forças econômicas e políticas; e de acelerador da dinâmica inter-relação entre homem/espço. Por isso, mesmo tratando-se de uma pequena cidade, é possível perceber – por meio da configuração espacial e dos depoimentos dos entrevistados – distintas cidades convivendo em um mesmo tecido urbano.

Esse processo verificado não acelera apenas a dinâmica do lugar, mas a percepção do mesmo pelo seu habitante. As experiências, os usos, os diálogos com a cidade estão se metamorfoseando. Improvável prever quais rumos esta realidade tomará, mas, nitidamente, o morador está constantemente se refazendo e se readaptando às novas configurações espaciais, e às novas limitações ao caminhar. E ainda, este morador está recombinaando fatores, reconectando relações, transformando e adaptando os itinerários cotidianos, as percepções e rede de relações mantidas com o urbano.

Inevitavelmente, nos dias atuais, constata-se a existência de uma dinâmica rede de relações socioespaciais na qual o global interfere cada vez mais nas determinações locais. E, diante do descompasso entre as rápidas transformações espaciais e a capacidade assimilativa humana, cabe ao indivíduo – habitante das cidades – desenvolver seu potencial de adaptação e produzir inéditas conexões mentais e socioespaciais, no sentido de experimentar e de formular novas representações e imagens, novos usos e percepções, novas relações cotidianas com o lugar vivido – com a sua cidade.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. 6. ed. Campinas: Papirus, 1994.

ALMANAQUE DAS ALAGOAS. Maceió: SEGAL, 1974.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. 12. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARROS, Francisco Reinaldo Amorim de. *ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2005, v. 2.

BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 12.382, de 25 de fevereiro de 2011. Dispõe sobre o valor do salário mínimo em 2011 e a sua política de valorização de longo prazo; disciplina a representação fiscal para fins penais nos casos em que houve parcelamento do crédito tributário; altera a Lei no 9.430, de 27 de dezembro de 1996; e revoga a Lei no 12.255, de 15 de junho de 2010. Disponível em: <planalto.gov.br>. Acesso em: 03/03/2011.

CAMARGO, Luiz Octávio Lima. *O que é lazer*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CANTER, D. BROWN, J. GROAR, L. *A multiple Sorting procedure for studying conceptual systems – IN: the research interview*, 1985.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Labur Edições, 2007a.

_____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: Labur Edições, 2007b.

_____. O consumo do espaço. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007c, p. 173-186.

CENTRO DE PREVISÃO DE TEMPO E ESTUDOS CLIMÁTICOS. Disponível em:<www.cptec.inpe.br>. Acesso em: 18/10/2011.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

DAMIANI, Amélia Luisa. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). *Novos caminhos da Geografia*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 161-172.

- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.
- DESJEUX, Dominique. *O consume: abordagens em ciências sociais*. Maceió: EDUFAL, 2011.
- DICAS DE FÉRIAS. Disponível em: <dicasdeferias.com>. Acesso em: 17/07/2011.
- DKSK. Disponível em: <dksk.org>. Acesso em: 17/07/2011.
- DUARTE, Renata B. de A.(org.). *Histórias de sucesso: comércio e serviços: turismo*. Brasília: SEBRAE, 2006.
- DUBAI. Disponível em: <2daydubai.com>. Acesso em: 17/07/2011.
- GAFISA. Disponível em:<gafisa.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.
- GAZETAWEB. Disponível em: <gazetaweb.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.
- GIL, A. H. F.; GIL FILHO, S. F. Geografia do cotidiano: uma leitura da metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. *Revista eletrônica ateliê geográfico*. Goiânia, vol. 2. n. 4. p. 102-118, UFG-IESA, 2008. Disponível em: <revistas.ufg.br>. Acesso em: 10/06/2011.
- GONZAGA, Luiz; TEIXEIRA, Humberto. *Estrada de Canindé*. São Paulo: RCA Victor, 1988. 1 disco, estéreo. Lado B, faixa 02 (2 min. 38s.).
- GREUEL, Marcelo da Veiga. *Experiência, pensar e intuição – introdução à fenomenologia estrutural*. São Paulo: Cone Sul/UNIUBE, 1998.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. *Territórios alternativos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- HALL, Edward T. *A dimensão oculta*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 4. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- _____. *Sociología de la vida cotidiana*. 4. ed. Coleção: Historia, ciencia, sociedade. Barcelona: Ediciones Península, 1994.
- IBGE. Disponível em: <ibge.gov.br>. Acesso em: 02/09/2011.
- _____. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios 1999 [CD-ROM]*. Microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.
- ILOA. Disponível em:<iloa.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.
- INEP. Disponível em:<portal.inep.gov.br>. Acesso em: 15/11/2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MUCCHIELLI, Roger. *O questionário na pesquisa psicossocial*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

OLIVEIRA, Jonica el Cedraz de. Vozes múltiplas comunitárias recriam cidades e metrópoles. *Revista universidade e sociedade*. Rio de Janeiro, n. 27. p. 37-46, 2002. Disponível em: <seara.uneb.br>. Acesso em: 14/07/2011.

PNUD. Disponível em: <pnud.org.br>. Acesso em: 23/06/2011.

RYKWERT, Joseph. *A sedução do lugar: a história e o futuro da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. *Pensando o espaço do homem*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. Fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

TULIK, Olga. *Residências secundárias: presença, dimensão e expressividade do fenômeno no Estado de São Paulo*. 1995. 154 f. Tese (Livre-Docência) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 1995.

VIVERINC. Disponível em: <viverinc.com.br>. Acesso em: 15/02/2012.

WIKIPÉDIA. Disponível em: <wikipedia.org>. Acesso em: 13/08/2011.

APÊNDICE A – Cópia do formulário aplicado



Universidade Federal de Alagoas – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado



Nº.

Este questionário é parte integrante da pesquisa sobre de mestrado intitulada “A cidade vivida: estudo da representação socioespacial da Barra de São Miguel – AL”, vinculada a Universidade Federal de Alagoas e não tem nenhum vínculo com órgãos públicos, governamentais ou privados. As questões buscam saber a opinião do habitante da Barra de São Miguel sobre diversos aspectos referentes à sua vida cotidiana e sua cidade. Para o êxito da pesquisa as respostas devem ser espontâneas e revelar a opinião pessoal do entrevistado.

Dados Pessoais

01] Sexo:

1 – Feminino 2 – Masculino

02] Faixa etária:

1 – 20 a 29 anos 2 – 30 a 39 anos
3 – 40 a 49 anos 4 – 50 a 59 anos
5 – 60 anos ou mais

03] Estado civil:

1 – Solteiro/a 2 – Casado/a
3 – União estável 4 – Viúvo/a
5 – Separado/a ou Divorciado

04] Escolaridade:

1 – Nenhuma 2 – Fundamental 1 (1º ao 5º ano) 3 – Fundamental 2 (6º ao 9º ano)
4 – Médio 5 – Universitário 6 – Superior completo
7 – Técnico

05] Número de filhos:

1 – Nenhum 2 – Um filho
3 – Dois filhos 4 – Três filhos
5 – Quatro ou mais filhos

06] Local de nascimento (cidade/Estado)(caso natural da Barra de São Miguel, ir para questão 09):

07] Se de outra cidade, motivo de vir morar na Barra de São Miguel:

08] Caso de outra cidade, quanto tempo que mora na Barra de São Miguel (em anos):

1 – Um a cinco anos 2 – Seis a dez anos
3 – Onze a quinze anos 4 – Dezesesseis a vinte anos
5 – Mais de vinte anos 6 – Não mora, segunda moradia.

09] Nome do Bairro da residência:

10] Nome da rua da residência:



Aspectos socioeconômicos

11] Trabalha?

1 – Sim 2 – Não

11]

12] Caso SIM, qual função?

13] Renda mensal (Salário Mínimo R\$ 545,00)?

1 – Até 01 salário 2 – De 01 a 02 salários
 3 – De 02 a 03 salários 4 – De 03 a 04 salários
 5 – Acima de 04 salários 6 – Não tem renda fixa

13]

14] Qual meio de transporte possui?

1 – Bicicleta 2 – Motocicleta
 3 – Carro 4 – Nenhum

14]

15] A casa onde mora é:

1 – Casa Própria 2 – Alugada
 3 – Emprestada 4 – Mora com parentes
 5 – Financiada

15]

16] Quais eletrodomésticos /eletroeletrônicos têm em casa?

01	Geladeira	07	Computador SEM acesso à internet	13	Ar-condicionado
02	Fogão	08	Computador COM acesso à internet	14	Ventilador
03	Televisão	09	Lavadora de roupas	15	Telefone móvel (celular)
04	Telefone fixo	10	Batedeira	16	Liquidificador
05	Micro-ondas	11	Aparelho de DVD	17	Cafeteira
06	Ferro de passar	12	Aparelho de Som	18	TV por assinatura

Associação livre

17] Responda o que primeiro vier a cabeça sobre as palavras que estão nos cartões que serão apresentados:

01	Cidade	<input type="text"/>
02	Bairro	<input type="text"/>
03	Rua	<input type="text"/>
04	Praia	<input type="text"/>
05	Rio	<input type="text"/>
06	Turismo	<input type="text"/>



A Barra de São Miguel

18] Diga o que vier a cabeça ao ver o cartão:

Barra de São Miguel

19] Cite três aspectos positivos e três aspectos negativos da Barra de São Miguel:

Nº	Positivos	Negativos
01		
02		
03		

20] Que lugares costuma ir, cotidianamente, na Barra de São Miguel?

Nº	Nomes dos lugares	Por que?
01		
02		
03		
04		
05		
06		
07		
08		
09		
10		

21] O que é viver na Barra para você?

22] A Barra é uma cidade:

Sim	Não	Aspectos positivos	Por que?
01	01	Bonita	
02	02	Aconchegante	
03	03	Tranquila	
04	04	Limpa	
05	05	Arborizada	
06	06	Bem administrada	
07	07	Iluminada	
Sim	Não	Aspectos negativos	Por que?
08	08	Atrasada	
09	09	Sem opções de lazer	
10	10	Violenta	
11	11	Tem desemprego	
12	12	Pobre	
13	13	Barulhenta	
14	14	Tem Buracos nas ruas	

